

KASSANDRA MERIELLI LOPES LIMA

PERFIS EM REDE:

A narrativa biográfica como ferramenta de ensino e aprendizagem com
estudantes de jornalismo

NATAL/RN

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA

KASSANDRA MERIELLI LOPES LIMA

**PERFIS EM REDE: A NARRATIVA BIOGRÁFICA COMO FERRAMENTA DE
ENSINO E APRENDIZAGEM COM ESTUDANTES DE JORNALISMO**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial
às exigências do Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Mídia, da Universidade Federal do
Rio Grande do Norte, para obtenção do grau de
Mestre em Estudos da Mídia e Práticas Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Bolshaw Gomes

NATAL/RN

2018

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA

Lima, Kassandra Merielli Lopes.

Perfis em rede: a narrativa biográfica como ferramenta de ensino e aprendizagem com estudantes de Jornalismo / Kassandra Merielli Lopes Lima. - Natal, 2018.

182f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Pós-graduação em Estudos da Mídia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Bolshaw Gomes.

1. Jornalismo - Dissertação. 2. Narrativa Biográfica - Dissertação. 3. Pesquisa-Intervenção - Dissertação. 4. Estudos da Mídia - Dissertação. I. Gomes, Marcelo Bolshaw. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 316.774:070.32

FOLHA DE APROVAÇÃO

A dissertação,
elaborada por, foi
defendida no dia de de, tendo sido:

- Reprovada.
- Aprovada, mas deve incorporar nos exemplares definitivos modificações sugeridas pela banca examinadora, até 60 (sessenta) dias a contar da data da defesa.
- Aprovada.
- Aprovada com louvor.

BANCA EXAMINADORA

Marcelo Gomes Bolshaw, Prof. Dr. (UFRN)
(Orientador)

Maria do Socorro Veloso, Profa. Dra. (UFRN)

Maria Cristina Dal Pian, Profa. Dra (UFRN)

Monica Martinez, Profa. Dra (UNISO)

Área de concentração: _____

Linha de pesquisa: _____

Projeto temático: _____

Natal, RN

2018

AGRADECIMENTOS

A Deus, que primeiramente me deu a vida, para então me guiar pelos caminhos que me trouxeram até aqui, sempre muito generoso em Sua Divina Providência.

À Comunidade Católica Shalom, meu lugar na Igreja, no mundo e no céu. E, especialmente, aos meus irmãos de comunidade que me sustentaram com suas orações.

Aos meus pais, Antônio Lopes da Silva e Waldira Maria Lima da Silva, que me ensinaram a não desistir e a lutar sempre pelos meus sonhos. A eles que investiram tempo e vida na minha educação.

Aos meus irmãos de sangue, Walker Lopes e Ranieri Lopes, mesmo divididos entre estados, o apoio de vocês me levou para mais longe.

A Victor Guedes, meu melhor amigo e namorado, que viveu esse tempo comigo, fazendo desse caminho singular muito mais plural do que eu imaginava.

Ao meu orientador Marcelo Bolshaw Gomes, que me apontou metodologias criativas, exigiu quando necessário e, como bom mestre, sempre me deu autonomia para que eu pudesse dar os meus próprios passos.

Aos meus colegas de turma do Ppgem/UFRN, especialmente Kamyly Alvares e Alice Andrade. Obrigada por fazerem desse tempo um lugar de compartilhar, muito mais do que de competir.

A todos os meus professores, da Educação Básica ao mestrado em Estudos da Mídia. A docência tornou-se um lugar possível graças a vocês!

A todos os meus narrados, que me ensinaram a ser uma narradora melhor.

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias.”

Eduardo Galeano

RESUMO

PERFIS EM REDE: A NARRATIVA BIOGRÁFICA COMO FERRAMENTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM COM ESTUDANTES DE JORNALISMO

AUTORA: Kassandra Meriele Lopes Lima

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcelo Gomes Bolshaw

Como as identidades narrativas de estudantes de Jornalismo e de seus entrevistados se permutam na construção de narrativas biográficas no Jornalismo? Para responder a essa pergunta e observar o processo de aprendizado do outro através de entrevistas biográficas, investigamos como uma turma de estudantes de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) aprende a fazer entrevistas. Para isso, buscamos o aporte teórico em Martín-Barbero (1997), Martinez (2008) e Gomes (2008) para a construção daquilo que chamamos de Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo, o qual está dividido em três etapas: Fase 1 – Mapa de Contexto Social, Fase 2 – Mapa de Interação e Fase 3 – O Encontro Dialógico. Ao final das três fases, os alunos foram motivados a realizar a edição dos textos conforme o projeto digital *Humans of New York*, categorizado por Lima (2014). Ademais, propomos inicialmente, nesta dissertação, uma reflexão teórica, de acordo com os conceitos de histórias de vida em Pineau e Le Grand (2012), de narrativa jornalística em Motta (2004, 2005), de entrevista dialógica em Medina (2001), das biografias em fractais de Pena (2004) e dos perfis e biografias em Vilas Boas (2002, 2003, 2008, 2014). Sendo assim, através do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo, observamos o comportamento dos estudantes de Jornalismo antes e depois das entrevistas biográficas, identificando semelhanças e diferenças em relação aos entrevistados. A pesquisa-intervenção, através do método cartográfico de Passos, Kastrup e Escóssia (2009) e da filosofia hermenêutica de Ricoeur (1983, 1984, 1985, 1991), teve como principais resultados o aperfeiçoamento do Modelo e da capacidade interpretativa dos entrevistadores.

Palavras-chave: Estudos da Mídia. Jornalismo. Narrativa Biográfica. Pesquisa-Intervenção. Educação.

ABSTRACT

SHORT BIO IN WEB: THE BIOGRAPHICAL NARRATIVE AS A TOOL OF TEACHING AND LEARNING WITH JOURNALISM STUDENTS

AUTHOR: Kassandra Meriele Lopes Lima

ADVISOR: Prof. Dr. Marcelo Gomes Bolshaw

How, in the creation of biographical narratives of the journalism, can exchanges the narratives identities of the Journalism Students and their interviewees? To answer this question and to observe the person's learning process through the biographical interviews, we investigate how the Journalism Students in the Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) learn to make interviews. For this, the theory by Martín-Barbero (1997), Martinez (2008) and Gomes (2008) were used as foundation, in order to create this model that we call Open Model of Biographical Narratives to Journalism. It was divided in three phases: Phase 1 – Social Context Map, Phase 2 – Interaction Map and Phase 3 – The Dialogical Meeting. Finally, in the end of three phases, the students were motived to make the texts' edition according the digital Project Humans of New York, categorized by Lima (2014). Besides, it was firstly proposed in this thesis a theoretic reflection, based on the ideas of life stories in Pineau and Le Grand (2012), journalistic narrative in Motta (2004, 2005), dialogical interview in Medina (2001), biography in fractals in Pena (2004) and close-ups and biographies in Vilas Boas (2002, 2003, 2008, 2014). Therefore, based on Open Model of Biographical Narratives to Journalism, we could observe the interviewers behavior before and after the interviews, identifying the interviewees' similarities and differences. The Intervention-Research, through cartographic method of Passos, Kastrup e Escóssia (2009) and Hermeneutic Philosophy of Ricoeur (1983, 1984, 1985, 1991), had as the main results the model's improvement and interviewers' interpretative capacity.

Keywords: Media Studies; Journalism; Biographical Narrative; Intervention Research; Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico com percentual de gênero dos entrevistados.....	83
Figura 2 – Gráfico com percentual de idades dos entrevistados.....	84
Figura 3 – Gráfico com percentual de ocupação dos entrevistados.....	84
Figura 4 – Fotografia Raimundo Ildevan de Oliveira.....	88
Figura 5 – Fotografia Ana Emilia de Melo Sanção Maia.....	90
Figura 6 – Fotografia Maria de Fátima Pereira da Silva.....	91
Figura 7 – Fotografia Aécio Alcântara do Couto.....	92
Figura 8 – Fotografia Alexandre Lopes.....	94
Figura 9 – Fotografia Pedro Henrique Félix Barbosa.....	96
Figura 10 – Fotografia Paulo de Souza.....	97
Figura 11 – Fotografia Malena Flores da Silva Perreira.....	98
Figura 12 – Fotografia Maria de Lourdes Viana.....	100
Figura 13 – Fotografia Carlos Eduardo Ferreira da Cruz.....	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Três Mimeses em Ricoeur (1983).....	28
Quadro 2 – Gêneros Jornalísticos elencados por Pena (2015).....	34
Quadro 3 – Fases do Modelo Aberto por datas de execução.....	51
Quadro 4 - Fase 1 do Modelo Aberto de Construção de Narrativas Biográficas no Jornalismo.....	54
Quadro 5 - Fase 2 do Modelo Aberto de Construção de Narrativas Biográficas no Jornalismo.....	56
Quadro 6 – Fases por setênios e crises de Gudrun Burkhard (2000).....	57
Quadro 7 – Fases do Modelo Aberto por alunos.....	79
Quadro 8 – Alunos por entrevistados aplicados ao Modelo Aberto.....	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1.1 PROBLEMÁTICA	14
1.2 OBJETIVOS	17
1.3 JUSTIFICATIVA	17
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	20
CAPÍTULO II - A PRÁTICA SOCIAL DE NARRAR O PRESENTE	22
2.1 AS HISTÓRIAS DE VIDA COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO NAS CIÊNCIAS HUMANAS.....	22
2.2 O RELATO DE SI – DAS IDENTIDADES DOS SUJEITOS À CONSTRUÇÃO DO SUJEITO NA MÍDIA	28
2.3 A NARRATIVA JORNALÍSTICA: O PRESENTE MEDIADO PELO JORNALISMO	34
2.4 UM BREVE RESUMO: DA BIOGRAFIA AO PERFIL NO JORNALISMO	39
2.5 A ENTREVISTA BIOGRÁFICA: O DIÁLOGO POSSÍVEL E OS FRACTAIS BIOGRÁFICOS	42
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: O CAMINHO DA PESQUISA- INTERVENÇÃO COM ESTUDANTES DE JORNALISMO	46
3.1 A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO ABERTO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO.....	51
3.1.1 Passo a passo do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo	52
3.1.1.1 Fase 1: Mapa de Contexto Social.....	52
3.1.1.2 Fase 2 – Mapa de Interação.....	55
3.1.1.3 Fase 3 – O Encontro Dialógico.....	57
3.1.1.4 Edição Final: <i>Humans of New York</i>	60
CAPÍTULO IV - A METALINGUAGEM DA EXPERIÊNCIA: MEDIANDO AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE ESTUDANTES DE JORNALISMO EM SALA DE AULA.....	62
4.1 DIÁRIO DE BORDO I: O PERCURSO DA PESQUISADORA NA PESQUISA “PERFIS EM REDE”	63
4.2 DIÁRIO DE BORDO II: O ENSINO E APRENDIZAGEM DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS EM SALAS DE AULA.....	69
4.2.1 A adoção de novos métodos no ensino do Jornalismo: a Jornada do Herói.....	73

4.3 DIÁRIO DE BORDO III: PERMUTANDO IDENTIDADES, MEDIANDO SUJEITOS?.....	76
CAPÍTULO V - A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DOS ESTUDANTES DE JORNALISMO DA TURMA DE SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO	79
5.1 EXPERIÊNCIA DES (OBJETIVA): A APLICAÇÃO DO MODELO ABERTO NA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO	79
5.2 EXPERIÊNCIA SUBJETIVA: A APLICAÇÃO DO MODELO ABERTO NA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO	85
5.2.1 Grupo 1 – Estudantes que entrevistaram familiares	86
5.2.2 Grupo 2 - Estudantes que escolheram entrevistados do convívio familiar ou amigos.....	90
5.2.3 Grupo 3 – Estudantes que escolheram personagens que admiram.....	92
5.3 O RELATO DE EXPERIÊNCIA NO MODELO ABERTO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICE A – MAPA DE CONTEXTO SOCIAL (FORMULÁRIO).....	107
APÊNDICE B – MAPA DE INTERAÇÃO (FORMULÁRIO).....	109
APÊNDICE C – O ENCONTRO DIALÓGICO (ORIENTAÇÕES USADAS EM SALA DE AULA).....	111
APÊNDICE D – EDIÇÃO FINAL	114
APÊNDICE E – TERMO DE AUTORIZAÇÃO E USO DE IMAGEM	116
APÊNDICE F – PRINT DO SITE PERFIS EM REDE	117
APÊNDICE G – TABELA COM PERGUNTAS E RESPOSTAS POR ENTREVISTADO NA FASE 1 DE MAPA DE CONTEXTO SOCIAL.....	119
APÊNDICE H – TABELA COM PERGUNTAS E RESPOSTAS POR ALUNO NA FASE 2 DO MAPA DE INTERAÇÃO	143
APÊNDICE I – TABELA COM PERGUNTAS POR ENTREVISTADO NA FASE 3 DO ENCONTRO DIALÓGICO	157
ANEXO A – NARRATIVAS BIOGRÁFICAS COM A EDIÇÃO FINAL.....	170

INTRODUÇÃO

O processo de comunicação sempre tem como começo e fim o outro. Não se faz comunicação senão em relação a alguém, com auxílio de alguém ou através de alguém. Esse é um esquema que parece lógico, porém no ensino e aprendizagem do Jornalismo observamos poucas metodologias que insiram o narrador e o narrado, ou seja, aquele que é submetido à narrativa biográfica, na reflexão desse processo intercambiável que se faz da produção à publicação do texto jornalístico e, ainda mais intensamente, no momento da entrevista.

A entrevista é o ponto máximo de encontro entre os pares da práxis jornalística. O jornalista, em uma busca diária pelo personagem e/ou fonte, termina encontrando muito mais do que o outro, acaba achando tantas vezes a si. No final dessa trama, obtemos um texto constituído de muitas tessituras, ou mesmo constituído de muitos fractais, em uma referência direta à teoria proposta por Pena (2004), que apresentamos mais à frente.

Partindo dessa breve explanação podemos questionar: será que o jornalista conhece a posição estratégica que é narrar histórias de vida? E, se pensarmos no estudante de comunicação, propriamente nas faculdades de Jornalismo, será que estes têm sido sensibilizados com teorias e práticas a respeito da produção das histórias de vida? Por fim, que literatura tem sido produzida a partir dessa intersecção entre Jornalismo e Narrativa Biográfica?

Partindo, então, do pressuposto da entrevista jornalística e considerando os textos biográficos produzidos no Jornalismo e pelo jornalista, surge esta pesquisa de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Ppgem/UFRN). A pesquisa “Perfis em Rede: a narrativa biográfica como ferramenta de ensino e aprendizagem com estudantes de jornalismo” é uma pesquisa-intervenção com métodos cartográficos de atuação e baseada em uma filosofia hermenêutica.

Para isso, buscamos empreender, em sala de aula, na disciplina de Sociologia da Comunicação do Departamento de Jornalismo da UFRN, um Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo constituído de três fases, caracterizadas como: Fase 1 – Mapa de Contexto Social; Fase 2 – Mapa de Interação; Fase 3 – O Encontro Dialógico. Para a construção desse modelo, inconcluso e, por isso, denominado “aberto”, utilizamos a base teórica advinda de Martín-Barbero (1997), Martinez (2008) e Gomes (2008). O Modelo

Aberto ainda conta com uma edição final a partir do estudo de Lima (2014) sobre o projeto *Humans of New York*. Ao todo, foram convidados a participar da atividade 40 alunos, os quais aplicaram cada fase do Modelo a um entrevistado escolhido pelo discente da disciplina em que a pesquisadora desta dissertação atuou como estagiária docente.

Antes de apresentar os resultados da produção de dados da pesquisa-intervenção, realizamos, inicialmente, uma revisão bibliográfica sobre o tema da narrativa biográfica, passando das terminologias utilizadas e oriundas das Ciências Sociais para os textos biográficos no Jornalismo, como Perfil e Biografia. Na mesma perspectiva, buscamos o lugar do diálogo possível, ou seja, a entrevista dialógica na práxis jornalística diante de Medina (2001), como também de Vilas-Boas (2002, 2003, 2008, 2014), Pena (2004, 2015) e Motta (2004, 2005).

Cabe-nos, também, possibilitar uma reflexão acerca da inserção desse tipo de conteúdo nas Escolas de Jornalismo. Por essa maneira, construímos um capítulo que trata sobre a formação de estudantes de Jornalismo no Brasil e a ambiência da sala de aula no curso. Em uma proposta de ultrapassar o positivismo no ensino, fornecendo o aprendizado de um modelo inacabado, avançamos na metodologia à luz da pesquisa-intervenção, que atua através do método cartográfico. Com a finalidade de estabelecer esta metodologia, seguimos as pistas da pesquisa-intervenção em Passos, Kastrup e Escóssia (2009).

Toda a teoria até aqui apresentada, como também a metodologia utilizada em sala de aula e fora dela, tem como principal intuito percorrer as identidades narrativas de narrador e narrado na busca das permutações simbólicas e dialógicas no momento da entrevista biográfica. Para isso, utilizaremos toda a produção de dados desta dissertação (consultar Apêndices A-I) para elucidar se e como o Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo auxilia no ensino e aprendizagem desse tipo de conteúdo para estudantes deste curso. No tópico a seguir, desenvolvemos a problemática desta pesquisa.

1.1 PROBLEMÁTICA

Como prática social disponível ao jornalista-narrador, a entrevista é o momento em que a verdade se revela ou a mentira se oculta. Mas muito mais que revelar ou desvelar, a entrevista é o momento em que as identidades entre narrador e narrado se entrelaçam constituindo e construindo assim um texto social não mais unitário, mas coletivo. A entrevista é também o ápice da práxis jornalística, porque não se trata apenas de narrar o outro, mas mediá-lo em tempo real.

A prática da entrevista deveria ser uma etapa comum ao ordinário do jornalista, que utiliza da técnica para obter informações que o levarão a escrever textos como notícias, reportagens e também textos biográficos, como perfis e biografias. Vilas Boas (2002, p. 93) define perfis como “um texto biográfico curto publicado em veículo impresso ou eletrônico, que narra episódios e circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo, famoso ou não”. Já, a biografia é “a compilação de uma (ou várias vidas). Pode ser impressa em papel, mas outros meios como o cinema, a televisão e o teatro podem acolhê-la bastante bem” (VILAS BOAS, 2002, p. 18). Porém, poderíamos incluir novas proposições biográficas não categorizadas em profundidade nesta dissertação, mas brevemente apresentadas através do projeto *Humans of New York*. O relato biográfico ultrapassou a normatização do gênero textual, tornando-se uma prática social da própria rede digital, adotada por fontes de informações oficiais e usuários das diversas redes de comunicação on-line.

Motta (2004, 2005), é o autor brasileiro que, diante da hermenêutica de Ricoeur (1983, 1984, 1985, 1991), amplia o conceito de narrativa jornalística para além do gênero, compreendendo a narrativa jornalística como um encadeamento social, cuja significação é cultural, e sua interpretação antropológica. Medina (2001) fala, anteriormente, sobre o encontro dialógico, em que narrador e narrado podem sair transformados após a entrevista jornalística.

Possibilitados por essa compreensão, buscamos tensionar não o formato, mas a relação que se dá entre os pares no momento da entrevista biográfica jornalística. Para isso, temos como principal investigação o plano de análise em que a pesquisa é desenvolvida, que é a sala de aula. Assim, nossa reflexão é feita entre os narradores, que são os estudantes de Jornalismo da turma de Sociologia da Comunicação, e os narrados, os personagens selecionados e submetidos ao Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo por cada um dos estudantes.

Dessa forma, diante do que até aqui foi apresentado, pontuamos a questão problema levantada por esta pesquisa como a seguinte: “Como as identidades narrativas de narrador, estudantes de Jornalismo, e narrado, personagens aplicados ao Modelo Aberto de Narrativas Biográficas, se permutam na construção de narrativas biográficas no Jornalismo?” O questionamento possibilita, a partir de uma pesquisa-intervenção em sala de aula, investigar as permutações ocorridas na narrativa biográfica, com o propósito de encontrar um método capaz de auxiliar o ensino e aprendizagem desse tipo de conteúdo para estudantes de comunicação. O objetivo é identificar, a partir de um modelo aberto, as zonas de permutação,

e assim oferecer técnicas e reflexões sobre o impacto desse tipo de texto social para a mídia e para os jornalistas.

Antes de prosseguirmos, cabe-nos referenciar dois termos contidos na nossa questão-problema, que são: permutação e narrados. O termo “permutação” é uma referência ao processo biológico de troca de cromossomos e genes, conhecido também por *crossing-over*, capaz de promover um intercâmbio entre os cromossomos maternos e paternos, formando assim um ser humano de combinação única. No momento da permutação, os cromossomos trocam os pedaços do código genético constituindo, assim, novos pares de cromossomos diferentes dos primeiros que os geraram. Dessa forma, investigamos muito mais do que uma troca ou intercâmbio, mas as novas significações criadas desde a construção à publicação da narrativa biográfica. Já o conceito “narrados” significa, no contexto da pesquisa “Perfis em Rede”, aqueles que estão sendo submetidos à aplicação do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo.

Dessa forma, temos como principais pressupostos desta pesquisa:

- 1) A imagem da permutação biológica nos aponta o caminho para observar a permutação simbólica ocorrida no processo de construção das narrativas biográficas. Assim como nos novos cromossomos estão impressas as marcas dos genitores, podemos observar que a narrativa biográfica possui a identidade do seu respectivo biografado, as marcas textuais do narrador, entre outros. Porém, buscamos investigar, através do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo, se o estudante de Jornalismo tem ciência, auxiliados pelos relatos de experiências, de que a narrativa produzida por ele constitui-se de uma permutação simbólica do intercâmbio entre duas identidades: a de narrador e narrado.
- 2) A narrativa biográfica é um modo eficaz de apreender o mundo. Martinez (2008, p. 268), na conclusão da pesquisa “Jornada do Herói – a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em Jornalismo”, fala das potencialidades da Jornada do Herói, que são a questão pedagógica, “de narrar a história para o leitor viver sua própria jornada” (MARTINEZ, 2008, p. 268), como também, “o papel do comunicador na construção da história de vida” (MARTINEZ, 2008, p. 269). Dessa forma, esperamos fornecer uma metodologia de ensino e aprendizagem auxiliados pela narrativa biográfica em sala de aula.
- 3) Por fim, o último pressuposto desta dissertação é observar o lugar do terceiro elemento da narrativa jornalística, que é o público, próprio da mediação

jornalística. Neste caso, buscamos refletir de que forma esse público é revelado no processo de produção e publicação das narrativas biográficas.

Apresentamos abaixo os objetivos gerais e específicos desta dissertação.

1.2 OBJETIVOS

Objetivo geral:

Propor um modelo de construção de narrativas biográficas que leve o narrador (estudante de Jornalismo) à reflexão das permutações que ocorrem entre a sua identidade e a identidade do narrado, ou seja, personagem submetido à aplicação do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo.

Objetivos específicos:

- Fundamentar a relevância da narrativa biográfica como um instrumento de aprendizagem para estudantes de Jornalismo;
- Caracterizar a amostragem da pesquisa, que são os discentes do segundo período de Jornalismo da UFRN, e como, a partir dessa amostra, o modelo poderia ser aplicado ao universo de estudantes do curso, sendo assim empregado em outros grupos;
- Identificar os perfis escolhidos pelos estudantes e, a partir do resultado, confrontar com os estudos hermenêuticos, criando categorias de análise como conteúdo, contexto e outras.

1.3 JUSTIFICATIVA

A narrativa biográfica não é apenas um texto, mas o ato performático de se constituir no mundo através de uma história de vida. Martín-Barbero (2014) relembra a polissemia do termo em castelhano “contar” para assumir essa verdade, que é também aquela acordada para compreendermos a narrativa (nesse caso, biográfica):

Nesse único verbo temos a presença das duas relações constitutivas. Em primeiro lugar, a relação do contar histórias com o contar para os outros, com o ser considerado. Isso significa que para sermos reconhecidos pelos outros é indispensável contar nosso relato, já que a narração não é só expressiva, mas também constitutiva do que somos tanto individual como coletivamente. E no coletivo, em especial, as possibilidades de sermos levados em consideração, e de contar nas decisões que nos afetam,

dependem da capacidade de nossos relatos darem conta da tensão entre o que somos e o que queremos ser (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 20).

A narração é um artifício da comunicação humana. Os seres primitivos comunicavam suas histórias de conquista do fogo através de narrativas, muitas vezes simbolizadas em desenhos nas cavernas. Martinez (2008) indica que o ato de narrar é um recurso antigo da nossa espécie:

O ato de narrar é antiquíssimo. “Sagas, lendas, tradições, histórias, contos são a quinta-essência dos povos e compõem a história do mundo e dos variados saberes. As palavras estão conosco desde sempre: como gemido, grito, fonia e voz. Elas, primeiro orais e depois escritas, contam a saga da viagem, ficam e constroem a memória de mulheres e homens que não se conformam em perder a vida, tentando converter o temporário em eterno”, define o pesquisador e jornalista Raul Hernando Osório Vargas (1990) (MARTINEZ, 2008, p. 23).

Áreas de investigação como a Teoria Literária, as Ciências da Linguagem e as Teorias Cognitivas se detêm em profundidade ao estudo da narrativa. Através desta pesquisa de dissertação, a nossa proposta é aproximar os conteúdos da narrativa da narrativa biográfica, dos estudos do Jornalismo, principalmente na intersecção que compreende a entrevista biográfica. Consideramos, assim, ampliar a matriz que envolve a investigação entre a narrativa biográfica e o Jornalismo.

Outros autores já percorreram esse caminho, como os brasileiros Motta (2004, 2005), Medina (2001), Vilas Boas (2002, 2003, 2008, 2014) e Martinez (2008). Martín-Barbero (1997, 2014), com as implicações dos estudos das mediações na América Latina, também amplia a investigação narrativa ao deslocar os estudos da emissão para a recepção, investigando o impacto de espaços simbólicos como a família, o tempo produtivo e a cultura na produção midiática. Partindo dessa perspectiva, nesta dissertação buscamos endossar esse repertório na compreensão da narrativa (biográfica) como uma prática social disponível à mídia.

Ainda pretendemos contribuir com o ensino aos discentes de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), incluindo a narrativa biográfica como instrumento de aprendizagem dos alunos que participaram ativamente da aplicação do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo. Diante da empiria da pesquisa, é possível apontar que a atividade sensibilizou os universitários não apenas para a complexidade da síntese da narrativa humana, mas resultou em um ganho humanístico ao apurar o olhar deles

às narrativas biográficas escondidas pelas ruas da cidade, como também em suas próprias casas, já que muitos escolheram familiares para aplicação do modelo.

Além disso, o objetivo do modelo não é propor uma verdade sobre a construção de narrativas biográficas. Porém, a escolha dos discentes como público-alvo é uma forma de suscitar a discussão ainda no campo da academia e confrontar esses estudantes com a possibilidade de narrar biografias à luz dos conceitos que são apresentados nesta dissertação.

Uma busca feita no Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação (Portcom), com consulta ao termo “estudantes” na aba “Trabalhos Apresentados em Eventos” resultou em 40 trabalhos relacionados à temática. A maior parte deles destinados à pesquisa de estudantes de ensino médio ou fundamental, como também à análise de fenômenos sociais apresentados pela mídia. Mesmo assim, 12 dos trabalhos analisavam a problemática do estudante de Jornalismo em diversos cenários, como as faculdades de Comunicação e Projetos Laboratoriais de Extensão. Entretanto, desses artigos apenas um refere-se ao ensino e aprendizagem dos estudantes de Jornalismo: “Estudantes de Jornalismo e as práticas de avaliação formativa: um estudo de caso sobre a percepção discente de como esses contribuem com o aprendizado”, o qual referenciamos no capítulo 5 desta dissertação.

A consulta ao Portcom nos apresenta mais um diagnóstico que justifica a importância desta pesquisa, que é o fato de se investigar pouco sobre metodologias de ensino e aprendizagem para estudantes de Jornalismo. Nas faculdades de Comunicação Social, os estudantes de Jornalismo são formados para serem jornalistas, mas como se ensina e se aprende a ser um professor de Jornalismo? Pesquisas que possibilitem entender esse universo podem possibilitar uma nova construção sobre como ensinar jovens que passam por formatos de transição, do off-line para o on-line, e para aqueles que já estão inseridos neste novo formato.

Consideramos, ainda, como outra característica relevante desta pesquisa o fato desta se intitular um “Modelo Aberto”. A intenção é propor uma metodologia de ensino e aprendizagem que não parte de maneira integral do docente, mas possibilite ao discente construir o seu próprio conhecimento com etapas de análise. Por isso, incluímos no modelo um Relato de Experiência, possibilitando ao estudante se autoavaliar acerca da construção da sua própria narrativa biográfica construída a partir da atividade.

Dessa forma, a pesquisa “Perfis em Rede” implica suscitar a produção de uma nova prática em sala de aula, conduzida pelo dispositivo-função da narrativa biográfica. A

proposição final da atividade não é a produção de narrativas biográficas perfeitas, mas possibilitar que os estudantes se familiarizem com novos modelos e ampliem o conhecimento sobre a produção das histórias de vida no Jornalismo.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação “Perfis em Rede: a narrativa biográfica como instrumento de ensino e aprendizagem com estudantes de Jornalismo” está dividida em quatro capítulos, sendo eles:

Capítulo 2: A prática social de narrar o presente. Neste capítulo, apresentamos as referências teóricas da nossa pesquisa, iniciando com Pineau e Le Grand (2012) sobre os conceitos de história de vida nas Ciências Sociais; em seguida, investigamos as histórias de vida como instrumento metodológico nas Ciências Humanas, partindo das ideias de Bourdieu (1998) e Passegi (2014). Então, propomos a seção “O relato de si – das identidades dos sujeitos à construção do sujeito na mídia”, diante dos conceitos de identidade narrativa e mimeses de Ricoeur (1983, 1984, 1985, 1991). Na terceira seção do capítulo, iniciamos o conteúdo da narrativa jornalística com a teoria de Motta (2004, 2005) e Pena (2015); na quarta seção, fazemos um breve resumo da biografia e do perfil no Jornalismo, diante de Vilas-Boas (2002, 2003, 2008, 2014). Por fim, na quinta seção, A entrevista biográfica: o encontro dialógico e os fractais biográficos, abordamos os conceitos de Medina (2001) e Pena (2004), respectivamente.

No Capítulo 3 - Procedimentos da pesquisa: o caminho da pesquisa-intervenção com estudantes de Jornalismo, iniciamos com a metodologia da pesquisa, que é a pesquisa-intervenção, a partir de Passos, Kastrup e Escóssia (2009). Na segunda parte do capítulo, explicamos teoricamente a elaboração do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo, construído a partir de Martín-Barbero (1997), Martinez (2008) e Gomes (2008).

No Capítulo 4 - A metalinguagem da experiência: mediando as narrativas biográficas de estudantes de Jornalismo em sala de aula, apresentamos o Diário de Bordo I, sobre o percurso da pesquisadora durante a elaboração do estudo “Perfis em Rede”; o Diário de Bordo II, abordando o ensino-aprendizagem de narrativas biográficas em salas de aula de Jornalismo e o Diário de Bordo III, “Permutando identidades, mediando sujeitos?”, que apresenta breve reflexão sobre a permutação das identidades dos sujeitos.

O Capítulo 5 - A produção de narrativas biográficas dos estudantes de Jornalismo da turma de Sociologia da Comunicação está dividido em duas análises: a Experiência Des

(Objetiva): A aplicação do Modelo Aberto na Disciplina de Sociologia da Comunicação e a Experiência Subjetiva: A aplicação do Modelo Aberto na Disciplina de Sociologia da Comunicação”.

CAPÍTULO II - A PRÁTICA SOCIAL DE NARRAR O PRESENTE

O sujeito é composto de corpo, mente e histórias. Assim, podemos simbolizar o início do percurso cronológico das narrativas biográficas na história da humanidade. A narrativa biográfica nasce com a existência do próprio homem, que aprende desde os primórdios a narrar a vida e a viver em uma vida narrada. Dos contos épicos aos causos do homem comum, a narrativa pessoal ou coletiva integra as múltiplas histórias, possibilitando, assim, alimentarmos a História.

Cronologicamente, porém, Pineau e Le Grand (2012, p. 43) indicam que, na Cultura Grega, as histórias de vida teriam aparecido no século V a.C., com o nome de *bios*. O termo biografia só é encontrado no século V d.C., e autobiografia só aparece nos anos 1800, na Alemanha e na Inglaterra. Os socráticos, no século IV, são os que convertem a história de vida em uma prática pedagógica e filosófica importante, diante do preceito “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses”.

Ainda na Cultura Grega, Aristóteles, em “A Poética”, abre caminho para os estudos da narrativa. “As anotações que Aristóteles fazia para dar suas aulas de poesia e teatro na Grécia, entre os anos 335 e 323 antes de Cristo, foram compiladas sob o nome A Poética, é o mais antigo livro conhecido sobre arte, dramaturgia e literatura. E seus conceitos são utilizados ainda hoje nos Estudos Narrativos” (GOMES, 2016, p. 181). Os conceitos são catarse, mimese e intriga, que constituem o mecanismo narrativo, significando, respectivamente, a purgação e esclarecimento, a imitação criativa e o agenciamento de fatos e os sujeitos e cenários.

Pineau e Le Grand (2012, p. 45) apontam que “Aristóteles era suficientemente sensível aos fatos empíricos para recomendar a pesquisa histórica aos seus discípulos. Porém, sua predileção pelo geral como critério de verdade jamais o levou a escrever uma biografia”. Em Roma, a autobiografia chegaria no século II a.C., e a biografia no século seguinte.

Depois de Cristo, a primeira grande referência biográfica apontada por Pineau e Le Grand (2012) é a obra “As Confissões”, de santo Agostinho, em 400 d.C.. “Na verdade, a primeira obra que combina perfeitamente as informações autobiográficas e a consciência de si é, sem nenhuma dúvida, As Confissões de santo Agostinho” (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 45 apud MOMIGLIANO, 1991, p. 34).

Com relação à Idade Média, entre os séculos V e XIV são direcionados dois fenômenos importantes para os estudos biográficos: a canção de gesta, que é “um modo poético medieval de comunicar a significação de um fato temporal marcante, seja ele de ordem política, amorosa ou religiosa” (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 47) e o surgimento de termos franceses de temporalidade.

A própria palavra ‘história’ apareceu, já no século XII, com o sentido de ‘representação figurada’. Ao longo desse mesmo século, aparecem os termos ‘crônicas’ – ‘livro que se reporta ao tempo’ – e ‘genealogia’ – ‘ciência das origens ou sequência, recenseamento dos ancestrais’. No século XIV, a ‘história’ significava contar, e no século XV, ‘histórico’ havia sido criado. De acordo com esse indicador de primeira ocorrência linguística, o século XIV parece fecundo na criação de gêneros literários que favoreçam à reflexão sobre temporalidade. Esse período assiste ao nascimento do termo ‘diário’, com o sentido de ‘relações de acontecimentos cotidianos’; de ‘memória’, como escrito destinado a preservar a memória de um fato’. O termo ‘anais’ – ‘relato dos acontecimentos de um ano’ – surge um século mais tarde (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 48).

No Renascimento, durante o século XII mais precisamente, novos gêneros de escritas de vida surgem, como “as memórias” e “lembranças”. Referem-se Pineau e Le Grand (2012, p. 50) que “as memórias são a história coletiva tal como foi vista ou vivida por um ator-testemunha que se julga importante. Outro termo análogo, ‘lembranças’, é utilizado de modo mais modesto por pessoas que se julgam historicamente menos importantes”.

A partir dos séculos XVIII e XIX florescem os muitos formatos, entre eles: confissões, memórias, lembranças, vidas ou histórias, impulsionando um novo fenômeno que é o da autobiografia. “Ela (a autobiografia) carrega consigo toda uma ideologia biográfica tingida de romantismo, que tende a reduzir o hábito de exprimir a vida à forma escrita, plena, literária, e a um eu igualmente pleno, plenamente realizado” (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 53). Lejeune (1980 apud Pineau e Le Grand, 2012) define dessa forma a autobiografia:

Relatos escritos pelo próprio interessado (o que exclui as biografias), apresentados como diretamente referenciais (o que exclui os romances), e relativos a uma vida inteira ou ao essencial de uma vida (o que exclui ao mesmo tempo as recordações da infância, as narrativas avulsas de episódios de vida adulta e os diários íntimos) (LEJEUNE, 1980, p. 265).

No século XX, duas autobiografias ganham destaque, a de Jean Paul-Sartre e Leiris Shop, como também um novo *habitus* de “novos usos sociais e midiáticos do fato de contar a vida e mesmo de publicá-la” (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 55). Dentro desta perspectiva

do século XX, uma nova expressão ressurgiu, que é do relato de vida. Pineau e Le Grand (2012) destacam o interesse no uso do termo em relação aos demais:

O caráter de interface assumido pela expressão ‘relato de vida’, parece-nos, na sua denominação mesma, querer lançar uma ponte entre esses dois subconjuntos, o pessoal e o temporal. Sem se confundir com as formas desses dois subconjuntos, ela significa um novo espaço-tempo da busca do sentido, o sentido de vida. Qualquer que seja a entrada privilegiada, na vida a ser expressa, essas formas de expressão articulam, pelo menos cinco tipos de fatores: mídias, sujeitos/autores; um objeto: a vida, objetivos e temporalidades (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 58).

A opção pela referência “história de vida” está marcada pelas duas entradas, a pessoal e a temporal. Entre as entradas pessoais estão confissões, diários íntimos, cartas, correspondências, livros de razão, livros de família, relatos, ensaios, canções e outros. Já as entradas temporais são as genealogias, as memórias, as lembranças, os diários de viagem, as efemérides, os anais, as crônicas e as histórias. Mesmo com as variações cronológicas de existência dos termos, não há uma definição ou mesmo uma separação do que venha a ser cada um deles. As expressões “história de vida” e “relato de vida” são citados por Pineau e Le Grand (2012) como referências não literárias. No percurso desta dissertação, propomos ainda um outro termo que é o da narrativa biográfica, em referência à narrativa jornalística em Motta (2004, 2005) e ao conceito do biográfico na entrevista jornalística de Medina (2001) e Vilas Boas (2003, 2002 e 2008).

2.1 AS HISTÓRIAS DE VIDA COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO NAS CIÊNCIAS HUMANAS

O homem sempre escreveu as narrativas de si. A literatura é repleta de clássicos autobiográficos e biográficos. Porém, como a aproximação entre narrador e narrado sempre se interpôs através de uma linha tênue, as histórias de vida obtiveram certa resistência até serem reconhecidas como instrumento metodológico de pesquisa nas Ciências Humanas. Áreas como Sociologia, Antropologia e Psicologia são as mais conhecidas pela utilização das histórias de vida no percurso de estudo e também de aplicação clínica.

A crítica mais severa das histórias de vida como instrumento metodológico é de Pierre Bourdieu (1998), através do artigo “A Ilusão Biográfica”. A avaliação de Bourdieu (1998, p. 183) é que “a história de vida é uma dessas noções de senso comum que entraram como

contrabando no universo científico”. Entre os pressupostos da negativa levantada pelo autor com relação às histórias de vida estão o acordo já estabelecido entre o sujeito e o objeto da biografia e a ilusão retórica de que a vida seria uma sucessão uniforme de acontecimentos:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixa e não deixou de reforçar (BOURDIEU, 1998, p. 185).

A questão levantada por Bourdieu (1998) está direcionada ainda à crítica do eu como uma identidade constante, promovendo as histórias de vida como detentoras de uma verdade total sobre os narrados. Outro aspecto direcionado pelo autor é com relação ao nome próprio, que segundo ele é uma referência incompleta e não totalizante da completude do ser.

Tudo leva a crer que o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da apresentação oficial de si, carteira de identidade, ficha de estado civil, curriculum vital, biografia oficial, bem como da filosofia da identidade que o sustenta, quanto mais nos aproximamos dos interrogatórios oficiais das investigações oficiais – cujo limite é a investigação entre familiares e da lógica da confiança que prevalece nesses mercados protegidos (BOURDIEU, 1998, p. 188).

As críticas de Bourdieu (1998) às histórias de vida o apontam como o principal inimigo desse recurso metodológico. Porém, Passegi (2014), diante das obras do autor, faz uma nova leitura – em que Bourdieu atravessa da “ilusão à conversão autobiográfica”, as referências são “A Ilusão Biográfica (1998)”, a “Miséria do Mundo” (1993 e 2003) e “Esboço de Autoanálise” (2004 e 2005). Para Passegi (2014), o autor mostra certa familiaridade com a metodologia, não sem a ressalva da crítica sobre a utilização das histórias de vida:

Para os que conhecem sua obra, Bourdieu (2003) explica nesse capítulo a atitude científica em três etapas cruciais da pesquisa com narrativas autobiográficas orais, ou seja, como fontes primárias: Entrevista; Transcrição; Publicação, alertando contra os riscos de violência simbólica nesses diferentes procedimentos (PASSEGI, 2014, p. 228).

De fato, a observação de Passegi (2014, p. 226) não é defender Bourdieu da crítica de outros autores, como de Ferrarotti (1983), que dá o “tom da revolução biográfica que viveu e empreendeu ao longo do seu caminho”, mas é sobretudo mostrar que as críticas do autor auxiliaram sobremaneira no aperfeiçoamento das histórias de vida como instrumento

metodológico. De acordo com Passegi (2014, p. 229), para Bourdieu “entrevistar, transcrever e publicar tratavam-se, portanto, de um ‘exercício espiritual’ que se desdobrava em um ‘amor intelectual’”. Já com relação à publicação das entrevistas, Bourdieu propunha a democratização “tanto na transição, como vimos anteriormente, quanto na recepção das narrativas” (PASSEGI, 2014, p. 229).

Ademais, a autora não visita somente a obra de Bourdieu, entretanto, na perspectiva da pesquisa auto (biográfica) em Educação em que está situada, “as narrativas autorreferenciais são utilizadas como objeto, fonte e método de pesquisa qualitativa, e como dispositivo pedagógico de reflexão crítica e de formação” (PASSEGI, 2014, p. 225), Passegi (2014) também faz considerações sobre a narrativa biográfica:

Quer a narração seja construída pelo homem comum, quer pelo historiador, quer pelo “romancista, o erudito, o teólogo, o cientista, ela é sócio-historicamente situada e traz as marcas da subjetividade do narrador (eu/nós), da intersubjetividade (eu – você) / (nós – vocês), pondo em relação suas coordenadas espaço-temporais a partir do aqui e do agora (hic e nunc) (PASSEGI, 2014, p. 227).

Ferrarotti (1983, p. 46 apud Passegi, 2014, p. 226) também defende que a entrevista se realize em um “pé de igualdade entre pesquisador e o grupo pesquisado, uma comunicação não apenas metodologicamente correta, mas humanamente significativa”. Ferrarotti (1983) avalia essa equidade como uma honestidade metodológica.

Mas não foram apenas Bourdieu, Passegi e Ferrarotti que discorreram sobre as histórias de vida como instrumento metodológico nas Ciências Humanas. Toda uma geração de autores escreveu e praticou as histórias de vida na pesquisa. Na França, em 1856, Frédéric Le Play lançou o movimento de Sociedade de Economia Social. “Com fortes acentos naturalistas de taxonomia humana, Le Play é, incontestavelmente, um dos precursores da pesquisa de ‘campo’” (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 64). Porém, um século mais tarde, os alemães Thomaz e Znaniecki, autores de “O camponês polonês” colocaram, de acordo com Pineau e Le Grand (2012), o relato de vida no centro da empreitada sociológica.

Pode-se se afirmar, sem risco de engano, que os relatos de vidas pessoais, tão completos quanto possível, constituem o tipo perfeito de material sociológico. E que, se a ciência social é levada a lançar mão de outros materiais, quaisquer que sejam eles, é unicamente em razão da dificuldade prática, que existe atualmente, de dispor de um número suficiente de relatos para cobrir a totalidade dos problemas sociológicos, e da enorme quantidade de trabalho exigida por uma análise adequada de todos os materiais pessoais.

E se somos forçados a recorrer aos fenômenos de massa como material, ou a qualquer outro tipo de acontecimentos considerados sem levar em conta a vida dos indivíduos que participam deles, trata-se aí de um defeito, e não de uma virtude, do nosso método sociológico atual (THOMAS; ZNANIECKI, 1998, p. 46).

Entre os anos de 1940 e 1970, o método biográfico sofre certa descredibilidade. H. Blumer, um dos expoentes do Interacionismo Simbólico, apresenta críticas ao método de Thomas e Znaniecki (1998). Até 1980, na França, “praticamente, nenhuma obra de metodologia sociológica ou dicionário apresenta uma entrada ‘biografia’, ‘relato de vida’ ou ‘história de vida’” (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 72). A redescoberta das histórias de vida no percurso metodológico só acontece a partir dos anos de 1970, impulsionada, sobretudo, pela generalização do gravador:

Com a generalização do gravador, a história oral renasce de suas cinzas (nos séculos anteriores e em muitas sociedades, a história era principalmente oral); trata-se de recolher as palavras de uma época finda, num contexto de mudança cultural acelerada, no qual a transmissão oral de geração em geração se faz mal ou não se faz. A consequência disso é a constituição de arquivos sonoros relativos ao que está desaparecendo: testemunhos e lembranças dos modos de viver e dos ofícios de outrora. É determinante a aceleração das mutações sofridas pelas sociedades ocidentais na década de 1960, período de forte crescimento econômico e de passagem rápida de uma sociedade rural para uma sociedade urbana. Isso explica o sucesso de toda uma literatura que visa ao “retorno às raízes” e enaltece as virtudes rurais e rústicas (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 79).

A Escola de Chicago é a responsável pelo retorno das histórias de vida à pesquisa de campo, principalmente pelo reconhecimento do papel da descrição de universos singulares no cotidiano. Pineau e Le Grand (2012) também indicam a importância de Franco Ferrarotti (1983) no retorno das histórias de vida como instrumento metodológico das pesquisas de campo nas Ciências Sociais.

A partir dos anos 2000, a aceitação desse recurso metodológico se propaga com a consolidação das entidades e associações de histórias de vida, como a rede de pesquisa “Life history and biographical”, da Sociedade Europeia para a Pesquisa em Educação de Adultos (SEREA), da Associação Brasileira de Pesquisa Auto (Biográfica) (BIOgraph), da Rede Quebequense para a Prática das Histórias de Vida (RQPHV) e da Associação Romanda das Histórias de Vida (ARHIV).

2.2 O RELATO DE SI – DAS IDENTIDADES DOS SUJEITOS À CONSTRUÇÃO DO SUJEITO NA MÍDIA

Paul Ricoeur (1983, 1984, 1985, 1991) vai buscar os estudos narrativos a partir da via hermenêutica e da teoria dos atos da fala, se distanciando dos princípios da narratologia, que investigava as relações internas do texto narrativo. A principal vertente da obra de Ricoeur será repor o paradigma narrativo novamente na conjugação ente intriga e tempo. Na série de três livros “O Tempo e a Narrativa”, Ricoeur explora a conexão entre a obra, os autores e os leitores. Os leitores assumem destaque nesta investigação, a eles Ricoeur redefine o papel de concluir o percurso narrativo.

Pineau e Le Grand (2012) destacam três conceitos fundamentais para compreender a hermenêutica de Ricoeur, que são o terceiro tempo, o presente histórico e a identidade narrativa. O terceiro-tempo é o tempo entre o tempo cósmico e o tempo biológico. Para isso, há três conectores que auxiliam na construção deste terceiro-tempo, sendo os conectores calendários (o ano, a estação, os meses, os dias, as horas, etc), os conectores geracionais (contemporâneos, predecessores, sucessores) e os vestígios deixados (arquivos, documentos, produções, obras).

Construir uma história de vida é constituir um terceiro-tempo histórico pessoal que articula de modo singular vestígios, lugares e datas no curso da vida social e cósmica. Construção laboriosa e audaciosa, a qual requer do sujeito que ele tenha vivido e ousado diferenciar-se desse vivido para construir e, mais tarde, incluir nessa construção um terceiro-tempo singular, situado entre a particularidade e a universalidade (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 114).

O segundo conceito presente na hermenêutica de Ricoeur é o presente histórico. “Tempo de espera eminentemente singular, que descortina horizontes na medida de seus sustentáculos, tempo cósmico e geracional” (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 2014). O presente histórico em Ricoeur representa uma ausência de futuro e passado, em que há um passado presente, um presente tal como ele é e um futuro presente. “Ele observa que não há tempo passado nem tempo futuro, só há um tríplice presente, um presente das coisas passadas, futuras e presentes, um intercâmbio que a ação efetiva faz aparecer entre as dimensões temporais” (MOTTA, 2004, p.9).

Por fim, o terceiro conceito é o de identidade narrativa. O movimento de construção de identidade é contínuo, como também as trocas entre identidade pessoal e identidade narrativa. Ricoeur (1991) apresenta dois conceitos fundamentais no entendimento de identidade que são

mesmidade, como o mesmo, e ipseidade, ou “si”. Na interação entre “ipse” e “idem” (mesmidade), a identidade narrativa se forma:

Ricoeur define essa identidade narrativa como um ipse, um si mesmo reflexivo que se constrói através da própria reflexão e que, por meio da narrativa, desenvolve e conjuga a dialética de reprodução de uma base idêntica (idem) com a alteração permanente das outras (alter). *Soi-même comme un autre* (1990) analisa a produção da ipseidade pela conjugação dessa dupla dialética entre aquilo que se chama de mesmidade e a ipseidade, e entre a ipseidade e alteridade (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 116)

O idem e o ipse se relacionam na intriga da identidade narrativa do sujeito. A identidade idem “significa, ao mesmo tempo, unicidade e similitude, que representam valor numérico e qualitativo” (LISBOA, 2013, p.102). Já a identidade ipse “como livre manutenção de si, ou fidelidade a si, inovação, imprevisibilidade, decisão ética” (LISBOA, 2013, p.105). Ricoeur (1991), atravessado pela teoria hermenêutica, investiga a relação entre idem e ipse na constituição da identidade narrativa. “O locus privilegiado da identidade narrativa aparece, então, como a articulação entre o caráter (mesmidade) e a livre manutenção de si (ipseidade)” (LISBOA, 2013, p. 105).

O conceito de identidade narrativa possibilita a compreensão de um duplo suporte conceitual sobre o singular presente histórico das histórias de vida. O primeiro é que “fazer sua história de vida é procurar construir narrativamente os sentidos dessa vida, identificando e conjugando seus conectores determinantes no meio ambiente, mas também na experiência vivida do organismo” (PINEAU e LE GRAND, 2012, p.117).

O segundo interesse possibilitado pelo conceito de identidade narrativa proposto “abre via fundamental, situada além das filosofias clássicas do sujeito, que o colocam – ou o depositam – não apenas como um solipsismo (um ipse sozinho com ele mesmo) mas ainda como um ser atemporal, sempre idêntico a ele mesmo” (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 117).

A hipótese de Ricoeur é “que o tempo torna-se tempo humano na medida em que ele é articulado num modo narrativo e que a narrativa alcança sua plena significação quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOEUR, 1983, p. 85). Para Ricoeur a construção histórica da narrativa acontece ao longo de três fases, ou três mimeses, em referência ao termo cunhado por Aristóteles para se referir à imitação criativa: uma fase de prefiguração, uma fase de configuração da experiência vivida e uma fase refiguração da experiência.

Na tabela abaixo, a partir de informações organizadas em Pineau e Le Grand (2012), é possível visualizar as três mimeses em Ricoeur:

Quadro 1 – Três mimeses em Ricoeur (1983)

	Mimese I	Mimese II	Mimese III
Denominação	Fase de prefiguração da narrativa na experiência temporal vivida.	Fase de configuração da experiência vivida por meio da narração e da elaboração da intriga.	Fase de reconfiguração da experiência pelo ato da leitura.
Conceito	“Essa vida datada também se entrelaça com histórias interpessoais, a título de corpo social inscrito na sequência das gerações” (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 119)	“Essa retomada produz uma configuração narrativa da ação através de, pelo menos, dois conceitos: 1. A integração de eventos isolados numa história considerada como um todo; [...] 2. Conjugações de elementos plurais e heterogênos” (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 118-119)	“Assinala a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor. Sua abordagem complexa, obriga a complementar uma teoria da escrita, acrescentando a ela uma teoria da leitura e da comunicação” (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 119).

Fonte: (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 118-119).

As três mimeses são interpretadas por Gomes (2012), a partir da perspectiva de uma teoria narrativa da mídia, como sendo a atividade cognitiva do enunciador, a configuração da linguagem e a atividade cognitiva do leitor, respectivamente.

Da Poética de Aristóteles, Ricoeur extrai dois conceitos: mimese e intriga. Mimeses é a imitação criadora da experiência viva. Ela não é uma cópia, réplica do idêntico; a mimese produz sentido através da intriga, do agenciamento dos fatos (1994:60). Ricoeur estabelece (1994: 85-132) três mimeses: a mimese I, atividade cognitiva do enunciador; a mimese II, a

configuração da linguagem; e a mímese III, atividade cognitiva do leitor. A 'tessitura da intriga' é equivalente à mímese II, que articula as mímeses I e III (media enunciação e recepção) e resolve, para Ricoeur, o círculo entre a poética da narrativa e o paradoxo do tempo. Nesse sentido, intriga é sinônimo de configuração. Ou melhor: a intriga é 'quem' configura os acontecimentos de uma narrativa (GOMES, 2012, p. 31).

Partindo do texto “Tragédia” de Aristóteles, Lisboa (2013 apud RICOEUR, 1991) ainda analisa as relações de ipse e idem no relato de vida:

Consequentemente, nesta dialética entre discordância e concordância, revela-se o caráter essencialmente ético da narração, referindo-se às pessoas como agentes históricos. [...] partilha do regime da identidade dinâmica própria da história narrada. A narrativa constrói a identidade da personagem, que se pode chamar de sua identidade narrativa, construindo a da história narrada. É a identidade da história que constitui a unidade da personagem (LISBOA, 2013, p. 104 apud RICOEUR, 1991).

Por fim, a partir do pensamento de Ricoeur, Lisboa (2013) conclui:

A identidade narrativa corresponde, então, a uma nova formulação ou na complexificação da noção de sujeito. Objetiva-se, não somente substituir um cogito por outro, cartesiano ou nietzscheano, mas trata-se de uma hermenêutica do si pela mediação dos símbolos da cultura, pelas relações interpessoais e institucionais, ou seja, por uma via longa (LISBOA, 2013, p.107).

A noção de identidade narrativa de Ricoeur abre-nos o caminho para pensarmos nas permutações ocorridas no processo da entrevista biográfica. O autor encontra as interferências entre ipse e idem na constituição da identidade narrativa, analisando o conflito interno estabelecido com um “outro” que ainda está em “si”. Vale ressaltar também que a identidade narrativa não é simplesmente uma identidade textual, mas está sobretudo marcada por um viés antropológico e cultural.

Buscamos incluir nessa relação o conceito de alteridade. A palavra alteridade tem sua raiz no latim e evoca a ideia de estar em relação com o outro. Alteridade e identidade se comprometem na narrativa biográfica no momento dialógico da entrevista. Saindo da relação que coloca idem e ipse no caminho da identidade narrativa, observamos o lugar do outro dentro da perspectiva de alteridade. Na relação, entre alteridade e identidade, a partir dos estudos da comunicação, Mendes, Silveira e Tavares (2014) sinalizam:

Quando aproximado do âmbito da Comunicação, seja no contexto teórico-conceitual, seja no âmbito das práticas comunicativas, o “jogo da identidade” ganha contornos que podem, em alguma medida, ser nomeados

como próprios. Como pensar as práticas sociais e sua dimensão comunicativa no âmbito das identidades e alteridades? Como pensar o papel dos meios de comunicação nesses processos? Que sentidos têm/alcançam as representações da identidade na e pela mídia? São questões fundantes para pensarmos o jogo de mútua afetação que se dá a ver entre os dispositivos midiáticos e as diversas esferas que compõem a vida social, e para entendermos como esse jogo revela e reflete as questões identitárias (MENDES, SILVEIRA e TAVARES, 2014, p. 155).

Sendo assim, a partir das reflexões sobre identidade narrativa e alteridade, que se constituem no interior de sujeitos em comunicação com o outro e com os dispositivos. Cabe-nos partir, agora, para a relação deste mesmo sujeito com a mídia no que se refere à construção das narrativas biográficas pelo Jornalismo.

A mídia narra histórias porque esse é um esquema mental eficaz e simples para o entendimento do homem acerca do mundo, contudo, toda narrativa possui um narrador que desenha a história narrada conforme seus interesses, particularidades e/ou públicos. A narrativa é mais do que uma forma de organizar o texto, há nela uma intenção. Motta (2004) interpreta ainda o Jornalismo como uma atividade mimética:

O jornalismo é uma atividade mimética: representa a vida, as ações dos homens, dos bons e maus homens, relata os dramas, as tragédias, as sagas e as epopéias contemporâneas. As notícias são relatos fragmentados e contraditórios sobre a nossa existência, sobre as nossas dores e os nossos amores, nossos sofrimentos e gratificações, sobre os acasos e contingências que nos afetam. O jornalismo conta continuamente as histórias dos nossos heróis, nossas batalhas e conquistas, nossas derrotas e frustrações. O mundo do jornalismo é o mundo da tragédia e da comédia humanas. Como atividade mimética, é sobre esse pano de fundo da cultura e do tempo humanos, com todas as suas fortunas e infortúnios, paradoxos e ordenações, que o jornalista trabalha, e no qual ele se encontra com seus leitores ou ouvintes (MOTTA, 2004, p. 15)

Porém, Certeau (1996) fala de um processo de atomização dos pequenos relatos urbanos sobre os grandes relatos da cidade. “Entre nós, os grandes relatos da televisão ou da publicidade esmagam ou atomizam os pequenos relatos de rua ou de bairro” (CEARTEAU, 1996, p.201). Em “A invenção do cotidiano”, Certeau (1996) investiga os relatos invisíveis.

Na perspectiva de Certeau (1996), existem duas maneiras de democratizar os espaços urbanos: os gestos e os relatos. O andar, o vestir, o morar ou o cozinhar são “verdadeiros arquivos da cidade”. Esses gestos traçam memórias que não tem lugar. São sinais recriados

dia após dia nas cidades e de tempos em tempos. É o estender a mão ao pegar o ônibus, o repúdio diante do desgosto. Mas cada população possui os seus próprios gestos, fazendo destes partes importantes da comunicação de um lugar.

Escosteguy (2011) também aproxima a discussão de como a mídia tem sido incorporada aos espaços de cultura. Ao revisitar os pensamentos de autores dos Estudos Culturais, Escosteguy (2011, p.205) preocupa-se com o deslocamento das pesquisas em comunicação, ao problematizar o viés antropológico, que se concentra nos “microprocessos de interação social”, e também o caso da sociologia da prática, cuja “abordagem está mais preocupada com mudanças macro-históricas geradas pelas interações dos atores sociais com a mídia”.

O caminho apontado por Escosteguy (2011) para fugir dos dilemas dos vieses antropológico e sociológico é o que ela chama de “narrativas pessoais midiáticas”. Sobre essas histórias, a autora sinaliza que estão em distintas mídias, podendo ser escritas pelos atores envolvidos ou por terceiros que contam com o testemunho do sujeito da história. “O que esses relatos têm em comum, a exemplo das histórias orais, é o fato de que ao contar uma história, tornam-se um modo de conhecer ou acessar o mundo” (ESCOSTEGUY, 2011, p. 206-207).

As narrativas pessoais midiáticas possibilitam construir não só o sujeito que é linguagem simbólica, mas o sujeito em comunicação que está entrelaçado com o outro, com o ambiente e com a própria mídia. Resende (2009) amplia esse terceiro aspecto ao acreditar que a narrativa é também o lugar onde as mediações acontecem:

A narrativa, sob essa perspectiva, é também ausência e pode ser pensada, no âmbito dos meios de comunicação, como o lugar onde as mediações ocorrem, pois se com Ricoeur (1994) sabemos que ali se inscreve uma dimensão temporal que é da ordem do humano, com outros pensadores, por exemplo, Genette (1995), aprendemos que é nelas que se instalam os modos, os contextos e os sujeitos. Nesse sentido, o ato de narrar, através dos meios, pode revelar legitimações, valores, representações e faltas, dados preponderantes para o processo de compreensão e leitura do mundo (RESENDE, 2009, p. 33).

Resende (2009, p.40) pensa no ato jornalístico como um gesto dialógico, ou seja, em que não há sobreposição entre narrador e narrado, mas “como agentes da ação, esses sujeitos não se fazem exclusivamente de um único lugar, o de locutor ou ouvinte, pois são, ao mesmo tempo, a fala e a escuta, produtos/produtores do ato comunicativo”.

No movimento dialógico da entrevista jornalística, podemos apontar ainda outro elemento além de narrador e narrado, que age diretamente no processo de construção da narrativa biográfica, que é o público. O público é o terceiro personagem da entrevista jornalística, muitas vezes onisciente ou assumido nas entrelinhas do entrevistador. Independente do “on” ou do “off” da câmera, o público é o elemento que atua na contratransferência das identidades narrativas e na perspectiva de alteridade assumidas pelos pares da entrevista jornalística.

Compreender o movimento dialógico da narrativa jornalística e sensibilizar os produtores de conteúdo sobre a responsabilidade de se contar uma história de vida é deslocar o olhar da emissão ou da recepção para se preocupar sobre como temos produzido as narrativas sobre o homem comum. Como ferramenta reveladora da história de si, a história do outro é também o espaço de arquitetura para a construção da nossa própria narrativa biográfica. Ao narrar uma história de vida, somos nós, narradores e narrados, interpelados por novas identidades que se ajustam ao texto e ao sentido dado por ele dentro do espectro social de nossas vidas.

2.3 A NARRATIVA JORNALÍSTICA: O PRESENTE MEDIADO PELO JORNALISMO

O Jornalismo é uma das áreas de ensino e estudo das Ciências Humanas, porém não está classificado como uma ciência. O Jornalismo pode ser definido como uma atividade profissional exercida, em muitos países, de acordo com um registro de trabalho e regulamentada por um Código de Ética. O jornalista, que pode se formar em uma faculdade de Jornalismo, pode também qualificar-se em outra área de ensino ou comprovar a função com a retirada de um registro profissional.

Porém, pensar o Jornalismo como uma mera atividade reduz os impactos deste na sociedade, como também parece operacionalizar a função do jornalista sem propiciar a real reflexão sobre a consequência do fazer jornalístico no mundo. Uma das relações diretas do Jornalismo é o material humano disposto no processo de pesquisa, entrevista e publicação dos textos jornalísticos.

As histórias de vida e o Jornalismo se aproximam e se estreitam sobremaneira, porém poucos são os estudos científicos sobre Jornalismo e Narrativas nas Pesquisas em Comunicação. O Jornalismo incorporou o relato de vida na estrutura dos gêneros jornalísticos, confeccionando muitas vezes um modelo cheio de encaixes pré-fabricados para

o espaço da voz do outro, denominado nos manuais de redação como Fonte, Entrevistado, Personagem e outras variações.

A história do Jornalismo está ligada à própria história da comunicação. Temporalmente, o Jornalismo tem seu surgimento marcado com a comunicação impressa, em 1450, a partir da invenção da prensa gráfica por Johann Gutenberg de Mainz. “Na China e no Japão, a impressão era praticada há muito tempo – desde o século VIII, se não antes -, mas o método geralmente utilizado era chamado de ‘impressão em bloco’” (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 24). O primeiro jornal era turco e foi fundado em 1831, no século XVII, e o primeiro jornal não-oficial turco foi lançado em 1840. Entretanto, a comunicação escrita não excluiu a comunicação oral no processo de formação dos meios de comunicação. “Em resumo, as mídias oral e impressa coexistiam e interagiam nos séculos XV e XVI na Itália, assim como nas fronteiras anglo-escocesas no século XVIII” (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 55). Sobre essa sobreposição da cultura oral para a escrita, Pena (2015) sinaliza:

Ou seja, além da passagem de uma cultura oral para a escrita, é a invenção dos tipos impressos que vai possibilitar o advento do jornalismo moderno. Entretanto, a oralidade continuará sendo protagonista do processo jornalístico, não só na relação com as fontes como na configuração de novas tecnologias midiáticas, como o rádio e a televisão (PENA, 2015, p. 25).

No Jornalismo, a narrativa está diluída nas formatações dos textos jornalísticos. Como nos referimos anteriormente, os eixos narrativos foram incorporados ao próprio fazer jornalístico, naquilo que ficou denominado de gêneros jornalísticos:

A Universidade de Navarra, na Espanha, foi um dos primeiros centros de investigação a sistematizar o estudo dos gêneros jornalísticos, a partir de 1959. Inicialmente, os textos foram divididos em informativos, opinativos e de entretenimento. Posteriormente, o pesquisador catalão Hector Borrat sugeriu a divisão em textos narrativos, descritivos e argumentativos. No Brasil, Luiz Beltrão foi o pioneiro, seguido pelo professor José Marques de Melo, cujas propostas foram baseadas nos seguintes critérios: 1. Finalidade do texto ou disposição psicológica do autor, ou ainda intencionalidade. 2. Estilo; 3. Modos de escrita, ou morfologia, ou natureza estrutural; 4. Natureza do tema e topicalidade; e 5. Articulações interculturais (cultura) (PENA, 2015, p. 67).

Os gêneros jornalísticos podem ser agrupados em diferentes classificações, merecendo destaque as classificações Francesa, Norte-americana e Alemã, elencadas por Pena (2015). No

Brasil, a referência é do professor José Marques de Melo. Na tabela abaixo, organizadas a partir das informações de Pena (2015, p. 68-69) é possível compreender esse panorama:

Quadro 2 – Gêneros Jornalísticos elencados por Pena (2015)

Classificação Francesa (Joseph Foliet)	Classificação norte-americana (Fraser Bond)	Classificação Alemã (Emil Dovifat)	José Marques de Melo (2003)
Editorial	Noticiário	Informativos	Jornalismo Informativo
Artigos de Fundo (resenhas dos acontecimentos)	Notícia	Notícia (fact-story)	Nota
Despachos (reportagens e entrevistas)	Reportagem	Report (act-story)	Notícia
Cobertura setorial	Entrevista	Entrevista (quote-story)	Reportagem
Fait Divers	História de interesse humano	De opinião	Entrevista
Crônica Especializada (crítica)	Página editorial	Editorial	Jornalismo Opinativo
Folhetim	Editorial	Artigos curtos	Editorial
Fotos e legendas	Caricatura	Glosa (Crônica)	Comentário
Caricaturas	Coluna	Amenos	Artigo
Comics (quadrinhos)	Crítica	Folhetim (resenha cultural)	Resenha
		Crítica	Coluna
		Recreio e espelho cultural	Crônica
		(contos, versos etc.)	
			Caricatura
			Carta

Fonte: (PENA, 2015, p. 68-69).

Nas classificações dos gêneros jornalísticos é possível observar que se impera uma divisão muito positivista da narrativa jornalística. Pena (2015, p. 68) avalia os seguintes erros nas classificações: na francesa, erro na inclusão redacionais que pertencem ao âmbito do

imaginário (folhetins) e entretenimento (quadrinhos); na norte-americana, não reflete o dinamismo dos meios de comunicação; na alemã, a divisão está errada, pois o critério utilizado foi o estilo. No Brasil, a referência na divisão dos gêneros jornalísticos é o professor José Marques de Melo, que o divide em Jornalismo Opinativo-informativo e Jornalismo Opinativo, nos dando a impressão de que, dessa forma, o Jornalismo Informativo está isento de qualquer opinião.

Seixas (2003 apud Pena, 2015) faz uma crítica a esta divisão, tão contestada pela academia, mas ainda presente na prática pedagógica do Jornalismo. De acordo com ela, há também, nessas classificações, a falta de consistência sobre a intenção do respectivo gênero jornalístico:

Outra crítica é que os critérios de fundamentação destas teorias e classificações são frágeis suportes e não atingem os pilares destas estruturas que são os gêneros, embora aponte, aqui e ali, alguns nortes. Disposição psicológica do autor ou intencionalidade, estilo, modos de escrita ou morfologia, natureza do tema ou topicalidade (conteúdo), objetividade/subjetividade não diagnosticam as especificidades destas práticas sociais discursivas; embora as finalidades ou funções dos textos se aproximem mais de fundamentos válidos, como são as condições de êxito (SEIXAS, 2003, p. 1 apud PENA, 2015, p. 69-70).

Ao observarmos as classificações sugeridas pelas diferentes escolas, encontramos lacunas sobre o espaço ocupado pela narrativa dentro da prática do Jornalismo. Dessa forma, é imprescindível buscar o pensamento de Motta (2005), que vai investigar o que ele denomina de narrativa jornalística. A narrativa jornalística em Motta (2005) não é entendida como gênero ou estilo, mas um encadeamento narrativo que está completo na consciência do leitor:

Na observação narrativa e pragmática da comunicação jornalística pode-se, então, compreender os processos cognitivos e simbólicos dessa fabulação do real (Motta, 2002 e 2003). Essa questão nos remete à discussão, no âmbito da historiografia, sobre a história narrativa e particularmente sobre a história do presente, sobre o acontecimento histórico e o acontecimento jornalístico, e nos fornecem elementos necessários para a conclusão de nossa reflexão sobre o caráter narrativo do jornalismo (MOTTA, 2005, p. 37-38).

Para fazer essa afirmação do enunciado objetivo jornalístico como uma narrativa, Motta (2004) propõe uma reflexão diante da Teoria Literária, das Ciências da Linguagem e das Teorias Cognitivas. A primeira referência é a Mieke Bal (2001, p. 12-17), que afirma que “o texto narrativo é aquele no qual se relata uma história, mas o texto não é a história

(MOTTA, 2004, p. 3). Motta (2004) avalia que mesmo Bal apontando os estratos da narrativa, que são texto, história e fábula, ele não soluciona a questão da identidade narrativa.

Outras distinções contrapõem os termos “narração e descrição”. A narração é o procedimento representativo denominado pelo relato de eventos, já a descrição é o procedimento representativo de um momento único. “No jornalismo (como em outros gêneros) é praticamente impossível encontrar textos puramente descritivos tanto quanto aqueles exclusivamente narrativos” (MOTTA, 2004, p. 3).

Dentro da Teoria Literária, Motta (2004) apresenta outra diferenciação importante, que é entre os conceitos *showing* e *telling*. No *showing*, que em tradução literal significa “mostrando”, o espectador é o responsável pelo enredo e a diegese da história. Já no *telling*, que em tradução literal significa “contando”, há o esforço do narrador em juntar as partes do enredo. O Jornalismo se aproximaria mais do *showing*, já que “o narrador procura se distanciar e deixar as conclusões éticas, morais e políticas para os leitores e ouvintes” (MOTTA, 2004, p. 04). Mas Motta (2004) assim chega à conclusão:

A partir da distinção sobre o que é ou não é uma expressão narrativa conforme as oposições acima, conclui-se que os enunciados jornalísticos tendem a se afastar da forma narrativa e a se caracterizar como expressões mais descritivas e objetivas da realidade que deixam para o receptor o encargo de reconstituir representações, principalmente de fazer as conexões e de construir eventuais diegeses narrativas dos acontecimentos descritos. Diferentemente da forma narrativa, o jornalista procura desvanecer a sua presença e transforma-se num mediador discreto. Enquanto mimese, o jornalismo se restringiria a descrever objetivamente a realidade, evitando contar histórias no sentido tradicional da palavra (MOTTA, 2004, p. 4).

Sendo assim, se o caráter narrativo não está no externo do texto jornalístico, podemos encontrá-lo então no interior do texto? A narratividade é uma das condições do texto narrativo apontadas por Motta (2004), que utiliza da relação que Ricoeur faz sobre o tempo e o cotidiano. Porém, Motta (2004) conclui que a narratividade estaria menos na intriga do texto e mais na relação entre a obra, o autor e o leitor. Sobre a narrativa jornalística, o autor desloca o olhar do processo para a recepção da mensagem. Os múltiplos textos jornalísticos, divididos e reunidos em diferentes gêneros, integrariam assim o conjunto da narrativa jornalística:

Mas, não é na incrustação nem na hibridização do gênero ou do estilo do texto que o paradigma narrativo se revela no jornalismo. A realização da intriga e da diegese narrativa do jornalismo não está nas contradições e derrapagens da linguagem das notícias: está no movimento entre a pré-configuração, a configuração e a refiguração do ciclo pragmático autor-obra-leitor, que pode ser capturada, como nos sugere P. Ricoeur, através da interpretação da comunicação jornalística desde uma ótica do leitor. Ou seja,

é desde o ponto de vista reconfigurador da recepção e desde um pano de fundo cultural, ético e moral que podemos reconstituir episódios fragmentados das notícias diárias em narrativas coerentes, que podemos reconstituir intrigas e histórias cuja significação está muito além dos conteúdos proposicionais. É desse ponto de vista, a meu ver, que o jornalismo se configura como narrativa da contemporaneidade. Sua significação é cultural e sua interpretação precisa ser antropológica (MOTTA, 2004, p. 12).

Motta (2004) nos sinaliza o caminho da narrativa jornalística como entrecruzamento para a narrativa biográfica no Jornalismo, que é a proposta desta pesquisa de dissertação. Porém, tendo como o primeiro pressuposto de que a narrativa jornalística não está diluída em um gênero jornalístico, mas categoriza-se como a constituição de um enredo em que a narratividade encontra-se no interior da relação entre os pares, é imprescindível percorrer o caminho que nos leva às identidades narrativas dos sujeitos, dentro dos textos jornalísticos, como também fora deles, no espaço orbital dominado pela mídia.

2.4 UM BREVE RESUMO: DA BIOGRAFIA AO PERFIL NO JORNALISMO

O narrativo está diluído nos gêneros jornalísticos, como também na predominância de formatos biográficos, com destaque a três deles, que são a biografia, o livro-reportagem e os perfis. Vilas Boas (2002, 2003, 2008, 2014) dedicou vasta obra acadêmica à pesquisa da narrativa biográfica no Jornalismo, dando atenção especial à literatura das biografias jornalísticas e aos perfis jornalísticos.

As biografias podem ser escritas por jornalistas, antropólogos, astrônomos, físicos ou historiadores. Não há, no Brasil, formações específicas para a função. Mas ao que se sabe é que comumente são os jornalistas que assim decidem pelo caminho da biografia, utilizando para isso instrumentos metodológicos próprios do ordinário da profissão. O processo biográfico tem como premissas a análise dos fatos, o trabalho de pesquisa, habilidade narrativa e também alguma intenção.

Nas classificações de Vilas Boas (2002) são quatro os tipos de biografias: autorizadas, independentes, encomendadas e ditadas. As autorizadas são produzidas com o consentimento dos biografados; já as independentes feitas sem a autorização prévia; as encomendas confeccionadas por editores, familiares ou pelos próprios personagens; e, por fim, as ditadas, em que o biógrafo escreve uma autobiografia ou memórias em nome do biografado, prática chamada de *ghostwriting*.

No Brasil, a produção de livros biográficos (biografias, memórias, autobiografias e cartas) cresceu entre os anos de 1995 e 1997. Há três anos, o país viveu um intenso debate sobre a publicação de biografias não autorizadas, gerando a criação de um movimento entre artistas como Gilberto Gil, Caetano Veloso e Chico Buarque. Vilas Boas (2002) destaca três biografias comercialmente bem-sucedidas que foram “Chatô, o Rei do Brasil” (1994), “Mauá, o Empresário do Império” (1995) e “Estrela Solitária” (1996), escritas pelos jornalistas Fernando Morais, Jorge Caldeira e Ruy Castro, respectivamente.

Os primeiros biógrafos não se preocupam em incluir nos textos materiais numéricos como datas e anos. “Pelo contrário, omitiam do leitor informações importantes para o entendimento do trabalho de pesquisa, certamente por ser baixo o grau de autoconsciência autoral” (VILAS BOAS, 2002, p. 34). De acordo com Vilas Boas, a mudança se deu a partir da publicação de “The life of Samuel Johnson”, no século XVIII, com a biografia de Samuel Johnson escrita por James Boswell.

A partir do século XIX, a perspectiva biográfica buscou questionar sobre o que e quanto deveria ser revelado sobre a vida privada dos biografados. No século XX, “Eminent Victorians” (1918), de Lytton Strachey, chocou e encantou o público, com a coleção de quatro perfis de personalidades da época. A resposta de Strachey ao questionamento biográfico do século XIX foi que “tratando-se de biografia, não existem reservas possíveis” (VILAS BOAS, 2002, p. 36).

Porém, uma problemática das biografias é a predileção por personagens de destaque na mídia. “Raramente se consegue avaliar o valor das pessoas que não se destacam, sob a justificativa ingênua de que indivíduos competentes estarão necessariamente em evidência” (VILAS BOAS, 2002, p. 43).

As biografias envolvem um trabalho de pesquisa que passa pela necessidade de consultas a fontes primárias e secundárias, documentos oficiais e não oficiais, cartas, autobiografias, memórias e entrevistas. Sobre as entrevistas, a biografia acolhe alguns princípios da história oral, uma das metodologias da historiografia moderna. Com relação à entrevista biográfica no Jornalismo, abordamos o assunto na seção 1.5 deste capítulo.

Mas qual a diferença entre a biografia e o livro-reportagem? Segundo Vilas Boas (2002) o percurso da biografia (pesquisar, aprofundar, interpretar e criar) se assemelha ao do

livro-reportagem. O professor Edvaldo Pereira Lima distingue o livro-reportagem das demais publicações por três condições essenciais:

O objeto de abordagem (1) de que trata o livro-reportagem corresponde ao real, ao factual. Os fatos podem ser concretos ou perenes, mas a veracidade e a verossimilhança são primordiais; no que se refere à linguagem (2), o livro-reportagem apresenta-se como jornalístico, mas acomoda outros recursos (literários, por exemplo); a função (3) de informar e de interpretar pode (e deve) revestir-se de investigações e percepções pluridimensionais. (LIMA, 1993, p. 20-1 apud VILAS BOAS, 2002, p. 78).

O livro-reportagem permite ao jornalista investigar em profundidade temas pautados pelo noticiário ou não. Porém, se caracteriza por “ser um trabalho autoral, em que o criador procura manter seu leitor provido de meios para compreender o seu tempo, as causas e as origens dos fenômenos” (VILAS BOAS, 2002, p. 78).

Por fim, o perfil é caracterizado por ser uma narrativa biográfica curta, publicada em jornais, revistas e websistes. Entretanto, podemos incluir a essa listagem também as redes sociais. O projeto *Humans of New York*, que será explorado no capítulo 3 desta dissertação, consiste em perfis compilados e publicados no Facebook. Sobre os perfis, Vilas Boas define:

O perfil jornalístico é um texto biográfico curto (também chamado *short-term biography*) publicado em veículo impresso ou eletrônico, que narra episódios e circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo, famoso ou não. Tais episódios e circunstâncias combinam-se, na medida do possível, com entrevistas de opinião, descrições (de espaço físico, épocas, comportamentos, intimidades etc.) e caracterizações a partir do que o personagem revela (às vezes sem dizer) (VILAS BOAS, 2002, p. 93).

As definições sobre perfis variam, mas caminham em único sentido, de acordo com Vilas Boas (2003, p. 16), que escreveu o livro “Perfis e como escrevê-los”. Steve Weinber os chama de biografia de curta duração (*short-term biography*); Osvaldo Coimbra, de “reportagem narrativo-descritiva de pessoa”; Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari “acham que deve ser chamado perfil o texto que enfoca o protagonista de história (a de sua própria)” (VILAS BOAS, 2003, p. 16), e de miniperfil o texto dentro da narrativa principal em que há a descrição de outro personagem.

Vilas Boas (2003) faz uma crítica ao pequeno espaço ocupado pelos perfis nos meios impressos. Porém, passados 15 anos da publicação do livro “Perfis”, podemos afirmar que os perfis ganharam espaço em outras plataformas.

2.5 A ENTREVISTA BIOGRÁFICA: O DIÁLOGO POSSÍVEL E OS FRACTAIS BIOGRÁFICOS

A entrevista faz parte da prática profissional do jornalista. Diariamente, o jornalista (que ocupa a função de entrevistador) interpela e atravessa as histórias de diferentes tipos humanos. É função do dispositivo jornalístico questionar o outro, que está caracterizado pelos manuais de redação como “fonte” ou “personagem” da reportagem ou notícia.

Para Cremilda Medina (2001, p. 8), “a entrevista é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação”. Entretanto, a prática profissional regida pelo curto tempo, pela rápida velocidade da informação e por múltiplas tarefas desenvolvidas pelos profissionais nas redações têm reduzido a história de vida a um lugar apagado ou encaixotado no espaço predeterminado do discurso social.

A entrevista jornalística tem referências diretas nos modelos de entrevista das Ciências Sociais. Porém, há diferenças entre a entrevista no Jornalismo e a entrevista como método de pesquisa. Medina (2001) pontua quatro: no Jornalismo, há uma falsa representatividade, já que o aleatório é específico; o jornalista utiliza uma técnica não-direta e fluida baseada nos critérios de atualidade, universalidade, periodicidade e difusão; o Jornalismo lida, fatalmente, com as contingências da presentificação, e o repórter deveria ser preparado, assim como o entrevistador das Ciências Sociais.

Porém, a principal diferença entre a entrevista no Jornalismo e a entrevista como método nas Ciências Sociais é a presença de um terceiro elemento: o público. O público na entrevista jornalística confunde-se com a própria consciência do narrador da história. Mesmo sendo aparente em certos aspectos, como a câmera ligada no “on” em transmissão ao vivo e on-line para milhares de pessoas, o público também está confundido na práxis do jornalista de atuar e proceder do momento da entrevista à feitura do texto social.

No momento da entrevista, a “fonte” ou “personagem” dispõe ao jornalista informações que não necessariamente estão atreladas aos seus percursos pessoais de vida, porém é ingênuo imaginar que a relação entre entrevistado e entrevistador não ultrapasse as fronteiras do ritual da entrevista. Entre o entrevistador e o entrevistado ocorrem permutações, que podemos inicialmente classificar como trocas simbólicas entre as identidades narrativas dos pares envolvidos no jogo dialógico da entrevista, em referência direta à Medina (2001):

Por mais distanciamento que se imponha ao lidar com outro ser humano – o entrevistado-, não se evitará nunca a interferência do eu subjetivo do entrevistador, seja ele escudado na oposição de ideias ou no esforço para não perverter pela simpatia que poderá invadi-lo. Essa ilusão objetiva cai por terra no primeiro momento de aproximação: ambos os oponentes, digamos assim os protagonistas de uma ação convencionalmente feita de estocadas, entrarão em campo através de uma linguagem (verbal ou não verbal), um modo de dizer, comprometida com o real – imaginário de cada um (MEDINA, 2001, p.44).

O diálogo possível para a autora é o momento em que a entrevista jornalística deixa de ser apenas o mero cumprimento de protocolo, colocando entrevistador e entrevistado em novas posições. No diálogo possível, ambos saem alterados e modificados após o rito da entrevista. “Alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível” (MEDINA, 2001, p.7).

Atravessados por esses questionamentos em Medina (2001) nos restam ainda outras questões: se a entrevista acontece no diálogo possível, como buscar mecanismos para levar o narrador a alcançar esse ponto de encontro com o narrado? Qual é o papel ocupado pelo público no momento deste encontro? Se há uma troca simbólica entre narrador e narrado na narrativa biográfica, esta acontece no diálogo possível?

Nesta dissertação, nos debruçamos sobre um texto social ainda mais específico que é a narrativa biográfica. No Jornalismo, temos desdobramentos da narrativa biográfica na biografia e no perfil. As narrativas biográficas são um esforço coletivo de traduzir simbolicamente o que o entendimento real foi incapaz de reduzir, já que a trajetória humana é extremamente complexa para ser escrita a partir de uma única verdade.

Há diferentes termos para esse tipo de representação textual, sendo comumente classificados como história de vida, narrativa de vida, história pessoal e história oral. Porém, em Vilas-Boas (2014, p.23-24), o autor explica a diferença. “Histórias de Vida, muito empregada nas Humanidades, visa o coletivo, sem constituírem um gênero literário, as biografias enfocam, primordialmente, um indivíduo”. Vilas Boas (2002) ainda completa fazendo referência a José Carlos Sebe:

Há uma variação de história oral de vida conhecida como narrativa biográfica, observa José Carlos Sebe. Na história oral de vida presta-se atenção ao valor da experiência pessoal em si. Nessa narrativa, cuida-se mais do roteiro cronológico e factual das pessoas, aliado a particularidades que remetem a acontecimentos julgados importantes. Nesse último caso, segundo

Sebe, a participação do entrevistador como interlocutor pode ser muito mais presente e ativa (VILAS BOAS, 2002, p. 62).

Diante de tantos termos e enfoques, optamos, nesta dissertação, pelo termo narrativa biográfica. Revisando as definições de Motta (2004, 2005) a respeito da narrativa jornalística e de biografia em Vilas Boas (2002, 2003, 2008, 2014), chegamos às denominações aqui propostas.

Vilas Boas (2002, p. 11) conclui que a “biografia é o biografado segundo o biógrafo”. Não há como pensar em uma história de vida, narrativa de vida, história pessoal, história oral ou muito dos outros termos que se equivalem sem imaginar que estes não partam inicialmente de uma consciência do narrador da história, do entrevistador ou do biógrafo. Vilas Boas (2014) refere-se sobre o assunto:

A individualidade é aderente à biografia, dentro da qual se pode procurar conhecer como um ser humano viveu em seu tempo; como uma vida pode influenciar muitas – mesmo a vida do próprio autor, pois nenhum biógrafo respeitável pode permanecer à sombra de seu biografado (vivo ou morto) tanto tempo, pesquisando-o, interpretando-o diariamente, às vezes durante vários anos, e não ser tocado por essa experiência (VILAS BOAS, 2014, p.24).

Porém, o que impera no ensino do Jornalismo a respeito desse tipo de texto social representado pela narrativa biográfica é aquilo imposto pelo remanescente positivismo, pautado pela objetividade. Pena (2015) problematiza o conceito de objetividade difundido no Jornalismo:

Entretanto, o problema do conceito não está no tempo, mas na interpretação. A objetividade é definida em oposição à subjetividade, o que é um grande erro, pois ela surge não para negá-la, mas sim por reconhecer a sua inevitabilidade. Seu verdadeiro significado está ligado à ideia de que os fatos são construídos de forma tão complexa que não se pode cultuá-los como a expressão absoluta da realidade. Pelo contrário, é preciso desconfiar desses fatos e criar um método que assegure algum rigor científico ao reportá-los (PENA, 2015, p. 50).

A conclusão a que chega Pena (2015, p. 51) é que “o método é que deveria ser objetivo, não o jornalista”. Dessa forma, compreendemos com esta pesquisa que o jornalista, ainda nos bancos das faculdades de Comunicação Social, conhece muito pouco sobre as técnicas de entrevista e reflete menos ainda sobre os limites interpostos entre si, enquanto narrador, e o outro, na figura de narrado.

Há um paradoxo latente quando o assunto é o ensino das narrativas biográficas nos cursos de Jornalismo: busca-se ora o extremo distanciamento do outro (como se assim fosse possível), ora cai-se na armadilha de traçar ilusórias intimidades com o entrevistado. Pena (2004) critica o modelo tradicional de construção de narrativas biográficas pelo Jornalismo:

O relato biográfico, na maioria das vezes, tenta ordenar os acontecimentos de uma vida de forma diacrônica, na ilusão de que eles formam uma narrativa autônoma e estável, ou seja, uma história com começo, meio e fim, formando um conjunto equilibrado e seguro. É o que Pierre Bourdieu chama de ilusão biográfica, aquela que trata a história de uma vida como “o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção” (PENA, 2004, p. 80).

Pena (2004, p.85) busca noções nas ciências naturais sobre o caos, como também das formas geométricas através do entendimento dos fractais, para tencionar a aplicação desses mecanismos nas identidades. “Nas contradições e deslocamentos estão os fractais da identidade”. Ao optar por construir uma narrativa a partir da Teoria dos Fractais, está claro que a identidade humana não é uma “unidade estável e coerente” (PENA, 2004, p. 88). Assim esclarece sobre o conceito de “biografias em fractais”:

As identidades são plurais, mixadas, frágeis, instáveis. A coesão perde lugar para uma colagem de estilos e influências, moldada por imagens midiáticas, modelos de consumo, sensações, aparências e outros infindáveis componentes de um caleidoscópio sem significado definido. Um caleidoscópio desconexo e híbrido, mas, nem por isso, desordenado, já que sua ordem está baseada na permanente recriação no interior da própria desordem (PENA, 2004, p. 89).

As “biografias em fractais” tornam-se um caminho promissor na representação das identidades e na clareza da incapacidade do narrador em traduzir em completude o narrado em sua narrativa biográfica. Porém, o que esta dissertação busca é investigar a prática disposta ainda no processo de construção da narrativa biográfica, especificamente no momento em que a entrevista está sendo realizada.

CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: O CAMINHO DA PESQUISA-INTERVENÇÃO COM ESTUDANTES DE JORNALISMO

A pesquisa “Perfis em Rede” não surge como pesquisa-intervenção, mas nasce da proposta de levar aos estudantes à reflexão sobre um novo dispositivo de feitura das histórias de vida reais e anônimas, que é o Modelo Aberto de Construção de Narrativas Biográficas para o Jornalismo. A produção de dados da pesquisa “Perfis em Rede: a narrativa biográfica como ferramenta de ensino e aprendizagem com estudantes de Jornalismo” durou menos de um mês, tendo início no dia 10 de Outubro de 2016 e finalizando no dia 07 de Novembro de 2016. A atividade constou como a avaliação da segunda unidade da turma de Sociologia da Comunicação, em que a pesquisadora desta dissertação atuou como estagiária docente.

A pesquisa-intervenção realiza-se através do método cartográfico. Formulado por Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1995), o método cartográfico acompanha o processo e não apenas representa o objeto. O papel do cartógrafo no plano em análise é o de “descrever, intervir e criar efeitos-subjetividades” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009, p. 27). O método cartográfico vai sendo traçado sem determinações, partindo da experiência da pesquisa que se realiza entre pares: pesquisador e pesquisado, entrevistador e entrevistado e assim por diante. “Os grupos, as instituições e as organizações são redes de interações, isto é, relações entre relações. O método é, então, a cartografia do intermediário” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009. p. 28).

A atenção do cartógrafo é outro aspecto importante do método cartográfico. “É no trabalho operado pela atenção que podemos identificar mais incisivamente a produção de dados de uma pesquisa e a dimensão construtivista do conhecimento” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009, p.40). Os autores continuam elencando quatro variedades da atenção do cartógrafo, sendo estas: 1. Rastreamento, que é o gesto de varredura do campo; 2. Toque, que aciona em primeira mão o processo de seleção; 3. Pausa, como uma espécie de zoom sobre o plano analisado, e o 4. Reconhecimento atento, que reconduz ao objeto para destacar seus contornos.

A aposta da cartografia não é representar objetos, mas acompanhar processos. Durante a experiência da pesquisa-intervenção, é papel do cartógrafo buscar mecanismos de inserção do grupo na atividade proposta. Na pesquisa “Perfis em Rede”, o valor de manutenção da turma de Jornalismo estava inicialmente atrelada às notas que cada fase do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo possuía. Durante o processo, a maior parte dos

alunos vislumbrou o cumprimento da atividade além das notas. Porém, outros estudantes evadiram das atividades estabelecidas, percebendo-se assim a necessidade de extensão dos prazos em alguns momentos, como também uma maior flexibilidade na aplicação de cada fase do Modelo.

Outra pista do método cartográfico são os movimentos-funções dos dispositivos na prática. Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p. 90) entendem dispositivo como aquilo que “tenciona, movimenta, desloca para o outro lugar, provoca outros agenciamentos”. Dessa forma, podemos encarar o Modelo Aberto como um dispositivo na pesquisa “Perfis em Rede”. O objetivo do Modelo não é simplesmente chegar à solução da questão-problema: “Como as identidades narrativas de narrador, estudantes de Jornalismo, e narrados, personagens aplicados ao Modelo Aberto de Narrativas Biográficas, se permutam na construção de narrativas biográficas no Jornalismo?” É antes ensinar os estudantes a mediar as histórias de vida de outros. “Trabalhar com dispositivos implica-nos, portanto, com um processo de acompanhamento de seus efeitos, não bastando apenas pô-lo a funcionar” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009, p. 79).

O conceito de coletivo também recebe outra conotação no método cartográfico, sendo caracterizado como “o plano das forças também definido como plano de consistência ou de imanência (Deleuze e Parnet, 1998) ou, ainda, plano do instituinte (Lourau, 1995)” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009, p. 95). Os cartógrafos optam por trabalhar com o sentido de “plano”, em vez de “campo”. A explicação está naquilo que apresentam Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p. 20), uma vez que “o trabalho de análise/intervenção desestabiliza a própria noção de campo, já que modula seus limites e configurações”. A metaestabilidade do plano aproxima o método cartográfico da pesquisa-intervenção e “ao cartógrafo cabe se deixar levar em certa medida pelo plano coletivo, não por falta de rigor metodológico, mas porque uma atitude atencional do próprio cartógrafo” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009, p.105).

O ponto de vista do observador é outra perspectiva do método cartográfico, em que o pesquisador é atravessado “por múltiplas vozes que perpassam um processo, sem adotar nenhuma como sendo a própria ou definitiva conjurando o que cada uma delas há de separatividade, historicidade e fechamento tanto ao coletivo quanto ao seu processo de constituição” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009, p. 116). Para os autores (2009, p. 129), o posicionamento do cartógrafo é equidistante, “para realizar sua tarefa não pode estar localizado na posição de observador distante, nem pode localizar seu objeto como coisa idêntica a si mesma”.

A pesquisa-intervenção está atrelada ainda a um território existencial. Nesse sentido, o método cartográfico considera que “conhecer não é tão somente representar o objeto ou processar informações acerca de um mundo supostamente já constituído, mas pressupõe implicar-se com o mundo, comprometer-se com sua produção” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009, p. 131). Os autores ainda completam:

Habitar um território existencial, diferente da aplicação da teoria ou da execução de um planejamento metodológico prescritivo, e acolher e ser acolhido na diferença que se expressa entre os termos da relação: sujeito e objeto, pesquisador e pesquisado, eu e mundo. A cartografia introduz o pesquisador numa rotina singular em que não se separa teoria e prática, espaços de reflexão e ação. Conhecer, agir, habitar um território não são mais experiências distantes uma das outras (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 148-149).

Dessa forma, inserimos a pesquisa “Perfis em Rede: a narrativa biográfica como ferramenta de ensino e aprendizagem com estudantes de jornalismo” na dinâmica da pesquisa-intervenção. Primeiramente, Passos, Kastrup e Escóssia (2009, apud GUATTARI, 2009) sinalizam que o método cartográfico deve seguir este itinerário: descrever, intervir e criar efeitos-subjetividades. Percurso observado por esta pesquisa, que se propõe a: 1. Descrever o cenário do ensino-aprendizagem da narrativa biográfica na sala de aula de Jornalismo; 2. Intervir com auxílio de um Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo; 3. Por fim, criar efeitos-subjetividades após a aplicação do modelo, sensibilizando os alunos com relação às identidades permutadas no processo de tessitura da trama narrativa.

Salientamos também que a proposta da pesquisa-intervenção adentra no “primado da experiência”, que é feito a convite da própria pesquisadora aos estudantes da turma de Sociologia da Comunicação. Por essa forma, o campo de análise e o campo de intervenção se distinguem, mas não se separam. “A análise aqui se faz sem distanciamento, já que está mergulhado na experiência coletiva em que todos estão implicados” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009, p. 19).

Buscamos também refletir sobre as outras experiências sensoriais da pesquisa-intervenção apresentadas acima, que são: o funcionamento da atenção do cartógrafo, a representação dos processos, a utilização do diário de campo, os movimentos-funções do dispositivo na prática, o coletivo de forças, a dissolução do ponto de vista do observador, a habitação de um território existencial e uma política da narratividade. Sendo assim, nos propomos a pensar a partir das pistas de Passos, Kastrup e Escóssia (2009) sobre o movimento cartográfico desta pesquisa.

O funcionamento de atenção do cartógrafo se faz diante de quatro variedades, que são: Rastrear, Toque, Gesto e Reconhecimento Atento. A atenção do cartógrafo é o gatilho para a produção de dados da pesquisa, distribuída através das variedades de atenção. Propomos em “Perfis em Rede” desenvolver a atenção do cartógrafo através do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas. O Rastrear acontece na escolha da turma e nos meses iniciais de contato; o Toque e Pousar com a aplicação da atividade e a seleção voluntária por parte dos alunos aos entrevistados aplicados ao modelo; e, por fim, o Reconhecimento Atento que destaca cada aluno na trajetória narrativa de cada fase da atividade.

Já a representação dos processos é própria da inserção em sala de aula, porém é a parte mais desafiante da análise dos dados. O principal objetivo da pesquisa não é simplesmente caracterizar se há ou não permutações nas identidades narrativas, mas possibilitar em cada aluno e na turma como um todo uma atividade vivencial com o processo de produção de narrativas biográficas, bem como com os saberes que circundam esse tipo de conteúdo. Por isso, a pesquisa-intervenção se revela uma atividade de ensino e aprendizagem, já que provoca também uma nova práxis no ensino desse tipo de conteúdo.

Com relação ao diário de campo, este se faz no interior da intriga das trajetórias narrativas de cada discente da disciplina de Sociologia da Comunicação após a atuação nas fases do Modelo. Porém, não substituí as anotações da pesquisadora, bem como as transcrições literais das experiências dos estudantes com o processo. Por isso, todos eles foram motivados a produzir um relato de experiência tanto na Fase 1 quanto na Fase 3 do Modelo Aberto. Mais adiante, no capítulo 5 desta dissertação, apresentamos de forma integral os relatos de experiência dessa pesquisa.

Outra pista apontada por Passos, Kastrup e Escóssia (2009) são os movimentos-funções do dispositivo na prática. Como já apresentamos, o próprio Modelo Aberto é interposto como dispositivo-função que provoca os movimentos de referência, explicitação e transformação. Assim afirmam os autores:

Da filosofia dos dispositivos podemos tirar consequências, como nos indica Deleuze. A primeira é o repúdio dos universais e a segunda, não menos contundente, é a "mudança de orientação, que se desloca do eterno para apreender o novo". A indicação parece-nos clara: o dispositivo alia-se aos processos de criação e o trabalho do pesquisador, do cartógrafo, se dá no desembaraçamento das linhas que o compõem - linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação. Trabalhar com dispositivos implica-nos, portanto, com um processo de acompanhamento de seus efeitos, não bastando apenas pô-lo a funcionar (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009, p.79).

Ao pensarmos no Modelo Aberto como dispositivo-função desta pesquisa de dissertação, é possível aferir que a aplicação deste está inserida como uma etapa do processo, cabendo ao cartógrafo a tarefa fundamental de analisar, a partir da produção de dados e da experiência vivencial em sala de aula, os efeitos da atividade nas trajetórias narrativas de cada aluno como narrador, como também a trajetória narrativa de cada narrado pela perspectiva do aluno. É importante salientar que esse dispositivo-função nos desloca mais para o posicionamento do discente do que para o dos entrevistados.

O coletivo de forças na pesquisa “Perfis em Rede” é construído inicialmente pela relação de confiança criada entre pesquisadora e grupo. No início do processo mostrou-se fundamental que os alunos acreditassem e vivessem o processo do Modelo Aberto para que assim a produção de dados da pesquisa pudesse ser feita. Mesmo com a recompensa estabelecida a partir das notas atribuídas à disciplina de Sociologia da Comunicação, a perspectiva positiva do grupo sobre a atividade empreendida em sala de aula tornou o Modelo Aberto ainda mais rico. Sendo assim, dos 40 discentes apenas 5 se abstiveram do processo.

A outra pista direciona o cartógrafo para a dissolução do seu ponto de vista. Ressaltamos que a dissolução não implica uma negação, mas põe o pesquisador na posição de mediador do processo. A dissolução do ponto de vista acontece sobremaneira na aplicação do Modelo Aberto, já que possibilitou que a pesquisadora estabelecesse a mediação entre os estudantes e os entrevistados. Sendo, assim, tarefa imprescindível a equidistância entre as três subjetividades no percurso da pesquisa: pesquisadora, estudantes e biografados.

Já o território existencial da pesquisa ultrapassa a sala de aula, que se tornou apenas o plano material da pesquisa-intervenção. Podemos considerar como território existencial da pesquisa-intervenção “Perfis em Rede” o próprio momento da entrevista dialógica ou do diálogo possível, conforme Medina (2001). O território existencial preciso desta pesquisa são as subjetividades intercortadas de estudantes e biografados, campo silencioso e repleto de permutações simbólicas.

Por fim, passamos para a política de narratividade. O objeto primário desta dissertação é a narrativa, que não compreendemos apenas como texto, contudo como uma maneira constitutiva e construída de ser e ensinar o que se é. Conduzir a pesquisa “Perfis em Rede” através do método cartográfico é possibilitar, também, caminhar pela filosofia hermenêutica motivadora desta atividade, como colocam Passos, Kastrup e Escóssia (2009):

Toda experiência cartográfica acompanha processos, mais do que representa estados de coisa; intervém na realidade, mais do que a interpreta; monta dispositivos, mais do que atribui a eles qualquer natureza; dissolve o ponto de vista dos observadores, mais do que centraliza o conhecimento em uma perspectiva identitária e pessoal. O método da cartografia implica também a aposta ético-política em um modo de dizer que expresse processos de mudança de si e do mundo. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p.169-170).

3.1 A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO ABERTO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO

Com a finalidade de investigar as zonas de permutação ocorridas entre narrador e narrado na narrativa biográfica, a partir da questão-problema “Como as identidades narrativas de narrador, estudantes de Jornalismo, e narrado, personagens aplicados ao Modelo Aberto de Narrativas Biográficas, se permutam na construção de narrativas biográficas no Jornalismo?”, buscamos mecanismos metodológicos que auxiliassem na busca por essa resposta. Por isso, propusemos uma pesquisa-intervenção, realizada em sala de aula, com aplicação de um Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo com 40 discentes da turma do segundo período de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no período de 10 de Outubro a 07 de Novembro de 2016.

A iniciativa da pesquisa-intervenção não surge como uma proposta inicial apontada pelo projeto de pesquisa motivador dessa dissertação; porém, ao longo do percurso, a pesquisa-intervenção revelou-se como uma necessidade de investigar um ambiente, que é o da sala de aula, e aplicar a reformulação em uma prática, o ensino e aprendizagem da narrativa biográfica no Jornalismo.

Motivados, então, pela necessidade de transformar um questionamento em uma práxis, fomos auxiliados pela oportunidade da experiência em sala de aula através do Curso de Iniciação à Docência (CID), oferecido pela Pró-reitoria de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPG/UFRN). A autora desta dissertação propõe, com o professor titular da disciplina de Sociologia da Comunicação e orientador desta pesquisa, a aplicação de um modelo aberto de construção de narrativas biográficas, transformando uma atividade secundária da pesquisa no centro desta.

A produção de dados da pesquisa-intervenção foi realizada no segundo semestre de 2016, quando a autora da dissertação esteve em sala de aula como estagiária docente. Ao todo participaram da pesquisa 35 dos 40 alunos matriculados na turma. As fases da pesquisa-

intervenção entraram como notas da segunda unidade da disciplina de Sociologia da Comunicação.

3.1.1 Passo a passo do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo

Com auxílio da *Entrevista Biográfica* de Gomes (2008), a autora promoveu a aplicação de um Modelo Aberto de Narrativas biográficas para o Jornalismo na turma de Sociologia da Comunicação do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O objetivo deste modelo foi observar como os alunos (narrador) assumem novas identidades biográficas a partir do contato com os biografados (narrados). A proposta da atividade foi a escolha voluntária por parte de cada estudante de um entrevistado que fosse submetido ao método.

Dessa forma, estão assim organizadas as fases do Modelo Aberto:

Fase 1 - Mapa de Contexto Social, com a realização de uma pré-entrevista a partir dos eixos de mediação de Martín-Barbero (1997); Fase 2 - Mapa de Interação, com a aplicação de um formulário de autoavaliação pelos alunos com base na *Entrevista Biográfica* em Gomes (2008); Fase 3 - O Encontro Dialógico, com a entrevista final após a sensibilização através dos estudos dos setênios. Diante de cada fase foram propostos aos alunos os cumprimentos das atividades de acordo com as seguintes datas:

Quadro 3 – Fases do Modelo Aberto por datas de execução

Fase 1 – Mapa de Contexto Social	Fase 2 – Mapa de Interação	Fase 3 – O Encontro Dialógico	Texto Final – Edição por Humans of New York
10/10/2016	17/10/2016	31/10	07/11/2016

Fonte: Autor.

A seguir, apresentamos como cada fase foi elaborada.

3.1.1.1 Fase 1: Mapa de Contexto Social

Nesta fase, intitulada Mapa de Contexto Social, os eixos de mediação de Martín-Barbero (1997) foram utilizados como base para a construção de uma pré-entrevista constituída de três perguntas, a partir dos eixos classificados pelo autor como: cotidianidade familiar, atemporalidade social e competência cultural. Martín-Barbero (1997), diante dos

Estudos das Mediações, inaugura um novo campo de pesquisa, não mais centralizado na emissão ou recepção, porém voltado a investigar os espaços de ressignificação da mensagem. Observar o processo comunicacional a partir das interferências das instituições, dos grupos e da própria mídia tornou-se o ponto de partida para compreender também a trajetória de construção da narrativa biográfica no Jornalismo.

Gomes (2008) ressalta a importância da contextualização na pesquisa biográfica:

Esta exigência de um enquadramento realista do indivíduo na sociedade torna-se ainda maior e mais complexa quando se trata de uma autobiografia, em que a subjetividade do sujeito pesquisador é a mesma que a do objeto pesquisado. Quando a pesquisa torna-se sujeito, verbo e objeto do discurso, quando a investigação sobre a vida se confunde com a própria vida, é preciso definir parâmetros para manter alguma objetividade. Assim, o primeiro passo da pesquisa biográfica é contextualizar a vida individual estudada em relação aos diferentes cenários em que está inserido (GOMES, 2008, p. 2).

Partindo da premissa da contextualização, os estudantes empreenderam, na primeira fase do Modelo Aberto, uma pré-entrevista condicionada a três questões. A restrição do número de perguntas possibilitaria ao grupo não esgotar a entrevista no primeiro encontro, permitindo assim o segundo encontro para realização da Entrevista Dialógica.

Sobre o aspecto da cotidianidade familiar, Martín-Barbero (1997, p.293) refere-se como “âmbito de conflitos e fortes tensões, a cotidianidade familiar é ao mesmo tempo um dos poucos lugares onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram alguma possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações”. Sendo assim, ao elaborar a primeira pergunta buscamos informações primárias sobre a relação familiar. Dessa forma, chegamos à questão 1 da primeira fase: “Como é sua relação com seus familiares? “.

Já na segunda questão, investigando a temporalidade social, a pergunta foi formulada tendo como propósito conhecer o que o entrevistado faz no tempo produtivo. O eixo de mediação da temporalidade social confunde-se com o tempo cotidiano, que não está articulado apenas com o relógio, como também com o tempo de cada coisa. “Visto a partir da televisão, o tempo do ócio encobre e desvela a forma do tempo do trabalho: o fragmento e a série” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 296). Para essa mediação, chegamos à questão dois, que é: “Como foi a escolha da sua profissão/curso/atividade profissional?”.

Por fim, o último questionamento, em vista da competência cultural, interessava-se por perspectivas como lazeres, sonhos, planos, viagens. Na obra “Dos meios às mediações”,

Martín-Barbero (1997) tece análises sobre o papel da televisão na cultura de massa, e a essa mediação o autor confere esta observação:

A partir deles, ela (a televisão) ativa a competência cultural e a seu modo dá conta das diferenças sociais que a atravessam. Os gêneros, que articulam narrativamente as serialidades, constituem uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 299).

Diante dessa avaliação, obtivemos a terceira pergunta da primeira fase do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo, que ficou estruturada da seguinte forma: “O que você faz para construir um mundo melhor?”. De caráter mais subjetivo, a terceira questão abre um arcabouço de possibilidades para o diálogo possível que será adiado, já que a proposta inicial da primeira fase é realizar uma pré-entrevista.

A pré-entrevista é uma fase do rito jornalístico que a medida dos anos foi suprimida do processo de apuração, em vista da necessidade de se obter uma informação última de forma cada vez mais veloz. A prática da pré-entrevista antes da entrevista final é recorrente no telejornalismo e nos programas de plateia, quando celebridade ou pessoa pública é entrevistada ao vivo.

Nos Manuais de Redação de O Globo (2001) e da Folha de São Paulo (2001), a prática não aparece listada como uma recomendação direta ao jornalista. Porém, podemos verificar algo semelhante se considerarmos no “Manual de Redação e Estilo de O Globo” a conduta acerca da entrevista na prática profissional:

Regra para todas as entrevistas: pesquisar o assunto e o entrevistado e preparar questionário com perguntas breves e diretas. As respostas frequentemente forçam mudanças de curso na entrevista, e o repórter deve estar pronto a fazer novas perguntas, seja para insistir quando as pessoas forem evasivas, seja para explorar pontos mencionados mas não inteiramente esclarecidos (GARCIA, 2001, p. 44).

Podemos ainda considerar a pré-entrevista como fase incorporada ao momento de produção da pauta, ou seja, do texto produzido para direcionar o repórter. O pauteiro terá a função de colher brevemente da fonte as primeiras informações sobre sua vida ou sobre o fato, transcrevendo para a pauta o que foi coletado. Entretanto, a pré-entrevista torna-se, no

Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo, uma fase assumida pelo próprio narrador da história de vida.

Na primeira fase do modelo, os eixos de mediação são utilizados como uma possibilidade de se compreender o processo comunicativo a partir dos espaços de resignificação da mensagem. Martín-Barbero (1997) abre espaço para se pensar a partir do impacto dos meios de comunicação de massa na América Latina e analisar o processo comunicativo inserindo-o em uma dinâmica também sociocultural, econômica e histórica. Diante dessa perspectiva, os eixos de mediação são propostos pela pesquisa como forma de elucidar o caminho da mensagem atravessado por esses espaços também na narrativa biográfica.

Quadro 4 - Fase 1 do Modelo Aberto de Construção de Narrativas Biográficas no Jornalismo

Fase 1 - Mapa de Contexto Social (10/10/2016)
Questão 1: “Como é sua relação com seus familiares?” (Cotidianidade familiar)
Questão 2: “Como foi a escolha da sua profissão/curso/atividade profissional?” (Temporalidade social)
Questão 3: “O que você faz para construir um mundo melhor?” (Competência cultural)

Fonte: Autor

Nos Apêndices, estão apresentadas as respostas de cada entrevistado, por aluno, durante a Fase 1 do Mapa de Contexto Social.

3.1.1.2 Fase 2 – Mapa de Interação

Na segunda fase, com o Mapa de Interação (Relação entrevistador - entrevistado), os estudantes foram submetidos à autoavaliação a partir de competências apontadas na Entrevista Biográfica de Gomes (2008, p. 3), que indica duas experiências subjetivas na composição da narrativa biográfica: a subjetividade e a intersubjetividade. Na construção da segunda fase do modelo, classificado aqui como Mapa de Interação, é discutido o “processo de projeção analógica de semelhanças e diferenças culturais entre o Pesquisador e o Biografado”.

A segunda fase para a construção de narrativas biográficas constitui-se com a aplicação de um formulário autoavaliativo. A autoavaliação antecede a entrevista final,

possibilitando uma análise prévia por parte do entrevistador sobre a sua condução narrativa, sendo essa a fase que acreditamos ser reveladora para a resolução da questão-problema desse projeto de pesquisa.

A autoavaliação segue como uma fase fundamental do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo por possibilitar que o narrador encontre as motivações pessoais e profissionais que o levaram à escolha voluntária do narrado. Dessa forma, espera-se nessa fase que os alunos tomem consciência de si enquanto narradores para que a narrativa biográfica seja tecida diante do construto social formado por um par: entrevistador e entrevistado. Sobre essa etapa, Maia (2012) faz considerações sobre o método da história oral para o Jornalismo:

O jornalista deverá (re)pensar-se nesse processo, pois é importante que ele reconheça que existe um "outro", que pode pensar diferente, que pode ter contribuições divergentes da maioria, que pode fugir da visão dualista do certo e do errado e levantar questões diferentes das que estão em pauta, mesmo levando-se em consideração os limites de sua atuação. Se o repórter não consegue tentar entender quem é o outro nesse processo, corre o risco de tornar-se um ser "asséptico", desprovido de sua própria humanidade (MAIA, 2012, p. 143).

Gomes (2008), no percurso da entrevista biográfica, também indica fases como: o contexto social, as relações dialógicas, a análise por setênio e a entrevista-performance. As perguntas da autoavaliação tiveram como base as relações dialógicas indicadas por Gomes (2008) na Entrevista Biográfica. Sobre essas relações, Gomes (2008) explica:

O discurso analítico sobre o Outro é também uma compreensão pessoal de Si mesmo. Assim o segundo passo da pesquisa biográfica aqui proposta é observar as relações da subjetividade do Pesquisador com a subjetividade do Biografado. Entre as várias técnicas dialógicas e esquemas de entrevistas para pensar a situação de transferência e contratransferências analíticas, há um diagrama simples de organização destas relações (GOMES, 2008, p. 3).

O modelo de Gomes (2008, p. 3-4) indica quatro relações dialógicas: interseção, contradição, contraste e ambientação. A interseção “se delimita o universo temático da pesquisa, a interseção cultural entre Pesquisador e Biografado”; a contradição está contida “nas diferenças e semelhanças ‘internas’, há uma pergunta a ser respondida, um conflito a ser mediado”; o contraste “se especifica o que fica no ‘fundo’ em relação à figura de um retrato” e, por fim, a ambientação, em que se pode questionar “Qual a importância desta biografia em nossa vida (na vida do pesquisador e na do seu leitor)?”. Os estudantes responderam, no dia

17 de Outubro de 2016, às seguintes questões com base nas competências indicadas por Gomes (2008): “Por que você escolheu esse entrevistado?” (Interseção – delimitação do universo da pesquisa); “O que torna esse perfil diferente dos demais feitos por você?” (Contradição – diferenças e semelhanças internas entre narrador e narrado); “Você encontrou dificuldades para sintetizar o perfil do entrevistado em uma única temática?” (Contraste – o que fica no “fundo”); e “Qual foi a importância dessa biografia para a sua vida?” (Ambientação – a ideia de metáfora).

Quadro 5 - Fase 2 do Modelo Aberto de Construção de Narrativas Biográficas no Jornalismo

Fase 2 - Mapa de Interação (17/10/2016)	
Questões	Competências da Entrevista Biográfica (GOMES, 2008, p.3)
Questão 1: “Por que você escolheu esse entrevistado?”	Interseção (delimitação do universo da pesquisa)
Questão 2: O que torna esse perfil diferente dos demais feitos por você?	Contradição (diferenças e semelhanças internas entre narrador e narrado)
Questão 3: Você encontrou dificuldades para sintetizar o perfil do entrevistado em uma única temática?	Contraste (o que fica no “fundo”)
Questão 4: “Qual foi a importância dessa biografia para a sua vida?”	Ambientação (a ideia de metáfora)

Fonte: Autor

Nos Apêndices, estão apresentadas as respostas de cada entrevistado, por aluno, durante a Fase 2 do Mapa de Interação.

3.1.1.3 Fase 3 – O Encontro Dialógico

Já na terceira etapa do modelo, com o Encontro Dialógico, os estudantes foram sensibilizados com o método da biografia humana através do estudo dos setênios de Gudrun Burkhard (apud MARTINEZ, 2008):

O método da Biografia Humana, introduzida no Brasil em 1976 por Gudrun Burkhard (2000: 13). A médica brasileira é especialista em antroposofia, idealizada no início do século passado pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner, a qual visa ampliar o conhecimento do ser humano e do universo obtido pelo método científico convencional (MARTINEZ, 2008, p. 146).

Ao todo são nove crises possíveis, cada uma estabelecida por sete anos de diferença, sendo organizadas dessa forma: 0 – 21 anos: A fase de formação com a crise de socialização

(0-7), a crise de identidade (8-14) e a crise de sexualidade (15-21); 22 - 42: A fase de plenitude com a alma da sensação (21-28), a alma do intelecto (29-35) e a alma da consciência (36-42). 43 - 63: Declínio biológico com a segunda crise de sexualidade (43-49), a segunda crise de identidade (50-56) e a segunda crise de socialização (57-63), como é possível ver na tabela a seguir:

Quadro 6 – Fases por setênios e crises de Gudrun Burkhard (2000)

FASE	SETÊNIO	CRISE
FORMAÇÃO (0-21)	0-7	Crise de Socialização
	8-14	Crise de Identidade
	15-21	Crise de Sexualidade
PLENITUDE (22-42)	21-28	Plenitude com a alma da sensação
	29-35	A alma do intelecto
	36-42	A alma da consciência
DECLÍNIO BIOLÓGICO (43- 63)	43-49	Segunda crise de sexualidade
	50-56	Segunda crise de identidade
	57-63	Segunda crise de socialização

Fonte: (GOMES, 2008, p. 6).

O método dos setênios é bastante utilizado nas pesquisas sobre biografias, como também utilizado em práticas pedagógicas. A sucessão de crises traz clareza ao entrevistador da complexidade de etapas que uma história de vida é constituída e o auxilia a não cair nas questões clichês de uma entrevista biográfica. Martinez (2008) ressalta:

Na biografia humana existem leis gerais de desenvolvimento para cada fase da vida, e durante o trabalho biográfico cada um identifica, em sua vida, elementos semelhantes aos de outras pessoas da mesma idade ou fase, mesmo aqueles tão peculiares e que têm a ver com o destino de cada um. Saber discernir o que é próprio da idade e o que é só seu, bem individual, assim como o que é repetitivo, é importante para o autoconhecimento. (BURKHARD, 2000, p. 20 apud MARTINEZ, 2008, p. 147).

Dessa forma, os alunos foram sensibilizados com o método dos Setênios em sala de aula, com auxílio das sugestões de perguntas elencadas por Martinez (2008) para cada uma das nove fases. A atividade proposta consistiu que cada estudante, a partir das questões da autora, montasse um roteiro de perguntas coerentes com a narrativa biográfica escolhida por ele e de acordo ainda com as perguntas e respostas já fornecidas durante a pré-entrevista. Ao final da atividade, cada um deles apresentou o material à estagiária docente e autora desta pesquisa.

Na Fase 3 do modelo, com auxílio do método dos setênios, cada estudante, a partir das questões sugeridas por Martinez (2008), montou o próprio roteiro de perguntas para a narrativa biográfica escolhida por ele, tomando como base as perguntas e respostas já fornecidas durante a pré-entrevista. Ao final da atividade, cada um deles apresentou o material à estagiária docente e o roteiro de perguntas foi usado na entrevista final. O método dos setênios é utilizado também por Martinez (2008) na “Estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida no Jornalismo”, modelo criado pela autora para narração de histórias de vida para o Jornalismo, a partir da Jornada do herói de Joseph Campbell e das observações do professor Edvaldo Perreira Lima. Dessa forma, empreendemos também na pesquisa “Perfis em Rede” o percurso orientado por Martinez (2008) ao utilizar o método dos setênios:

Nos tratamentos terapêuticos, o conhecimento de que existem eventos compartilhados pelos seres humanos tem a função de conscientizar o indivíduo de que suas crises são “situações passageiras, iguais a de muitas pessoas das quais sabemos que, passando aquela fase da vida melhoram por si”. Já a aplicação deste método como complementação da Jornada do Herói visa a aprofundar a compreensão dos conflitos da história de vida em construção. Permite também entender a trajetória de forma integral, uma vez que os eventos são vistos como parte de um conjunto. (MARTINEZ, 2008, p. 148).

O método dos Setênios pode ainda ser apontado como o início da entrevista final, já que é também o momento em que o entrevistador, no caso desta pesquisa o próprio estudante de Jornalismo, formaliza o começo do encontro dialógico ao se preparar para a entrevista biográfica. Martinez (2008, p. 146), em sua pesquisa, observa ainda que a aplicação do método em sala de aula auxilia estudantes de Jornalismo durante as entrevistas, já que havia uma “evidente dificuldade que os jovens tinham para compreender a trajetória de pessoas com idade muito inferior ou muito superior às suas”.

Percorrendo o caminho teórico de Medina (2001), buscamos durante a terceira fase do modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo promover o encontro do estudante com o entrevistado no que a autora define como o “Diálogo Possível”, em que os pares saem diferentes e alterados, ou seja, “elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível” (MEDINA, 2001, p. 7). Apontamos a Fase 2 do Mapa de Interação como fundamental para se chegar ao Diálogo Possível.

Em seguida, na última etapa da terceira fase do Modelo, os estudantes fizeram a entrevista em definitivo, que pôde ser gravada com auxílio de dispositivos móveis ou

gravadores eletrônicos. A entrega da atividade nesta etapa consistiu no roteiro de perguntas e respostas da entrevista final. Então, os alunos se dedicaram à última fase do Modelo Aberto.

Nos Apêndices, estão apresentadas as perguntas elaboradas por cada aluno, com base nos setênios, durante a Fase 3 do Diálogo Possível.

3.1.1.4 Edição Final: *Humans of New York*

Por fim, os alunos puderam editar as entrevistas conforme o modelo de *Humans of New York (HONY)*. A opção por essa edição aconteceu em virtude do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da autora desta pesquisa consistir em uma análise das narrativas biográficas da página no Facebook HONY, mas sobretudo por observar no modelo cunhado pelo idealizador do projeto ter se tornado uma tendência nos sites de redes sociais digitais como forma de expor as histórias de vida em um formato propício ao ambiente digital.

Criado em 2010, o HONY surgiu inicialmente como uma página no Facebook para narração de histórias de vida dos anônimos da cidade de Nova Iorque. Atualmente, a página possui mais de 18 milhões de seguidores¹. Além da página no Facebook e de uma conta no Tumblr, HONY possui um perfil no Instagram. Mas *Humans of New York* também galgou espaço no mundo impresso. Em 2013, o idealizador do projeto, Brandon Stanton, copilou 400 das postagens publicadas no Facebook e as transformou em um livro que ficou na lista dos mais vendidos durante semanas, segundo o jornal norte-americano *The New York Times*.

Durante a pesquisa de Lima (2014, p. 3) foram catalogadas e analisadas 24 narrativas de HONY, durante o espaço temporal de 1º de janeiro de 2014 ao 25 de fevereiro de 2014. Sendo assim, a partir do estudo feito com auxílio da análise de conteúdo, tendo como caminho metodológico uma coleta sistemática das narrativas, chegou-se a três variações do modelo narrativo em HONY, que são: combinação entre diálogo e imagem; combinação entre opinião e imagem e, por fim, combinação entre fala e imagem. Lima (2014, p. 7) define, no primeiro tipo, que “a voz de Stanton é utilizada como parte do relato pessoal. As perguntas são motivadoras de respostas por parte dos entrevistados, que constroem, juntamente com o autor do projeto, o texto social”. Já no segundo tipo, numericamente maior do que os outros tipos, “apenas a voz aspada do entrevistado é colocada como texto” (LIMA, 2014, p. 9). Por fim, o terceiro tipo em que “diferente dos outros dois tipos, a micronarrativa construída

¹ De acordo com observação do dia 17 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<http://bit.ly/2uD0J2x>>.

apenas com a fala do fotógrafo, só se faz compreensível com a análise da imagem” (LIMA, 2014, p. 10).

Escosteguy (2011), a partir dos estudos culturais, conceitua um novo tipo de prática social, chamada por ela de “narrativas pessoais midiáticas”. Os atores sociais enunciam suas próprias vozes, apagando assim as fronteiras entre emissão e recepção, como também diluindo o papel da mídia, que passa a ser cada vez mais atuante na vida cotidiana:

Essas histórias pessoais estão, hoje, espalhadas em distintas mídias – massiva e digital – e são apresentadas mediante distintas estratégias narrativas – diários, autobiografias, memórias, depoimentos, testemunhos. Todas elas são relatos personalizados, onde tanto a “realidade” pode ser narrada diretamente pelos atores sociais envolvidos em sua própria história de vida quanto pode ser narrada por um terceiro que, obrigatoriamente, conta com o testemunho do sujeito da história que é posta em circulação. O que esses relatos têm em comum, a exemplo das histórias orais, é o fato de que ao contar “uma história”, tornam-se um modo de conhecer ou acessar o mundo e, assim, “as narrativas pessoais podem ser consideradas não como um reflexo da vida, mas como uma forma de construí-la” (Finnegan, 1997, p. 75). (ESCOSTEGUY, 2011, p. 206-207).

Pontuamos, então, que a edição das narrativas por *Humans of New York* acontece tanto em virtude da pesquisa empreendida anteriormente pela autora da pesquisa “Perfis em Rede”, como também por ser possível encontrar espaço para HONY na classificação das narrativas pessoais midiáticas citadas por Escosteguy (2011). Dessa forma, buscamos estimular os alunos para a confecção de um relato próprio à ambiência digital, já que a disposição final do projeto encontra-se em “Perfis em Rede”.

Dessa forma, o modelo foi apresentado à turma, tendo como objetivo proporcionar a posterior publicação das narrativas finais em um site, o qual foi produzido com a intenção de expor a experiência em sala de aula a partir do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas no Jornalismo. Os alunos puderam escolher uma das três formas de edição do projeto e tiveram até o dia 7 de novembro para entregar as narrativas finais. No último encontro proporcionado pela atividade, os estudantes também tiveram a oportunidade de apresentar para os demais alunos o percurso de construção das narrativas, fato que também ficou impresso nos relatos de experiência entregues por cada um juntamente com o texto final.

CAPÍTULO IV - A METALINGUAGEM DA EXPERIÊNCIA: MEDIANDO AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE ESTUDANTES DE JORNALISMO EM SALA DE AULA

A pesquisa “Perfis em Rede: a narrativa biográfica como ferramenta de ensino e aprendizagem com estudantes de Jornalismo” é uma pesquisa-intervenção que utiliza a cartografia como método de pesquisa aplicada ao plano de atuação que é a sala de aula. A partir da produção de dados, realizada durante o segundo semestre letivo de 2016, observamos que os dados da pesquisa estão distribuídos em diferentes pares, sendo imprescindível além do contato entre narrador e narrado, a relação estabelecida entre outro par: pesquisadora e estudantes.

Durante o período de pouco mais de um mês, a pesquisadora esteve em sala de aula para a aplicação da sequência de atividades, apresentada no capítulo 3 desta dissertação. Porém, ao longo da elaboração, execução, monitoramento e análise de dados da pesquisa percebeu-se que “Perfis em Rede” não poderia ser investigada apenas dentro do eixo central de sua proposta inicial, que são as narrativas biográficas produzidas pelos estudantes de Jornalismo da turma de Sociologia da Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mas que seria relevante considerar o fato da pesquisadora assumir o papel de estagiária docente sob a tutoria do orientador desta pesquisa e professor da disciplina, o professor Dr. Marcelo Bolshaw Gomes.

O capítulo 4 desta dissertação torna-se, então, “A metalinguagem da experiência” por se propor a investigar o ensino e aprendizagem de narrativas biográficas em sala de aula. Dessa forma, o diário de campo, recurso próprio da pesquisa-intervenção, é traduzido para as páginas desta pesquisa através de uma nova mediação, estabelecida então sob olhar da pesquisadora que durante seis meses esteve em sala de aula mediando a relação entre o professor da disciplina e alunos, ao mesmo tempo em que aplicava a pesquisa “Perfis em Rede”.

Segundo Lourau, os textos diarísticos "... revelam as implicações do pesquisador e realizam restituições insuportáveis à instituição científica. Falam sobre a vivência do campo cotidiana e mostram como, realmente, se faz a pesquisa. E é isso que não se deve dizer ou mostrar" (Lourau, 1993, p.72). O texto diarista enuncia sua própria produção, liberando-se da pretensão do conhecimento definitivo sobre o objeto. Segundo o autor, é um devir feminino do texto que é preciso liberar, quando no texto se inclui o seu fora: o fora-texto (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009, p. 175).

Para detalhar o processo de funcionamento da pesquisa “Perfis em Rede”, reproduzimos, na íntegra, os diários de bordo produzidos pela pesquisadora Kassandra Merielli Lopes Lima durante a aplicação desta pesquisa-intervenção em sala de aula.

4.1 DIÁRIO DE BORDO I: O PERCURSO DA PESQUISADORA NA PESQUISA “PERFIS EM REDE”

O primeiro passo foi estar em sala de aula. Em julho de 2015, eu me cadastrei no Curso de Iniciação à Docência oferecido pela Pró-Reitoria de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPG/UFRN). Mesmo não sendo obrigatório, já que não sou bolsista Capes ou CNPq, eu senti a necessidade de assim realizar a experiência em sala de aula. Eu acabara de completar seis meses como mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da UFRN (Ppgem/UFRN) e a minha pesquisa se encaminhava para uma continuação da minha monografia, defendida para obtenção do título de bacharel em Jornalismo na mesma instituição. Na época, eu escolhi analisar as narrativas digitais do projeto *Humans of New York*.

Porém, a materialidade da minha questão-problema “Como as identidades narrativas de narrador, estudantes de Jornalismo, e narrado, personagens aplicados ao Modelo Aberto de Narrativas Biográficas, se permutam na construção de narrativas biográficas no Jornalismo?”, além da inclusão desta pesquisa na linha de investigação de Prática Social, fez com que eu vislumbrasse empreender uma atividade prática aproveitando, assim, a experiência em sala de aula durante aquele semestre. A ideia era simples: observar como as identidades narrativas de narradores e narrados são permutadas tendo como plano de ação a sala de aula e analisando, para isso, a produção de narrativas biográficas por estudantes de Jornalismo.

Com a finalidade de verificar as permutações ocorridas entre as identidades narrativas, construímos (pesquisadora e orientador) um modelo para assim estimular a produção de narrativas biográficas por parte dos estudantes. No capítulo 3 desta dissertação, é apresentado o passo-a-passo da constituição do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo. Entretanto, o que era secundário na reconfiguração da pesquisa tornou-se o objeto principal de investigação, que é o ensino e aprendizagem de narrativas biográficas no Jornalismo.

Os encontros com a turma aconteciam às segundas e sextas. O primeiro dia em sala de aula foi angustiante. Diante de mim, cerca de 40 desconhecidos e diante deles, acredito eu,

uma figura muito jovem e com um olhar extremamente curioso. Os alunos me receberam bem, porém pareciam não confiar muito em mim. Como toda relação, precisou ser construída à base de confiança.

A disciplina foi dividida em três unidades: Unidade 1 – com os textos relacionados à proposta da ementa de Sociologia da Comunicação, apresentados pelo professor Dr. Marcelo Bolshaw; Unidade 2 – com explanação dos conteúdos de narrativa biográfica e, posteriormente, a aplicação de cada fase da pesquisa por mim sob orientação do professor Marcelo Bolshaw, e a Unidade 3 – voltada para a discussão e análise de filmes que tinham como temática o Jornalismo.

Nos Diários de Bordo, trago minhas impressões acerca da permanência em sala de aula durante a Unidade 2 da disciplina de Sociologia da Comunicação, no que compete aos processos de aplicação e desenvolvimento da pesquisa “Perfis em Rede”, mesmo tendo estado durante todo o semestre com a referida turma. De toda forma, ainda sigo no questionamento: como ensinar estudantes de Jornalismo a construírem narrativas biográficas?

O primeiro passo foi apresentar ao grupo como aconteceria cada uma das fases da pesquisa, apontando os detalhes de todas as etapas. Sendo assim, a primeira explicação ocorreu 15 dias antes do prazo final de entrega da primeira etapa, a Fase 1 – Mapa de Contexto Social. A impressão inicial por parte dos estudantes foi de estranhamento em virtude da quantidade de detalhes apresentados, como também da burocrática indicação de cada uma das fases. Lembro-me que, ao explicar a Fase 1, quando os alunos teriam que, no momento da pré-entrevista, realizar somente as perguntas orientadas no roteiro, o estudante ALUNO M1 questionou a inviabilidade da tarefa, pois achava muito difícil adentrar na vida do entrevistado apenas com aquelas três questões.

Os estudantes pareciam confusos, assim como em mim não existia total segurança de qual seria o resultado daquela atividade. Os detalhes eram muitos, a quantidade de alunos também, além das demandas de leituras acadêmicas e o trabalho diário e semanal como jornalista. De toda forma, fomos seguindo o planejamento de execução das atividades.

As duas semanas que se seguiram após a apresentação da sequência de etapas do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo foram de muitos e-mails por parte dos alunos. Durante a explicação da pesquisa, enfatizamos a necessidade de que os personagens escolhidos fossem anônimos e sugeri que me mandassem por e-mail uma proposta de entrevistado. Assim surgiram professores, amigos, músicos, artistas, conhecidos de familiares e outros tantos personagens. Entre eles uma figura pública, não configurando o

anonimato, por isso, desconsideramos posteriormente o uso da categoria na escolha dos entrevistados.

Entendi neste momento que seria inviável dizer “não” a alguma das propostas, porque competia a cada um deles realizar essa livre escolha pela narrativa biográfica desejada, tornando esse Modelo de fato aberto, tanto por ser inconcluso como também por permitir que os estudantes fossem protagonistas do próprio aprendizado. Como ensinar estudantes de Jornalismo a construir narrativas biográficas? De modo que eles próprios construíssem as narrativas.

No princípio, eu quis como pesquisadora que o Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo fosse perfeito, mas ao longo das fases percebi alguns erros. Com a grande quantidade de alunos na turma foi muitas vezes inviável acompanhar atentamente cada uma das etapas. Percebi também que poderia ter administrado melhor o tempo, o conteúdo e as anotações feitas em sala de aula. Ainda me perdi tantas vezes nos laços afetivos, estendendo os prazos e sendo mais compreensiva do que o indicado.

Porém, a minha primeira conclusão sobre o Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo é que ele não é perfeito. Não por ser um modelo aberto, mas porque de fato trabalhar com o material humano envolve as imperfeições já calculadas, como também aquelas que não estão previstas. O plano de atuação da pesquisa “Perfis em Rede” é a sala de aula e em mãos eu tinha dois universos a administrar: os alunos e os entrevistados dos alunos. Ao constatar isso, eu percebi a segunda “imperfeição perfeita” da pesquisa. O modelo não tinha como proposta ensinar aos alunos a produzirem narrativas biográficas perfeitas, mas a simplesmente produzirem narrativas biográficas.

Dessa forma, no dia 10 de novembro de 2016, os alunos apresentaram a Fase 1 – Mapa de Contexto Social. O estudante ALUNO M1, que escolheu como entrevistado o professor ENTREVISTADO 34, disse ter se surpreendido com a abertura que as questões provocaram no personagem e que foi fácil marcar uma segunda entrevista com ele para a aplicação da Fase 3 – O Encontro Dialógico. Mesmo com a orientação apresentada aos alunos para realizar as duas fases separadas não foi possível verificar se assim eles fizeram — entretanto queira eu acreditar que sim.

Na Fase 1, 33 alunos realizaram a etapa. Os estudantes demonstraram uma boa aceitação da atividade, porém muitos deles não conseguiram entregar a referida fase no dia 10 de novembro, enviando-me, assim, por e-mail. Alguns desses alunos também tiveram dificuldades em viabilizar as pré-entrevistas com os entrevistados iniciados, fazendo com que 10 deles buscassem desenvolver o modelo com familiares, principalmente de primeiro grau,

como pais e mães. No começo, acreditei não ser um grande problema, até que eu percebi que de fato seria à medida que a narrativa fosse sendo desenvolvida.

Conto aqui o exemplo do ALUNO E, que decidiu entrevistar a mãe ENTREVISTADO 5. Durante a Fase 1, as respostas às três perguntas indicadas não ultrapassaram quatro linhas. Já na Fase 2 – Mapa de Interação, lembro-me que ALUNO E foi uma das primeiras alunas a entregar o questionário. Por exemplo, sobre a pergunta “Qual foi a importância dessa biografia para a sua vida?”, a estudante responde “Aprender mais um pouco sobre a história de vida da minha mãe, assim como de parte da minha família”. Porém, ao longo da Fase 3 – Encontro Dialógico é perceptível o maior envolvimento da jovem na narrativa biográfica da mãe, com perguntas como: “Depois de passar por tantos divórcios e nascimentos de filhos, qual é a maior lição que você tira da vida? Se arrepende de alguma coisa?”. Com essa última questão, desenvolvida pela estudante, observamos o crescimento do envolvimento da aluna, como também da filha ao longo da aplicação das fases do Modelo Aberto.

Passada a Fase 1, seguimos para a Fase 2 do Modelo Aberto, com a aplicação do Mapa de Interação, no dia 17 de outubro de 2016. Os estudantes da turma de Sociologia da Comunicação não demoraram muito tempo para responder às questões e foi através do questionário que descobrimos que essa era a primeira narrativa biográfica produzida por vários deles. Será que essa foi a melhor forma de ensinar sobre narrativa biográfica? O questionamento ficou em minha cabeça e faço um retorno à minha graduação.

Eu ingressei no curso de Jornalismo da UFRN em 2010. Nos quatro anos e meio de graduação, em meu currículo constavam 41 disciplinas, sendo que em apenas sete delas fui motivada a realizar entrevistas jornalísticas. A entrevista é o lugar onde a informação se transforma em notícia e/ou o entrevistado em personagem da matéria e/ou em perfil do relato. Dessa forma, na época me parecia ser contraditório ter escolhido Jornalismo para “estar em contato com as histórias de vida” e, ao longo da minha graduação, ter desenvolvido percentualmente pouco essa habilidade.

De fato, como já relatado aqui, percebi que o Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo me pareceu imperfeito ao longo do tempo. Então, sobre mim ficou a reflexão se teria sido a melhor forma de iniciar alunos do segundo período de Jornalismo na experiência das entrevistas jornalísticas, através de um modelo de caráter sociológico muito mais do que jornalístico. Ainda nas primeiras aulas conversamos sobre a inviabilidade do Modelo aplicado ao dia-a-dia das redações. Porém, uma esperança me restava ao longo do percurso, que mesmo dentro das imperfeições pedagógicas apresentadas pela pesquisa, os estudantes tinham aprendido a construir narrativas biográficas.

Sendo assim, a partir das respostas obtidas na Fase 2, percebi que poderia ter sido mais didática, incluindo no planejamento aulas com conteúdos sobre entrevista jornalística, já que, como falha minha, acreditei que muitos ali já dominassem da prática. Uma observação é que, na Fase 2, muitos relatam ter escolhidos familiares porque teriam mais liberdade em fazer as perguntas. Como o estudante ALUNO M, que entrevistou o pai ENTREVISTADO 12. Ao questionamento “Por que você escolheu esse entrevistado?”, ele respondeu: “Porque, por ser meu pai, ficaria um pouco mais simples a realização do trabalho, de modo que eu me senti mais livre para realizar as perguntas”.

A principal vantagem da Fase 2 foi conhecer as reais motivações dos estudantes pelas narrativas biográficas escolhidas, os quais foram bastante sinceros sobre o porquê dos personagens. A estudante ALUNO A entrevistou o pai ENTREVISTADO 1 e respondeu sobre a escolha do entrevistado: “Meu entrevistado seria outra pessoa, mas como ele não me deu resposta escolhi meu pai. A escolha foi feita por eu não conhecer a fundo a história dele e acredito que essa será uma boa oportunidade de nos relacionarmos mais”.

Passada a pré-entrevista e realizada a aplicação do questionário do Mapa de Interação, seguimos para a Fase 3 – O Encontro Dialógico. Os estudantes tinham prazo até o dia 31 de outubro de 2016 para agendar uma nova entrevista com os biografados, sendo que, dessa vez, eles podiam gravar as entrevistas – diferentemente da Fase 1. Na aula que se seguiu à aplicação do questionário, no dia 24 de outubro, os alunos foram sensibilizados com um roteiro de questões da Mônica Martinez (2008), com base no Método dos Setênios. Os alunos foram separados em grupos e motivados a elaborar o roteiro de perguntas da Fase 3. Em seguida, cada um deles me apresentou.

Assim, faço uma ressalva. A grande quantidade de alunos na turma fez com que eu não desse uma atenção detalhada a cada um deles. Recordo que, no momento de checagem dos roteiros, eu poderia ter sinalizado melhor a importância de certas perguntas ou externado a relevância de outras. Lembro-me que os alunos questionaram acerca da intimidade com que as questões eram colocadas por Martinez (2008), porém alguns pareceram seguir o que ali estava proposto.

De certo modo o que eu buscava analisar na Fase 3 era o grau de envolvimento dos estudantes às narrativas biográficas. Para isso, foi possível checar as perguntas por eles elaboradas para os entrevistados. Um dos perfis que destoa de todos aqueles produzidos pelos alunos é o da estudante ALUNO N1, que decidiu entrevistar o ex-prefeito do município potiguar de Boa Saúde. A aluna não procurou conhecidos, familiares ou amigos e investiu em um entrevistado desconhecido. Entre as perguntas elaboradas por ela, podemos destacar a

seguinte: “Acha que ENTREVISTADO 35 de 1977, seu primeiro mandato, se orgulharia de quem é hoje e de tudo que conquistou? O povo reconhece tudo isso?”.

Por fim, os estudantes foram sensibilizados com a técnica de construção de narrativas biográficas digitais em *Humans of New York*. Em uma das aulas, expliquei os três modelos criados pelo autor do projeto, como também exemplifiquei com diferentes narrativas publicadas na página no Facebook. A escolha do nome da pesquisa, “Perfis em rede”, ocorreu, primeiramente, porque as narrativas foram publicadas em um site, utilizando para isso uma plataforma digital. O nome também é uma referência ao estar em “rede”, conectados com as histórias, entrelaçados pelas narrativas, de uma forma que, ao olharmos para o todo, observássemos as várias histórias tecidas e construídas em uma ideia de rede, de conexão, de colaboração.

Os estudantes não apresentaram dificuldades em formatar as narrativas conforme as exigências apresentadas e assim o fizeram na data de 7 de novembro de 2016. Todos entregaram no formato digital, alguns através do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa) e outros enviaram para o meu e-mail pessoal. De maneira geral, os alunos optaram pela forma em que aparece a fala do entrevistado aspada e, principalmente, pelo formato em que eles escrevessem textos livres sobre a narrativa biográfica.

No último dia da Unidade 2, em 7 de novembro 2016, os estudantes foram convidados a apresentarem as narrativas à turma e foi muito importante esse momento para a pesquisa, porque denotou o grau de envolvimento acadêmico, bem como pessoal dos alunos com a produção das narrativas biográficas. Recordo-me de que a estudante ALUNO E chorou ao contar a trajetória narrativa da entrevistada, sua mãe. Também lembro que a estudante ALUNO E1 não conteve as lágrimas diante algumas críticas sobre o seu texto, que narrava a trajetória também de sua mãe. Em virtude do tempo, tivemos que prolongar a exposição das narrativas também para a aula seguinte. Assim encerramos o percurso de produção de dados da pesquisa “Perfis em Rede”.

Ao olhar para a minha trajetória narrativa como pesquisadora e como estagiária docente, eu vejo algumas falhas de percurso. Atualmente, assim também penso no processo de continuidade da pesquisa, em estender a atividade por mais tempo. O Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo surge de modo bastante desprezioso e, à medida que este ganha corpo, vou percebendo também as fragilidades do modelo. Porém, mesmo com as falhas, acredito ter sido exitosa a jornada em sala de aula.

Para isso, levanto dois aspectos desse percurso: as dificuldades e as facilidades. A maior dificuldade foi organizar, aplicar e desenvolver o modelo em um período curto de

tempo com uma quantidade grande de alunos. A ambiência da sala de aula, lugar novo para mim, também se mostrou um desafio diante das relações ali estabelecidas, em que precisava eu ser incentivadora sem deixar de ser professora. Posso dizer que os alunos criaram um laço de afeto comigo, da mesma forma que assim o fiz com eles.

A maior facilidade foi o próprio interesse pela pesquisa. Ao longo do tempo, eu pude perceber que a turma estava comprometida, as narrativas biográficas surgiam e seria possível desenvolver um trabalho interessante com eles. É importante ressaltar que a turma escolhida apresentava um grau satisfatório de participação e que o olhar rígido, mas ao mesmo tempo livre do professor Marcelo Bolshaw me auxiliou na manutenção da pesquisa “Perfis em rede”.

Finalmente, concluo o meu percurso narrativo, indicando que o Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo foi um ótimo dispositivo-função não para medir ou para inventar uma nova pedagogia da entrevista biográfica jornalística, mas proporcionou aos estudantes do segundo período de Jornalismo da UFRN, matriculados na disciplina de Sociologia da Comunicação no semestre letivo 2016.2, uma nova experiência com a prática da entrevista e, posteriormente, com a construção de narrativas biográficas. De fato, é muita presunção afirmar que a atividade mudou o fazer jornalístico deles, porém é realista indicar que ampliou o pensamento sobre o outro e a real responsabilidade que é narrar uma história de vida.

4.2 DIÁRIO DE BORDO II: O ENSINO E APRENDIZAGEM DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS EM SALAS DE AULA

Apresentada a narrativa da pesquisadora em sala de aula, é prudente observar como ocorre o ensino e aprendizagem nos cursos de Jornalismo no Brasil e, especificamente, no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde a pesquisa “Perfis em rede” foi desenvolvida.

De modo geral, o primeiro curso de Jornalismo surge em 1908, nos Estados Unidos. Já o primeiro doutorado na década de 1920. No Brasil, os primeiros cursos começam a funcionar permanentemente nos anos de 1947 e 1948:

Já em 1908, Gustavo de Lacerda, ao fundar a Associação Brasileira de Imprensa - ABI, reivindicava uma escola de jornalismo para formar repórteres. Em 1935, o educador Anísio Teixeira atendeu a essa demanda, criando o primeiro curso de jornalismo do país, experiência que se frustrou com o fechamento da Universidade do Distrito Federal pela truculência do Estado Novo. Em consequência, a academia só abriu suas portas aos jornalistas nos anos 40, quando o ensino de jornalismo foi oficializado e as primeiras escolas foram autorizadas a funcionar em São Paulo (1947) e no Rio de Janeiro (1948) (BRASIL, 2009, p. 8).

O curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) existe há 56 anos, tendo sido incorporado da antiga Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, em 1976. A Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza iniciou a formação de jornalistas no estado do Rio Grande do Norte em 1962. Atualmente, além do curso de Jornalismo da UFRN, há os cursos na Universidade Potiguar (UnP) e da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), no município de Mossoró.

Na UFRN, a grade curricular utilizada pelo curso de Jornalismo até então era de 2002, em que o estudante se formava no curso de Comunicação Social, com a respectiva habilitação, ou em Radialismo ou Publicidade e Propaganda. Porém, no exame de ingresso, o estudante já precisaria escolher a habilitação desejada. Desde 2017, uma nova grade curricular foi adotada pela instituição, com o total de 3 mil horas, sendo 2.280h obrigatórias, 420h optativas e 300h complementares.

Com as mudanças estruturais no mercado de trabalho, aceleradas pela incorporação do digital à rotina de produção dos jornalistas, apontou-se uma necessidade de mudança na grade curricular das faculdades de Jornalismo no Brasil. Desde 2006, os pesquisadores em comunicação começaram a sinalizar a importância do retorno dos cursos de Jornalismo substituindo o de Comunicação Social, como era a configuração até 2009, por recomendação da Unesco.

Em 2009 foi criada uma comissão, presidida pelo professor José Marques de Melo e composta pelos professores Alfredo Vizeu, Carlos Chaparro, Eduardo Medisch, Luiz Gonzaga Motta, Sergio Mattos, Sonia Virginia Moreira e por Lucia Araújo, do Canal Futura. O objetivo desta comissão era elaborar novas diretrizes curriculares para o curso de Jornalismo no Brasil. Para isso, foram realizadas três audiências públicas nas cidades do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, de tal forma que pudessem ser ouvidos pesquisadores, professores, jornalistas e a sociedade civil. O texto final foi aprovado pelo Conselho Nacional de Educação em 27 de setembro de 2013.

O relatório da comissão apontou o novo cenário do Jornalismo, elegendo assim a necessidade urgente de mudanças no ensino nas faculdades do país. Os autores do relatório enfatizavam que o conceito de Jornalismo do início do século XX já não estava aplicável aos tempos atuais, como também o fato do jornalista não ocupar mais função privilegiada na construção da notícia. Dessa forma, surgiu a necessidade de ampliar a compreensão sobre o Jornalismo:

Em tal cenário, urge clarear conceitos plurais - éticos, técnicos, estéticos - para uma nova compreensão do Jornalismo, que terá de assumir uma linguagem narrativa e uma eficácia argumentativa, no espaço público. Na medida em que esteja à altura das complexidades do mundo em que vivemos, o Jornalismo torna-se confiável para a expressão, a viabilização e a elucidação dos confrontos discursivos das ações humanas, na nova dinâmica da atualidade (BRASIL, 2009, p. 4-5).

Por isso, o relatório reitera a mudança do curso de Comunicação Social para Jornalismo:

Com o tempo, a proposta do “comunicador polivalente” foi esquecida, por não encontrar respaldo nas demandas sociais, e esta habilitação deixou de aparecer nas versões posteriores do Currículo Mínimo Obrigatório. No entanto, sobreviveu desta proposta a concepção do “Curso de Comunicação Social”, com as formações profissionais específicas estruturadas como suas Habilitações (BRASIL, 2009, p. 10).

Na seção “A especificidade do Curso de Jornalismo”, o texto ainda ressalta que a Unesco reconheceu o equívoco ao “ao recomendar curso com foco específico e não mais atrelado à outras áreas da comunicação” (BRASIL, 2009, p. 13). Durante toda a primeira parte do relatório, a comissão apresenta fundamentação e justificativa para a aprovação das novas diretrizes.

Porém, é a segunda parte, intitulada “Proposta de Diretrizes Curriculares”, aprovada pela Resolução nº 1 pelo Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação, que interessa em termos pedagógicos à esta pesquisa, especificamente à seção “Diário de Bordo II”. Sobre a estrutura do Curso de Graduação de Jornalismo assim orienta o texto, no Artigo 2º, nos três primeiros incisos:

I - ter como eixo de desenvolvimento curricular as necessidades de informação e de expressão dialógica dos indivíduos e da sociedade; II - utilizar metodologias que privilegiem a participação ativa do aluno na construção do conhecimento e a integração entre os conteúdos, além de estimular a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, propiciando suas articulações com diferentes segmentos da sociedade; III - promover a integração teoria/prática e a interdisciplinaridade entre os eixos de desenvolvimento curricular (BRASIL, 2013, p. 01).

As novas diretrizes para o curso de Jornalismo orientam para a formação integral dos estudantes de Jornalismo, preocupando-se bem mais com a formação humanísticas dos egressos do que com as capacidades técnicas. No inciso II do mesmo artigo, as novas diretrizes propõem a “utilização de metodologias que privilegiem a participação ativa do aluno na construção do conhecimento” (BRASIL, 2009, p. 14), reforçando a importância de metodologias abertas como a do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo.

As antigas diretrizes, aprovadas em 2001, reuniam as habilitações destacadas nos cursos de Comunicação Social, sendo Jornalismo, Relações Públicas, Radialismo, Publicidade e Propaganda, Editoração e Cinema. No entanto, apresentavam um descritivo acerca dos perfis individuais dos egressos em cada uma das habilitações, não listando, porém, as expectativas pedagógicas para a formação dos alunos. Sobre a estrutura do Curso de Comunicação Social, esperava-se:

O curso de Comunicação Social pode ser oferecido por créditos, havendo, no entanto, atenção para uma sequência equilibrada de conteúdos curriculares e acompanhamento planejado da formação. Na oferta seriada importa considerar, além de uma sequência harmônica e lógica, a flexibilidade de caminhos alternativos. Na organização modular, deverá ser esclarecido o seu modo de inserção na estrutura geral do curso (BRASIL, 2001, p. 24-25).

Observamos, dessa forma, um avanço na proposta pedagógica do Curso de Jornalismo das universidades brasileiras, primeiro por considerar o Jornalismo como curso e não mais como habilitação, e segundo por visar não as capacidades técnicas, atentando-se porém para uma visão humanística dos estudantes, como também das competências necessárias para um profissional inserido em um ambiência do Jornalismo cada vez mais “on-line”. Outro aspecto relevante é no que se refere à formação dos docentes na área. O relatório de Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo sugere uma capacitação desses profissionais:

Com a finalidade de tornar compatíveis o requisito da titulação do corpo docente e a necessidade de aderência às disciplinas ministradas, a Comissão de Especialistas recomenda a criação de um Programa Nacional de Aperfeiçoamento Docente destinado às novas gerações de professores de Jornalismo. Muitos foram titulados pelos cursos de pós-graduação da área teórica de Comunicação ou de disciplinas conexas, sem ter exercido plenamente a profissão e não raro sem o domínio cognitivo da sua especificidade. Concomitantemente, deve ser fomentada, nas Escolas de Comunicação, a abertura de cursos de mestrado e doutorado com áreas de concentração em Jornalismo, para atender à demanda crescente de novos professores para os cursos de graduação e de projetos de pesquisa científica na área (BRASIL, 2009, p. 24-25).

Em virtude da manutenção das novas diretrizes pelo Ministério da Educação, o Curso de Jornalismo da UFRN passa atualmente por um processo de transição. Desde 2017, as Novas Diretrizes vigoram, porém, alguns alunos ainda estão amparados pela antiga grade curricular em virtude do ano de ingresso ser anterior à viabilização das novas regras. A nova grade propõe novas disciplinas obrigatórias, principalmente atreladas ao novo cenário digital, como Tecnologias Digitais e Programação para Mídias Interativas, além do acréscimo de disciplinas obrigatórias de idiomas, como Inglês e Espanhol, e a inserção de História em

Teorias da Comunicação e Legislação do Jornalismo. Porém, abre-se uma ressalva para a exclusão de disciplinas relacionadas à teoria e prática da entrevista. Contudo, esperamos que o conteúdo destinado à entrevista jornalística esteja diluído nas demais disciplinas, a depender da didática dos professores.

Mas, por que ensinar estudantes de Jornalismo a fazerem narrativas biográficas? De forma pedagógica, o dispositivo da narrativa é bastante utilizado em outras áreas das Ciências Humanas, como Sociologia, Psicologia, História e Antropologia. No Jornalismo, a narrativa foi incorporada aos gêneros jornalísticos, não existindo assim uma especificidade do estudo narrativo nas faculdades de Jornalismo. É possível ressaltar, ainda, que o ensino e aprendizagem nas salas de aulas de Jornalismo fazem uso de poucas metodologias sociológicas. A proposta do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo é justamente de levantar essa questão, propondo a inserção dos alunos em seus próprios processos de ensino e aprendizagem.

4.2.1 A adoção de novos métodos no ensino do Jornalismo: a Jornada do Herói

Martinez (2008), a partir da Jornada do Herói do mitólogo Joseph Campbell, utilizando a adaptação cinematográfica do consultor Christopher Vloger e dos apontamentos do professor Edvaldo Pereira Lima sobre Jornalismo Literário, elabora “A Estrutura Narrativa Mítica na Construção de Histórias de Vida em Jornalismo”. As observações da autora sobre o Método dos Setênios são utilizadas no capítulo 3 desta dissertação, em que descrevemos a construção do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo.

O método criado por Martinez (2008) consiste em 12 fases de uma jornada do herói adaptáveis às histórias de vidas reais contadas pelo Jornalismo. Nas civilizações antigas, as histórias eram passadas de geração para geração, dentro das pequenas comunidades, institucionalizando assim as narrativas heroicas. A visão heroica das histórias de vida é logo excluída pelo Jornalismo, em que “a caracterização dos entrevistados resume-se em geral a nomes, idades ou categorias profissionais. São pessoas ouvidas às pressas para reclamar de algo ou dar sua opinião sobre um determinado assunto” (MARTINEZ, 2008, p. 36). Sobre a sua Jornada do Herói, Martinez (2008) pontua:

Idealizada para fins de ensino, esta abordagem é um pouco mais simplificada do que a proposta por Campbell, e ligeiramente mais ampliada do que o método de Edvaldo Pereira Lima, que reduz as etapas às oito principais (Cotidiano, Chamado à Aventura, Recusa, Desafios, Caverna Profunda, Teste Supremo, Recompensa e Retorno). No começo da Jornada sugerimos as etapas do Cotidiano, Chamado à Aventura e Recusa ao Chamado. Entendendo o Encontro com o Mentor mais como um arquétipo do que uma

etapa, encontramos a Travessia do Primeiro Limiar. Na segunda fase propomos as etapas Testes, Aliados, Inimigos, Caverna Oculta, Provação Suprema e Encontro com a Deusa, na qual o herói enfrenta o desafio de relacionar-se com sua contraparte, e Recompensa. No segmento final sugerimos os caminhos de Volta, Ressurreição e Retorno como o Elixir (MARTINEZ, 2008, p. 63).

Primeiramente, a autora aplica o método com seus próprios escritos, em sua própria jornada como jornalista. Um segundo experimento realizado por Martinez (2008) foi a aplicação do método com 12 alunos da turma de Técnica, Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística III, ministrada no primeiro semestre de 2001, na habilitação em Jornalismo do Curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba, em Minas Gerais. Martinez (2008, p. 192) explica que para a escolha dos estudantes usou os critérios de: Contato Periódico com a turma, “visto que a ideia era a de transmitir a Jornada do Herói e a Biografia Humana de forma gradativa”; estágio apropriado dos discentes – os estudantes estavam cursando o 5º período de Jornalismo, tendo os conhecimentos básicos necessários, e coerência com a ementa da disciplina: “O ensino dos métodos se encaixavam à perfeição com a demanda do conteúdo programático”.

Comecei a trabalhar o conteúdo da construção de histórias de vida com os alunos de forma livre, com o objetivo de deixar aflorar seus conhecimentos sobre a forma de captar informações para a elaboração de perfis. Em seguida, no mês de março e abril, introduzi paulatinamente os conceitos da Jornada do Herói, sobretudo por meio de aulas expositivas, projeção de vídeos (foi empregado o primeiro filme da Trilogia Guerra nas Estrelas) e dinâmicas que exercitavam a criatividade grupal. A apresentação do método foi dividida primeiramente nas etapas e, em seguida, foi transmitido o conceito de arquétipos. Do ponto de vista de produção textual, os alunos foram convidados a escolher uma pessoa para traçar sua história de vida, material que foi sendo enriquecido a cada encontro (MARTINEZ, 2008, p. 194).

No livro “Jornada do Herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo”, Martinez (2008) apresenta 12 relatos, seguidos de um *making of* de cada estudante e um comentário da autora sobre a narrativa. Ao fim dos textos, ela também avalia de forma geral a atividade:

Tenho a absoluta certeza de que, feitos estes ajustes (citados anteriormente), os dois métodos são perfeitamente aplicáveis, completando-se com perfeição. Seu ensino e uso na jornalística podem, como sugere este experimento, ser úteis na produção textual. É óbvio que quanto maior a competência do autor, melhor a qualidade final a ser obtida (MARTINEZ, 2008, p. 262).

Na conclusão de pesquisa, a autora apresenta as potencialidades da Jornada do Herói aplicadas ao Jornalismo, e especificamente ao ensino e aprendizagem de estudantes de Jornalismo, as quais são: a primeira é a questão pedagógica – “Este espaço mítico, eminentemente oral, perdeu-se na transposição das narrativas para o papel e hoje, naturalmente, não é cogitado na hora de elaborar uma reportagem” (MARTINEZ, 2008, p. 268); a segunda é a elaboração de uma nova realidade – “Uma vez que empregamos esta estrutura, que traz aportes mitológicos às narrativas contemporâneas, estamos aprofundando a história em níveis que talvez nem a pessoa que a vivenciou tenha cogitado” (MARTINEZ, 2008, p. 268). Sobre este último aspecto, a autora comenta sobre o papel do comunicador nessa reelaboração da história pessoal do entrevistado:

Não há, portanto, imparcialidade. Não estamos resgatando uma realidade estanque no passado. Estamos reelaborando-as. Em vez de verdade absoluta, versões. Com seus questionamentos, o autor da história de vida é parte integrante da narrativa, o que pode fazer aflorar um verdadeiro diálogo de sujeitos, como defende Cremilda Medina (1978; 1990). No jogo entre o resgate e a revisão de memórias, o que está sendo construída é uma nova versão daquela trajetória. Como ocorre a construção desta segunda realidade, mais ampla e profunda, seria um tema fascinante da pesquisa (MARTINEZ, 2008, p. 268).

A experiência de ensino e aprendizagem na pesquisa de Martinez (2008) através de um método de ensino de construção de histórias de vidas reais nos aponta um caminho paralelo trilhado pelo Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo, percorrido também em sala de aula com estudantes de Jornalismo. Dessa forma, alguns resultados também estão em comum, como a capacidade do dispositivo-função –que em “Perfis em Rede” é o Modelo Aberto e na pesquisa de Martinez (2008) é a “Jornada do Herói” –, em provocar uma maior segurança aos estudantes, como também de permitir que estes sejam protagonistas do próprio ensino e aprendizagem. Porém, a autora observa que não há um modelo perfeito, mas que há a intenção de proporcionar uma maior abertura para a teoria e prática da narrativa em sala de aula:

Acima de tudo, a Jornada do Herói e a Biografia Humana revelam-se ferramentas valiosas para resgatar a antiga arte de narrar. A boa história de vida talvez seja aquela que, à semelhança de um romance excepcional, deixa a sensação de que a narrativa não se esgota nos fatos, de que ela não se restringe aos casos registrados. A verdade é que escrever uma biografia é missão difícil, pois visa a captar uma realidade complexa, formada por uma combinação de alguns fatos e muitos mistérios. Neste panorama, são bem-vindos mapas como a combinação da Jornada do Herói e a Biografia Humana. Como diz Jesús Martín-Barbero (1991: 229), não se trata de mapas para fuga, mas para perceber novos campos do conhecimento, para

reconhecer situações da ótica das mediações e dos sujeitos (MARTINEZ, 2008, p. 270).

O Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo endossa, então, a abertura para essa nova possibilidade, de se investigar a mediação dos sujeitos dentro de uma perspectiva sociológica nos estudos do Jornalismo. A adoção de práticas pedagógicas com esse intuito indicadas por Martinez (2008) nos abre o caminho para a reflexão das permutações ocorridas entre as identidades dos sujeitos.

4.3 DIÁRIO DE BORDO III: PERMUTANDO IDENTIDADES, MEDIANDO SUJEITOS?

Como os estudantes de Jornalismo da turma de Sociologia da Comunicação medeiam as narrativas biográficas na pesquisa “Perfis em Rede?” O termo mediação foi incorporado à muitas definições do senso comum. Podemos compreender mediação como aquilo que se encontra entre extremos, porém o sentido de mediação que buscamos destacar aqui é outro. Nas últimas décadas, muitos autores escreveram sobre o tema, principalmente em virtude da mudança de perspectiva dos Estudos em Comunicação da emissão para a recepção. Em uma busca rápida² no Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação da Intercom (Portcom), a partir do termo “mediação” encontramos 21.765 trabalhos relacionados à temática, 107 livros, 1.019 capítulos de livro, 98 e-books e sete vídeos.

Martín-Barbero (1997) é popularmente conhecido pela investigação do assunto dentro do contexto socio-histórico e político da América Latina. Porém, o autor não apresenta uma definição conceitual do que é mediação dentro da Teoria das Mediações. Mesmo assim, a origem do termo é anterior aos primeiros estudos de mediação na comunicação:

O conceito de mediação procede principalmente de duas vertentes filosóficas: a idealista, de origem cristã, e a hegeliana, bem como a tradição marxista. Tais vertentes são, obviamente distintas, a primeira ligando-se sobretudo à herança teológica (mediação do Cristo entre Deus e o mundo; mediação dos santos entre os pecadores e Deus) e, em seguida, tomando-se corrente no existencialismo, e a segunda, numa preocupação específica de explicar os vínculos dialéticos entre categorias separadas. Ambas as orientações, contudo, às vezes se tocam, como parece ser o caso do quase insuperável problema do dualismo, que o conceito implica (SIGNATES, 1998, p. 38).

Ao longo do livro “Dos meios às Mediações”, a palavra mediação é citada 37 vezes, mas em nenhuma delas há uma definição do conceito. Entre as aplicações feitas por Martín-Barbero (1997) ao termo estão os três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a

² Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pesquisa.php>>. Acessado em 18 de fevereiro de 2018.

temporalidade social e a competência cultural. A indicação de Martín-Barbero é de que nestes três lugares a mensagem receba um novo significado, passando a ser reconfigurada dentro desses espaços de mediação. Signates (1998) deixa claro que mediação: 1. Não é intermediação; 2. Não é filtro; 3. Não é intervenção no processo comunicativo.

Comecemos a tentativa de um mapa conceitual pelas bordas, ou seja, pelos limites: definindo o que a mediação não é, em seu uso orientado à sociologia da cultura e em especial ao campo da comunicação. Claro que esse jogo de significados na verdade explícita posicionamentos teóricos nessas áreas do conhecimento, não se tratando de uma mera discussão semântica, daí a razão pela qual a abordagem negativa ao conceito procurará, senão desfazer, ao menos dispensar significados consagrados por dicionaristas e etimólogos (SIGNATES, 1998, p. 40).

Mas o que está sendo mediado dentro da pesquisa “Perfis em Rede”? A partir do momento em que os estudantes de Jornalismo iniciam a produção das narrativas biográficas, a mediação realizada é um intercâmbio entre as histórias de vida de narradores e narrados. A mediação é uma mediação cultural, em que a mídia está diluída no agir do comunicador em formação, que não necessita de instrumentos, mas emula nas próprias atitudes o “on-line” da comunicação.

Dessa forma, a problemática da comunicação é deslocada para a cultura; para o processo de produção de significados; para o complexo e ambíguo espaço da experiência dos sujeitos. Assim, o receptor não é apenas um mero decodificador dos conteúdos das mensagens impostas pelo emissor, mas também produtor de novos significados. Embora designado como dominado, em nível econômico, mantém um espaço interior de resistência que lhe permite rechaçar conteúdos discursivos que culturalmente não são reconhecidos por ele (DANTAS, 2008, p. 6-7).

Na pesquisa “Perfis em Rede”, a narrativa biográfica é um dispositivo-função mediador, que conduz os alunos ao encontro entre a função de narrador e a disposição dos narrados, como também entre a função de narrado e a disposição de narrador, ambos equidistantes, porém não imunes à ultrapassagem das fronteiras que os separam. Pontuamos que, nesse jogo, há o terceiro elemento fundamental, que é o público.

Porém, que público é esse? O público está representado em uma figura onipresente, que assume muitos rostos aos estudantes de Jornalismo. Podemos listar: os colegas de classe, as próprias expectativas, os entrevistados, a avaliação feita pelo professor da disciplina e pela estagiária docente. No percurso narrativo de cada estudante, observamos ascender em cada um deles a necessidade de livre expressão das narrativas construídas, e surge nesse processo a busca pelos jornalistas que eles esperam ser.

Dessa forma, o processo de ensino e aprendizagem com estudantes de Jornalismo envolve o recente cenário do papel do jornalista, em que não são necessários grandes aparatos tecnológicos para estar diante do público. Com o uso de um *smartphone* é possível mediar histórias de vidas em plataformas de mídias sociais. Apenas uma coisa faz-se necessária: a internet. Porém, a pesquisa não busca investigar o *habitus* do jornalista, mesmo assim não nos cabe desconsiderar o cenário, que já não é tão recente, do processo de produção das histórias de vida.

Então, como podemos definir mediação no contexto de “Perfis em Rede”? A mediação é simbólica, acontecendo das etapas das entrevistas jornalísticas à produção do texto final, e tendo como consequência uma narrativa biográfica fruto de triplas identidades: o narrador, o narrado e o público. Ressaltamos, então, que dessa forma a narrativa é assim considerada uma prática social, que interliga diferentes atores, como também um texto social, que conta aspectos da história de vida do outro a partir da visão do mediador, neste caso, o estudante de Jornalismo.

CAPÍTULO V - A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DOS ESTUDANTES DE JORNALISMO DA TURMA DE SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

No capítulo 5 desta dissertação, fazemos uma avaliação da aplicação do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para Jornalismo na turma de Sociologia da Comunicação do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Para isso, dividimos essa análise em duas perspectivas: uma Des (objetiva) e outra Subjetiva. Na primeira análise buscamos apresentar a experiência Des (objetiva) da aplicação do Modelo, no caminho de que, mesmo tratando-se de números, seria incoerente fornecermos uma análise objetiva de uma produção biográfica. Na segunda seção, abrimos a uma experiência subjetiva, colocando em análise as narrativas biográficas finais de dez alunos, acompanhadas de seus respectivos relatos de experiência e de considerações da pesquisadora sobre o caminho narrativo de cada grupo de análise.

5.1 EXPERIÊNCIA DES (OBJETIVA): A APLICAÇÃO DO MODELO ABERTO NA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

Os alunos foram sensibilizados com a pesquisa desde o primeiro dia de aula da disciplina de Sociologia da Comunicação, estando também no calendário de atividades da disciplina aulas expositivas sobre os conteúdos de narrativa, biografia e modelos narrativos semelhantes ao aplicado pela pesquisa em sala de aula.

Dos 40 discentes, realizaram completamente a atividade – ou seja, todas as fases do Modelo Aberto –, o total de 30 alunos da turma de Sociologia da Comunicação do curso de Jornalismo. As fases de cada atividade puderam ser entregues de três formas: através do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa), por e-mail ou ainda impressa. Porém, boa parte dos estudantes preferiu fazer por forma eletrônica. Com exceção da terceira fase, que, obrigatoriamente, teve que ser enviada de modo digital.

Sendo assim, em números, as fases foram realizadas da seguinte forma pela turma: 32 alunos fizeram a Fase 1 do Mapa de Contexto Social; 32 realizaram a atividade da Fase 2 do Mapa de Interação; 32 conseguiram fazer a Fase 3 do Encontro Dialógico, e, por fim, 26 entregaram a versão final do texto. Apenas 23 alunos realizaram todas as fases, incluindo aqui a entrega do texto final. Além de cada fase do Modelo, os alunos foram motivados a entregar

juntamente com a versão final do texto um relato de experiência, relatando sobre o aprendizado de produção da atividade, sendo que 16 alunos o fizeram. Na tabela abaixo é possível visualizar o cumprimento de cada fase pela turma:

Quadro 7 – Fases do Modelo Aberto por alunos

Fase 1 (Mapa de Contexto Social)	Fase 2 (Mapa de Interação)	Fase 3 (O Encontro Dialógico)	Texto Final	Todas as fases do Modelo	Todas as Fases + Texto Final	Relato de Experiência
32 alunos	32 alunos	32 alunos	26 alunos	30 alunos	23 alunos	16 estudantes

Fonte: Autor.

A escolha dos entrevistados foi estabelecida de modo voluntário por parte de cada estudante, com a condição que fosse um entrevistado anônimo, ou seja, não figurasse como pessoa pública. Porém, nos resultados da pesquisa no capítulo 5, um ex-político foi entrevistado. Diante da proposta do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo, os alunos foram sensibilizados a apresentar uma sugestão de entrevistado à pesquisadora que apenas analisou, cabendo ao aluno a decisão de optar ou não por aquela narrativa biográfica. Ao longo do processo, em virtude das agendas dos narrados ou por opção do aluno, alguns entrevistados foram substituídos. Um aspecto interessante apontado no percurso da pesquisa foi a escolha por submeter o método à familiares, principalmente de primeiro grau, como pai ou mãe.

Sendo assim, a tabela a seguir apresenta os entrevistados escolhidos por aluno, como também, idade, profissão e se possui ou não parentesco com o entrevistador:

Quadro 8 – Alunos por entrevistados aplicados ao Modelo Aberto

(Continua)

Alunos	Entrevistados	Idade	Profissão	Parentesco	Qual?	Todas as fases do Modelo com Texto Final
---------------	----------------------	--------------	------------------	-------------------	--------------	---

(cont.)

ALUNO A	ENTREVISTADO 1	57	Funcionário Público	Sim	Pai	SIM
ALUNO B	ENTREVISTADO 2	39	Estudante	Sim		SIM
ALUNO C	ENTREVISTADO 3	22	Dona de casa	Não		SIM
ALUNO D	ENTREVISTADO 4	25	Estudante	Não		NÃO
ALUNO E	ENTREVISTADO 5	36	Dona de casa	Sim	Mãe	SIM
ALUNO F	ENTREVISTADO 6	38	Estudante	Não		SIM
ALUNO G	ENTREVISTADO 7	22	Ilustradora	Não		SIM
ALUNO H	ENTREVISTADO 8	40	Estudante	Sim	Tia	NÃO
ALUNO I	ENTREVISTADO 9	63	Engenheiro florestal	Não		SIM
ALUNO J	ENTREVISTADO 1°	34	Dona de casa	Não		NÃO
ALUNO K						NÃO
ALUNO L	ENTREVISTADO 11	19	Estudante	Não		NÃO
ALUNO M	ENTREVISTADO 12	61	Técnico em Contabilidade	Sim	Pai	SIM

(cont.)

	Nome do entrevistado	Idade	Profissão	Parentesco	Qual?	Todas as fases do Modelo com Texto Final
ALUNO N	ENTREVISTADO 13	54	Dona de casa	Sim	Mãe	SIM
ALUNO O	ENTREVISTADO 14	31	Policial Militar	Não		NÃO
ALUNO P	ENTREVISTADO 15	26	Estudante	Não		SIM
ALUNO Q	ENTREVISTADO 16	23	Estudante	Não		NÃO
ALUNO R						NÃO
ALUNO S	ENTREVISTADO 17	49	Educador	Não		NÃO
ALUNO T	ENTREVISTADO 18	43	Agente de bagagens	Sim	Mãe	SIM
ALUNO U						NÃO
ALUNO V	ENTREVISTADO 19	60	Professora	Não		SIM
ALUNO X	ENTREVISTADO 20	49	Industriário	Sim	Pai	SIM
ALUNO Z						NÃO
ALUNO W						NÃO
ALUNO Y	ENTREVISTADO 21	54	Professora	Não		SIM
ALUNO	ENTREVISTADO 22	20	Estudante	Não		

A1						SIM
-----------	--	--	--	--	--	------------

(conclusão)

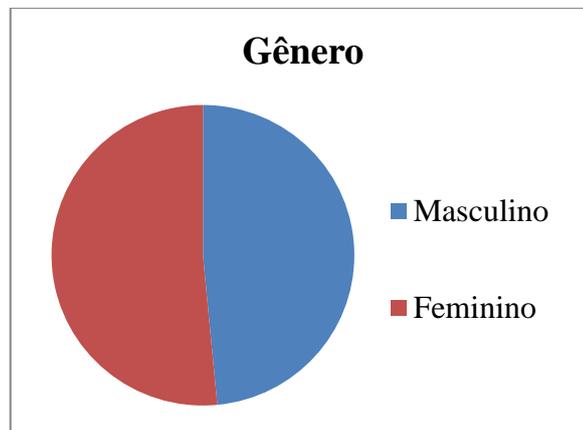
	Nome do entrevistado	Idade	Profissão	Parentesco	Qual?	Todas as fases do Modelo com Texto Final
ALUNO B1	ENTREVISTADO 23	30	Estudante	Não		SIM
ALUNO C1	ENTREVISTADO 24	25	Jornalista	Não		SIM
ALUNO D1	ENTREVISTADO 25	25	Estudante	Não		NÃO
ALUNO E1	ENTREVISTADO 26	48	Dona de casa	Sim	Mãe	SIM
ALUNO F1	ENTREVISTADO 27	21	Estudante	Não		NÃO
ALUNO G1	ENTREVISTADO 28	48	Piloto Militar	Sim	Pai	NÃO
ALUNO H1	ENTREVISTADO 29	31	Professor	Não		NÃO
ALUNO I1	ENTREVISTADO 30	68	Aposentado	Sim	Pai	SIM
ALUNO J1	ENTREVISTADO 31	44	Dona de casa			NÃO
ALUNO K1	ENTREVISTADO 32	31	Músico	Não		SIM
ALUNO L1	ENTREVISTADO 33	53	Estudante	Não		SIM
ALUNO M1	ENTREVISTADO 34	31	Professor	Não		

						SIM
ALUNO N1	ENTREVISTADO 35	72	Ex-prefeito	Não		SIM

Fonte: Autor.

Dos 40 alunos, 10 optaram por entrevistar algum entrevistado com grau de parentesco. Do total de entrevistados, separados por gênero, 16 são identificados como sendo do gênero masculino e 17 identificadas como do gênero feminino.

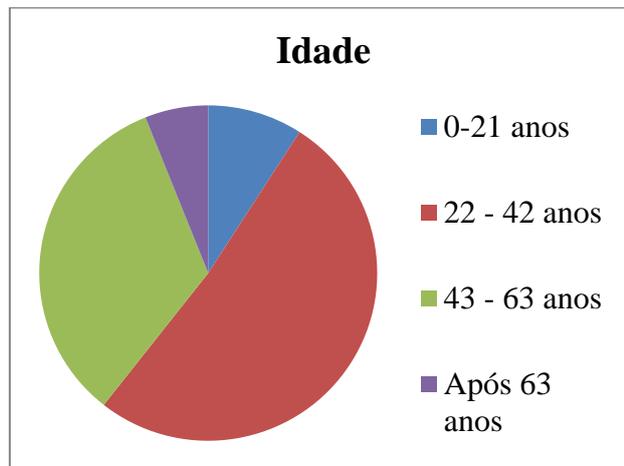
Figura 1 – Gráfico com percentual de gênero dos entrevistados



Fonte: Autor.

Com relação à idade, a idade mínima dos entrevistados foi 19 e a idade máxima 72 anos. As idades foram separadas de acordo com o estudo dos Setênios de Gudrun Burkhard (apud MARTINEZ, 2008): 0 a 21 anos: a fase de formação; 22 a 42 anos: a fase de plenitude e de 43 a 63 anos: o declínio biológico. Separamos ainda outra categoria para entrevistados com idade superior a 63 anos.

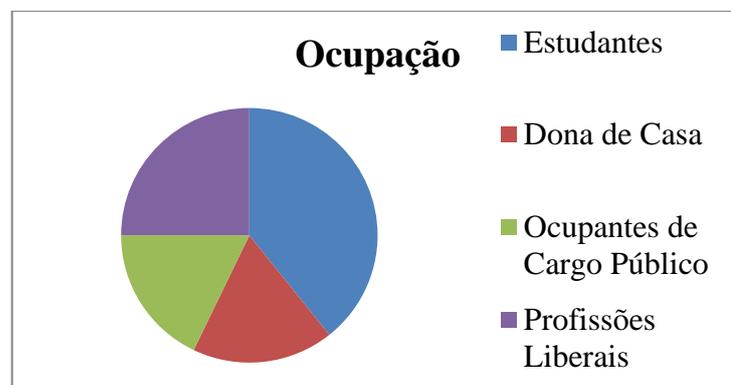
Figura 2 – Gráfico com percentual de idades dos entrevistados



Fonte: Autor.

Já se separados por ocupação, 11 estudantes, cinco donas de casa, cinco ocupantes de cargo público, aposentado ou político, cinco professores/educadores e sete em profissões liberais. Como é possível ver no gráfico a seguir:

Figura 3 – Gráfico com percentual de ocupação dos entrevistados



Fonte: Autor.

5.2 EXPERIÊNCIA SUBJETIVA: A APLICAÇÃO DO MODELO ABERTO NA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

Dessa forma, percorrido o caminho da pesquisa-intervenção em sala de aula, com auxílio do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo, chegamos a dez narrativas biográficas escritas pelos estudantes da turma de Sociologia da Comunicação. Os

critérios utilizados foram a realização de todas as etapas e a escolha de um modelo de edição de acordo com *Humans of New York*.

Para isso, separamos as narrativas biográficas em três grupos: Grupo 1 – Estudantes que escolheram familiares de primeiro grau; Grupo 2 – Estudantes que optaram por amigos ou conhecidos; Grupo 3 – Estudantes que escolheram personagens que admiram.

A escolha de dez narrativas de acordo com esses critérios estabelecidos leva em consideração a necessidade de uma melhor leitura da atividade pela pesquisadora, como também buscou deter a análise a partir de particularidades da própria pesquisa, que foi encontrar no grupo pesquisado a opção por entrevistados familiares, o desejo por aplicação em personagens fora de seu convívio, entrevistas com amigos e conhecidos.

A seguir apresentamos os perfis por grupo, bem como uma análise da pesquisadora buscando traçar, assim, a narrativa biográfica da experiência de cada um dos alunos. Para isso, nossa análise terá como base a identidade narrativa em Ricoeur (1983, 1984, 1985, 1991), a narrativa jornalística em Motta (2004, 2005) e as características de biografia em Vilas Boas (2002, 2003, 2008, 2014). O que buscamos com essa análise é perceber o percurso narrativo de cada estudante a partir das fases estabelecidas pelo Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo.

Para isso, separamos os percursos narrativos em três características que se mostraram relevantes ao longo da pesquisa-intervenção em sala de aula com estudantes de Jornalismo do segundo período da turma de Sociologia da Comunicação. Apresentamos abaixo as narrativas biográficas finais dos alunos, acompanhadas dos relatos de experiência.

Lembramos que todas elas foram publicadas em um site, inserido nos anexos desta dissertação. A noção de “Perfis em Rede” vem do digital, como também da conexão própria da rede, que se faz sempre em relação a algo ou alguém, na hipótese de que não se constrói uma narrativa biográfica solitariamente.

Ainda buscamos incluir, a cada narrativa, o relato de experiência de cada estudante. Juntamente com as entrevistas finais, os estudantes foram motivados a entregar um relato de experiência detalhando o impacto da atividade em sua vida. Os alunos não foram obrigados a fazê-lo, porém, ao longo do processo de análise, percebemos a importância desse instrumento para mensurar o grau de envolvimento de cada aluno na atividade do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo.

5.2.1 Grupo 1 – Estudantes que entrevistaram familiares

Ao todo, dez estudantes entrevistaram familiares. Sendo que apenas oito deles realizaram todas as fases da atividade e produziram também os relatos de experiência. Foram

selecionadas as narrativas biográficas produzidas pelas estudantes ALUNO A, ALUNO E e ALUNO E1. Os estudantes mostraram participação ativa durante todo o período de aplicação do modelo em sala de aula, nos fazendo considerar a escolha dessas narrativas para a análise final.

Os estudantes não escolheram propositalmente seus familiares para a aplicação do modelo, porém estavam inclinadas à escolha pela facilidade geográfica das entrevistas e pela busca sem sucesso de outros personagens para a atividade. Porém, o que nos é apontado através dessa experiência é que mesmo com a pequena distância geográfica entre narrador e narrado, observamos uma distância psicológica e emocional muito estreita, elevando a problemática da produção da narrativa biográfica. Neste ponto, a permutação das identidades mostrou-se nítida, principalmente diante do relato de experiência apresentado por cada uma delas.

Sobre entrevistar o pai, ALUNO A diz que “Conhecer a história sua a fundo e saber coisas sobre a vida dele que eu simplesmente nunca tinha ouvido foi incrível”. Já ALUNO E que “Acho que, na verdade, foi um pouco de erro meu – depois de anos perguntando tantas coisas, eu simplesmente não fiz as perguntas certas”. Por fim, ALUNO E1, sinaliza que “a atividade significou muito para eu conseguir dar voz a minha mãe”.

Lowenthal (1961) observou, em suas pesquisas sobre Biografia, a presença constante de dois grupos no momento em que os biografados se revelavam: os pais e amigos. O primeiro em referência à ancestralidade, já o segundo grupo como uma ascensão magnífica do biografado. Lowenthal (apud Vilas Boas, 2002) explica:

O fato curioso não é que os autores mencionem os pais, e sim que tenham tanto a dizer acerca deles e tão pouco acerca dos outros relacionamentos. É como se o autor quisesse impor ao leitor que seu herói, em considerável medida, fosse entendido em termos de herança biológica e regional. É uma espécie de conceito darwiano primitivo dos fatos sociais: a tendência de colocar o peso da explicação e da responsabilidade sobre os ombros da geração anterior. O indivíduo em si surge como mero produto de seu passado (LOWENTHAL, 1961, p. 119 apud VILAS BOAS, 2002, p. 40).

Na perspectiva das narrativas biográficas produzida pelos estudantes da turma de Sociologia da Comunicação, os pais não são apenas mencionados, mas são os próprios narrados. Logo, é perceptível que a relação entre narrador e narrado é estreita, possibilitando permutações entre as identidades narrativas dos sujeitos. A ALUNO E foi uma das que se emocionou na apresentação da narrativa biográfica da mãe; Foi possível perceber o crescimento no envolvimento da aluna durante a atividade, perceptível na justificativa dela de

que pareceu agora “ter feito as perguntas certas”. Ao narrar as vidas dos pais e mães, os estudantes compreendem que estão contando sobre suas próprias vidas, como é possível ver nas narrativas finais abaixo, transcritas na íntegra.

- a) Estudante 1** – ALUNO A (18), cursando na época o segundo período de Jornalismo, entrevistou o pai (funcionário público e pastor) ENTREVISTADO 1. A estudante escolheu o Modelo de Edição de *Humans of New York*, combinação entre Diálogo e Imagem. A foto (*ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores*) foi de autoria da estudante.

ALUNA A: Como era o seu relacionamento com seus irmãos?

ENTREVISTADO 1:³ Era bom, eu tinha muitos irmãos e convivíamos bem. Quando minha mãe ficava grávida, todos nós ficávamos disputando pra ver se o bebê ia ter o nome parecido com o nosso. Eu me lembro bem disso quando o caçula nasceu, pois depois de mim só tiveram três. No último, eu pude ajudar a escolher o nome e sugeri "Ildevânison" (risos) os outros sugeriram "Ildevardi" também (risos). No final ficou Ildevândison mesmo.

Eu tinha um relacionamento muito próximo com minha irmã Ildení, ela era mais velha, então sempre tava me ajudando. Na quarta série eu reprovei, pra passar pra quinta, ela velha conseguiu adulterar meu boletim, pois naquela época só aparecia Aprovado ou Reprovado. Ela mudou o "RE" para "A" e eu consegui entrar na quinta. (risos) Mas ai na quinta eu reprovei de novo e ai levei uma surra. Depois dessa surra eu me tornei o melhor aluno, sempre passava por média. Todo mundo queria fazer trabalho comigo. Foi nessa época, que eu comecei a usar óculos, o que ajudou muito também.

Relato de Experiência: *Por mais que muitos alunos tenham escolhidos entrevistar os pais, eu fiquei muito feliz pelo meu primeiro entrevistado ter desistido e isso resultou em minha escolha pelo meu pai. Conhecer a história sua a fundo e saber coisas sobre a vida dele que eu simplesmente nunca tinha ouvido foi incrível. Busquei na minha entrevista focar no aspecto familiar, a relação com os parentes na infância, casamento e criação de filhos. Foi curioso perceber como na primeira fase ele estava muito sério, preocupado em falar corretamente e sobre assuntos mais formais para que a entrevista saísse "bonita" e na terceira fase o quanto ele já estava aberto a contar histórias e responder as mais diversas*

³ Todos os trabalhos foram reproduzidos na íntegra, sem edição.

perguntas. Esse trabalho me fez perceber que na correria do dia-a-dia, muitas vezes perdemos a oportunidade de conhecer mais a fundo as pessoas e perceber que elas são como são devido a uma história que elas carregam consigo, afinal, as pessoas são universos. Fazer o mapa sociológico foi uma experiência nova e enriquecedora para mim, me identifiquei muito com esse tipo de trabalho e acho que eles precisam ser feitos, há muita coisa divertida para ouvir e grandes ensinamentos que podemos receber de pessoas que muitas vezes não tem a oportunidade de falar.

- b) Estudante 2** – ALUNO E (18), cursando na época o segundo período de Jornalismo, escolheu como entrevistada a mãe ENTREVISTADO 5 (dona de casa). A estudante escolheu o Modelo de Edição de *Humans of New York*, combinação entre Opinião e Imagem. A foto (*ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores*) foi de autoria da estudante.

Legenda: “Se eu tivesse que voltar atrás, eu não acreditaria, não confiaria tanto igual eu confiei em todo mundo. Mas não me arrependo de nada, acho que tudo já estava escrito bem direitinho.” (ENTREVISTADO 5)

Relato de Experiência: *Eu pude conhecer um pouco mais da minha mãe. Nós passamos por muitas coisas juntas e, ao perguntar, achava que já sabia da maioria das respostas. Mas não. Ela me respondeu de uma forma que nunca havia me respondido antes, com uma sinceridade que me mostrou um pouco mais daquela mulher que eu achava que conhecia tão bem. Acho que, na verdade, foi um pouco de erro meu – depois de anos perguntando tantas coisas, eu simplesmente não fiz as perguntas certas.*

- c) Estudante 3** – ALUNO E1 (18), cursando na época o segundo período de Jornalismo, entrevistou a mãe (dona de casa) ENTREVISTADO 26. A estudante escolheu o Modelo de Edição de *Humans of New York*, combinação entre Opinião e Imagem. A foto (*ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores*) foi de autoria da estudante.

Legenda: “Ser dona de casa nada mais é do que administrar o seu lar. Para isso, a gente precisa ter controle do que comemos e do que gastamos, anotar tudo e estar sempre de olho no que está faltando e precisa comprar. Não somos remunerados para fazer isso, porém, não é

uma tarefa fácil. Não ficamos de pernas para o ar o dia inteiro. Tem gente que sai julgando quem é dona de casa, mas não sabe o que a pessoa passou e quais as circunstâncias do momento. Ninguém para e pensa ‘agora vou cuidar da casa e da minha filha!’, a vida que se encarrega de guiar você.” (ENTREVISTADO 26)

Relato de Experiência: *A atividade significou muito para eu conseguir dar voz a minha mãe. Tanto, que para a versão final, ela ainda quis eu completasse a fala dela com mais uma frase e arrumar outras coisas.*

5.2.2 Grupo 2 - Estudantes que escolheram entrevistados do convívio familiar ou amigos

Na produção das narrativas biográficas, dez alunos procuraram entrevistar familiares, os demais buscaram entrevistar conhecidos ou amigos e um grupo pequeno foi atrás de personagens fora do seu convívio familiar. Sendo assim, daqueles que escolheram entrevistar conhecidos e amigos, selecionamos as narrativas dos estudantes ALUNO I, que entrevistou um conhecido de seus pais, e ALUNO P, que entrevistou um amigo.

Sobre a narrativa biográfica de um conhecido, ALUNO I afirma que, mesmo o conhecendo desde muito pequena, pouco sabia sobre o personagem. “Às vezes, achamos que sabemos tudo sobre alguém, o que não é verdade”. Já ALUNO P, enfatiza que “perceber a singularidade de cada indivíduo que é baseada nas singulares vivências que passamos que nos fazem ser quem atualmente somos”. A escolha por entrevistados amigos e conhecidos possibilita um “ir além” na vida do outro que é familiar, mas pouco conhecido. Porém, a permutação é gerada, neste caso, entre a expectativa que se faz e aquilo que de fato se encontra. Os dois estudantes relatam o saldo positivo diante do que esperavam e do que encontraram, como é possível ler abaixo:

- d) Estudante 4** – ALUNO I (19), cursando o segundo período de Jornalismo na época, entrevistou ENTREVISTADO 9 (engenheiro florestal), conhecido por sua família como Caiá. A estudante escolheu o Modelo de Edição de *Humans of New York*, combinação entre Diálogo e Imagem. A foto (*ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores*) foi de arquivo pessoal.

ALUNO I: O que você conseguiu realizar?

ENTREVISTADO 9: A minha felicidade. Para a gente ser feliz, para mim, temos que fazer três coisas: plantar uma árvore, escrever um livro e ter um filho, pelo menos um. Nem que o filho seja um cachorro. Você precisa ter essa felicidade de cuidar de alguém, cuidar de um ser vivo. E eu já fiz isso, já plantei muitas árvores, nossa. Já escrevi um livro e já tive um filho. A última agora que adotei foi a Siena, Sisi, minha cachorra. Para mim, isso é o encontro da felicidade. Eu me considero feliz.

Relato de Experiência: *É uma pessoa que conheço desde pequena, apesar de não lembrar como a conheci. Às vezes, achamos que sabemos tudo sobre alguém, o que não é verdade. Ele se abriu comigo sobre tudo o que perguntei, sem nenhuma hesitação. Me senti bem mais próxima. Conversamos coisas que nem tocávamos no assunto antes. Para ser sincera, nem conversávamos muito, só sobre as coisas normais da vida “como está indo a faculdade?”. Achei muito interessante o fato da nossa conversa ter durado uma hora e, com as perguntas certas, consegui entender muita coisa. Achei que duraria bem mais. A pré-entrevista foi muito boa para a seleção dessas perguntas, mesmo que, na prática, não fazemos muito dessas pré-entrevistas. Enfim, obrigada pela oportunidade. Tentei deixar a frase dele parecida com os exemplos que vimos em sala do Humans of New York.*

- e) **Estudante 5** – ALUNO P (19), cursando o segundo semestre de Rádio e TV, mas matriculado na turma de Jornalismo, entrevistou ENTREVISTADO 15. O estudante escolheu o Modelo de Edição de *Humans of New York*, combinação entre Diálogo e Imagem. A foto (*ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores*) não teve a fonte especificada.

ALUNO P: Como seria o dia ideal para você?

ENTREVISTADO 15: Não gosto muito de planejar as coisas, raramente planejo, gosto quando as coisas acontecem ao acaso, mas quando planejo algo busco finalizar.

Relato de Experiência: *Foi interessante o desenvolver desse trabalho, pois através da entrevista tive a oportunidade de conhecer um pouco mais da jornada de um indivíduo que já viveu diversas realidades distintas. A partir não só dessa biografia mas também da página oficial "Humans of NY" podemos claramente perceber a singularidade de cada indivíduo que*

é baseada nas singulares vivências que passamos que nos fazem serem quem atualmente somos.

5.2.3 Grupo 3 – Estudantes que escolheram personagens que admiram

Dentro do grupo de 16 estudantes que produziram o relato de experiência, podemos destacar ALUNO K1, ALUNO M1, ALUNO G, ALUNO V e ALUNO N1 que buscaram biografar personagens não presentes no seu cotidiano, porém admirados pelos narradores. Biografar alguém admirado é atravessar outra linha tênue posta pela admiração, desejo e paixão. Sobre a presença do biógrafo na biografia, Vilas Boas endossa a necessidade de transparência:

A biografia refere-se, sobretudo, a uma certa pessoa previamente escolhida pelo biógrafo por alguma associação livre, uma razão concreta ou intuição. Mas não refere-se apenas à pessoa biografada, porque esta se constitui por meio de uma rede de relacionamentos que ultrapassa o humano e avança rumo à relação da pessoa com toda a matéria, viva ou morta; com todos os artefatos que compõem seus pertences e não-pertences; com todos os seus modos de lembrar e de esquecer – do próprio biografado e de algumas pessoas-chave com as quais se relacionou (VILAS BOAS, 2008, p. 181).

A escolha pelo biografado implica em uma intenção do próprio biógrafo. No entanto, as narrativas biográficas publicadas na mídia supõem uma neutralidade do biografado, como se os textos assumissem fatos que não fossem ressignificados pelo biógrafo. Gomes (2012), ao interpretar as Mimeses referidas por Ricoeur (1990), observa três fases: atividade cognitiva do enunciador, a configuração da linguagem e a atividade cognitiva do leitor. Observamos que esse percurso acontece no processo de produção também da narrativa biográfica, porém no processo de produção das narrativas, intensificado na entrevista biográfica.

Na entrevista jornalística, Medina (2001, p. 27) fala de quatro níveis: o estágio histórico da técnica comunicacional, a interação social almejada pelo entrevistador, a possibilidade de criação, a ruptura com rotinas empobrecedoras e a tentativa de desvendamento do real. A autora enfatiza a ocorrência de um movimento de autoelucidação e modificação entre narrador e narrado:

Neste caso, tanto entrevistado como entrevistador são duas pessoas, simplesmente duas pessoas, que se auto-elucidam a respeito de coisas da vida e conceitos específicos, juízos de valor, ao mesmo tempo que se modificam entre si. Realmente, a força de tal encontro dialógico (que não é misticismo, é realidade possível) ilumina o instante concreto, sacode a

emoção e a razão: ambos saem perturbados e sem definir muito bem o que aconteceu. Só se sabe que aconteceu. Essas duas pessoas colocadas uma diante da outra por circunstâncias que não seu histórico individual, cruzaram definitivamente caminhos, não mais indiferentes. A carga emocional da interação social criadora vai desaguar na matéria editada com esse tom maior que fica visível, audível, e será socializada através da plena identificação: o leitor, o telespectador, ouvinte comunga com essa relação total, entra nela pela magia da linguagem simbólica que substitui o ato da entrevista (MEDINA, 2001, p. 32).

Nas narrativas biográficas abaixo não podemos afirmar que houve, de fato, o diálogo possível, mas podemos entender que os estudantes assim buscaram. O diferencial nas narrativas que se seguem foi o fator interesse, movido pela admiração apresentada entre os narradores, como também o alto grau de fatores que tornam de fato o relato de vida envolvente. Assim é possível observar abaixo:

- f) **Estudante 6-** ALUNO K1 (27), cursando o segundo período de Jornalismo na época, entrevistou o músico ENTREVISTADO 32, que após uma cirurgia no braço perdeu parte dos movimentos do membro operado. O estudante escolheu o Modelo de Edição de *Humans of New York*, combinação entre Opinião e Imagem. A foto (*ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores*) foi de autoria do estudante.

Legenda: “Eu descobrir que eu não poderia mais tocar como eu tocava (...) me fez cair na depressão. Eu ir para vários médicos e eles dizerem “você não vai mais poder tocar” foi o que me fez cair. O piano era tudo para mim, nós eramos um casal. Tem sangue nas teclas do meu piano de tanto que eu tocava. Passava oito horas por dia tocando, estudando. Tínhamos uma cumplicidade, eu conversava com ele. Foi o pior momento da minha vida e eu ainda tenho sequelas desse momento. Eu sei que não posso mais voltar a tocar como antes, e se eu pensar em querer voltar a coisa desanda e eu tenho crises”. (ENTREVISTADO 32)

Relato de Experiência: *As entrevistas me fizeram perceber o quanto de esforço e dedicação são necessários para uma pessoa atuar nas artes. É um compromisso para toda a vida e que se inicia, quase que inconscientemente, quando o indivíduo ainda é criança e avança ao longo de toda sua vida. No caso específico do meu entrevistado, me chamou atenção os percalços que a vida lhe impôs e como ele lutou, por anos, para não deixar de fazer o que tanto ama. A relação dele com a arte é algo de muita intimidade, de uma troca constante que*

ocorre desde seus três anos de idade. Outra coisa que também aprendi com essas entrevistas é o quanto é difícil ser artista no Brasil: simplesmente não há apoio, tampouco incentivo. Músicos e cineastas independentes têm de produzir tirando do próprio bolso, já que nem empresas nem governo os incentivam. Do ato de entrevistar em si, minha maior dificuldade foi definir quais perguntas deveriam ser feitas para imprimir uma certa continuidade na entrevista. Confesso que isso só não foi mais difícil porque houve a pré-entrevista, que me permitiu identificar momentos-chave da vida do entrevistado. Por isso, considero esse momento como de extrema importância para a elaboração da entrevista final.

- g) Estudante 7** – ALUNO N1 (19), cursando o segundo período de Jornalismo na época, entrevistou o ex-político ENTREVISTADO 35. A estudante escolheu o Modelo de Edição de *Humans of New York*, combinação entre Opinião e Imagem. A foto (*ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores*) não teve a fonte especificada.

Legenda: "Me sinto realizado desde o primeiro dia que me elegeram prefeito de Boa Saúde. Principalmente quando faço um breve relato sobre o que eu construí. Porque eu construí, eu realizei, eu trouxe o ginásio, que não tinha, era necessário estudar fora daqui. Mas quando eu assumi o município, por volta de quarenta dias, consegui fundar o estudo ginásio, os professores eu trazia de Natal, cheguei até a ser professor, motorista e prefeito. E fiz com a maior satisfação. Se o povo reconheceu? Reconheceu, se não, eu não teria sido eleito quatro vezes, isso porque eu trabalhei e trabalhei muito. Por isso digo com o maior orgulho, sem medo de errar, Boa Saúde, ENTREVISTADO 35 construiu, apesar de alguns fecharem os olhos. Isso não importa, pois é uma realização pessoal, eu construí o bem estar para muita gente nesta cidade". (ENTREVISTADO 35)

Relato de Experiência: *Foi uma experiência muito boa, é de grande valia ter contato com a história e visão de mundo de uma pessoa com o triplo da minha idade, com histórias, experiências, pensamentos totalmente diferentes do meu, é impossível não aprender.*

- h) Estudante 8** – ALUNO G (22), cursando o segundo período de Jornalismo, entrevistou a ilustradora ENTREVISTADO 7. O estudante escolheu o Modelo de

Edição de *Humans of New York*, combinação entre Opinião e Imagem. A foto (*ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores*) foi de arquivo pessoal.

Legenda: “Nasci e me criei no interior. O contato com a natureza sempre foi importante para mim, é de lá que vem minha inspiração, deve ser por isso que nunca tive ambição de morar na cidade grande, sempre preferi levar uma vida mais leve e sossegada. Desde criança eu tenho uma vocação para arte, sempre gostei de desenhar, foi por isso que escolhi ser ilustradora. Hoje eu trabalho com ilustração e levo a vida assim, sou bem satisfeita com o que faço, me esforço para aprender a parte técnica sozinha, aqui onde moro não tem curso para isso. As pessoas não compreendem bem o que é ser ilustradora, e por não conhecerem elas pensam que a gente só vive desenhando e não faz nada da vida, sabe? Mas meu pai me apoia, isso já é o suficiente para continuar. Cheguei a cursar pedagogia, aqui mesmo no interior, até me formei, mas não pretendo exercer a profissão, se lá na frente a pedagogia cruzar o meu caminho eu espero que seja para fazer algo útil para alguém. Minha família sempre me ensinou a ajudar o próximo e isso é algo que venho praticando todos os dias, inclusive até criei um projeto na internet para incentivar a empatia, tem faltado isso no mundo. E se tem algo que eu tenho aprendido nessa vida é que “as nossas ações, por menor que sejam, ecoam”. (ENTREVISTADO 7)

Relato de Experiência: *A atividade proposta foi de grande valia para mim. A minha entrevistada era alguém que eu já conhecia sob uma perspectiva profissional, mas sempre tive o interesse de conhece-la mais de perto, afinal sua história me inspira profundamente. A atividade foi uma excelente oportunidade. ENTREVISTADO 7 me inspirou a ser grande, nas pequenas coisas que faço. Dentro de uma perspectiva geral não tive dificuldades complexas, as que surgiram eram pertencentes ao tipo de trabalho, que até então nunca tinha feito.*

- i) **Estudante 9** – ALUNO V (22), cursando o segundo período de Jornalismo, optou por entrevistar a professora ENTREVISTADO 19. O estudante escolheu o Modelo de Edição de *Humans of New York*, combinação entre Opinião e Imagem. A foto (*ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores*) não foi especificada.

Legenda: “Desde criança eu tinha o desejo de ensinar. Ficava admirada em ver apenas uma pessoa manter a ordem numa sala de aula com tantos alunos... eu desejava fazer o mesmo. Quando me aposentei, eu me emocionei por ter alcançado a vitória... não senti tristeza, só senti a alegria da missão cumprida. E fiquei feliz por estar me aposentando ainda, graças a Deus, cheia de vida, com saúde para poder aproveitar esse tempo. Acredito que após a aposentadoria ficou até melhor. Fiquei mais disponível para muitas atividades que antes não tinha como realizar, tais como viajar, visitar os amigos e familiares, conversar, ouvir os outros, cuidar das plantas e da casa, me balançar e dormir de rede na varanda da minha casa. Procuo manter o equilíbrio e a paz interior, pois quando isso acontece por dentro, melhora tudo por fora. Eu Ainda quero fazer muito, aumentar meu círculo de amigos, aprender mais no que diz respeito ao Evangelho de Cristo, fazer o bem sem olhar a quem, amar e perdoar muito. Meus pais e minha irmã foram as maiores perdas da minha vida. É muito difícil lidar com as elas, mas como fala o texto bíblico: “há tempo de ganhar e há tempo de perder”, por isso temos que aprender a administrar as perdas. Nas dificuldades não posso perder a fé nem me entregar a dor. Preciso admitir que tudo isso faz parte e que não devo parar.” (ENTREVISTADO 19)

Relato de Experiência: *Realizar essa tarefa para mim significou muito. Poder fazer um recorte na vida da entrevistada e com isso resumir a sua vida, foi um tanto quanto complexo, porém a experiência foi válida. Poder conhecer o modelo de narrativas biográficas “Humans Of New York” foi bastante interessante. A cada fase do trabalho, fui vencendo um pouco de dificuldades, pois poderia fazer muitas perguntas à entrevistada, mas tive que me limitar ao que era relevante para contar a sua história. Não sei se cheguei ao objetivo desejado, mas, diante do que eu pude conhecer da minha escolhida, acredito ter alcançado o que pretendia.*

- j) Estudante 10** – ALUNO M1 (20), cursando na época o segundo período de Jornalismo, entrevistou o professor ENTREVISTADO 34. O estudante escolheu o Modelo de Edição de *Humans of New York*, combinação entre Opinião e Imagem. A foto (*ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores*) foi de autoria do estudante.

Legenda: “Sempre que você faz uma prospecção, se joga para o futuro, toda vida você faz um balanço do presente e do passado, então, quando eu olho para o meu passado, graças a Deus eu consigo ver coisas boas que eu construí, não só do ponto de vista financeiro, mas do ponto de vista humano. Todas as experiências que eu tive em sala de aula, de relacionamentos, namoros, por exemplo, meu primeiro namoro foi fundamental no meu crescimento. Quando eu olho para trás eu percebo que estou sempre indo numa perspectiva de melhora, embora essa melhora sempre venha carregada nesse retrocesso e volta, mas é nesse ciclo de espiral em busca de algo melhor que a gente consegue perceber que estou melhorando. Eu queria me ver daqui a 30 anos, voltando a tocar, gravar algumas coisas, passar morar em uma casa, sair do apartamento e gostaria de ter um outro filho, um homem, para estabelecer essa comparação de relação de gênero já que já tenho uma menina. Gostaria de dar continuidade aos meus trabalhos na pós-graduação, orientando dissertações e teses, ajudando sobretudo a desenvolver a ciência do nosso país, fazendo pesquisa com esse objetivo, melhorando a minha vida, das pessoas ao meu redor e do mundo. Eu acredito nessa micropolítica que a gente opera que vai expandindo macropolíticas”. (ENTREVISTADO 34)

Relato de Experiência: *Através da experiência e aplicação do método da entrevista e biografia, pude perceber o quão precisamos conhecer mais as pessoas com quem convivemos e com quem nunca vimos. Elas têm histórias incríveis para contar e inspirar, mais que isso, histórias que servem de lição para outras vidas. Entrevistar o ENTREVISTADO 34, ex professor e amigo, foi sensacional, a gente discutiu, brincou e se divertiu muito e eu pude conhecer muitas coisas que eu jamais conheceria, caso não fosse pela execução do trabalho. Adorei a experiência e quero fazer mais vezes.*

5.3 O RELATO DE EXPERIÊNCIA NO MODELO ABERTO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO

Com relação aos relatos de experiência, ficam evidentes dois aspectos: a Transparência Biográfica e a Autoavaliação Final. A transparência do biógrafo é um dos pontos levantados por Vilas Boas (2008, p. 187 apud Edel, 1990, p. 53), que revela a importância da aparição do “eu” no relato biográfico para estar clara a proposição biográfica de uma verdade que é dita por alguém, nesse caso o biógrafo:

O biógrafo trabalha à luz de seus recursos particulares e de sua inteligência, porém dificilmente pode evitar suas próprias emoções e empatias; isto é, sua capacidade de empreender a aventura de descobrir as emoções de seu sujeito

em uma expressão escrita ou verbal, e no seu desempenho. Quanto maior o domínio do biógrafo sobre a realidade, mais real será seu retrato criado. Tem assimilado em sua consciência muitíssimos documentos a respeito da vida do outro. O livro que resultará deve ser sua visão, sua forma, sua imagem (VILAS BOAS, 2008, p. 187 apud EDEL, 1990, p. 53).

Dessa forma, os detalhes que não ficaram aparentes na narrativa biográfica final são importantes para serem avaliados. “Eu diria que os detalhes do *making of* também ajudam a dar transparência à narrativa biográfica” (VILAS BOAS, 2008, p. 188). Sendo assim, o primeiro aspecto nos ajuda também a chegarmos ao segundo deles, que é a Autoavaliação Final de cada estudante sobre a atividade realizada. Barbosa e Cunha (2013) destacam a importância de práticas de avaliação formativa para estudantes de Jornalismo em Recife (Pernambuco).

Através da aplicação de questionários abertos com 52 estudantes de Jornalismo do 2º, 4º, 6º e 8º período de uma Instituição de Ensino Superior (IES) de Recife, questionou-se se “Mesmo inseridos em sistemas que trabalham sob a perspectiva construtivista, os estudantes reconhecem as responsabilidades particularizadas ou ainda observam o professor como detentor do saber?”. A análise dos questionários foi feita a partir da Análise do Discurso (AD). Entre as conclusões da pesquisa está:

Com o estudo, espera-se não somente melhorar o estado de entendimento sobre as práticas avaliativas construtivas, mas também, promover a reflexão sobre a prática. Isso induz o reconhecimento de novas práticas didático-pedagógicas, e ainda a necessidade do professorado universitário de Jornalismo entender que atualmente não é possível estar em sala de aula sem considerar a autonomia discente, mesmo que esses, por diversos momentos, deixem expor a fragilidade na sua postura (BARBOSA e CUNHA, 2013, p. 12).

Mesmo tendo como corpus estudantes de Jornalismo de Recife, podemos ampliar essa compreensão para uma realidade encontrada nas faculdades de Jornalismo pelo Brasil. Há uma ausência de autonomia do discente no ensino e aprendizado sobre Jornalismo. Por isso, através dos relatos de experiência também avaliamos se o modelo cumpre a função de despertar no estudante certa autonomia no ensino e aprendizagem das narrativas biográficas.

Por fim, na amostragem de análise temos as narrativas biográficas de estudantes que produziram pela primeira vez uma narrativa biográfica. Como quase todos os alunos estavam no segundo período de Jornalismo e as disciplinas iniciais são voltadas para conteúdos teóricos, é justificável o fato de o Modelo ter inaugurado a produção biográfica dos estudantes da turma de Jornalismo. Porém, surge o questionamento se esse teria sido o início ideal de

apresentação da narrativa biográfica aos estudantes. De toda forma, como apresentado no capítulo 4 desta dissertação, o objetivo da produção biográfica não foi produzir narrativas biográficas perfeitas, mas narrativas biográficas reais, que possibilitem o ensino e aprendizagem desse tipo de conteúdo nas aulas de Jornalismo.

Sendo assim, diante da amostragem da pesquisa Perfis em Rede, chegamos aos três grupos apresentados: Grupo 1 – Estudantes que escolheram familiares de primeiro grau; Grupo 2 – Estudantes que optaram por amigos ou conhecidos; Grupo 3 – Estudantes que escolheram personagens que admiram. Porém, muito mais do que categorizar os entrevistados aplicados ao Modelo Aberto, concluímos que as permutações ocorrem em diferentes níveis em cada um desses grupos, como explicado. Logo, no Grupo 1 a permutação entre as identidades é nítida, já que ao contarem as histórias dos seus pais e mães os estudantes contam também sobre suas próprias histórias. No Grupo 2, as permutações entre as identidades são marcadas entre a expectativa que se faz e aquilo que de fato se encontra. Por fim, no Grupo 3 em que as permutações estão marcadas pelo sentimento de paixão por parte das narrativas biográficas pesquisadas, sobre essas não podemos enfatizar que os estudantes alcançaram o diálogo possível mas assim buscaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa “Perfis em Rede” foi desenvolvida durante o período de dois anos, no que se refere ao processo de revisão bibliográfica, produção de dados e escrita desta dissertação. O objetivo principal consistiu em propor um modelo de construção de narrativas biográficas que levasse o narrador (estudante de jornalismo) à reflexão das permutações que ocorrem entre a sua identidade e a identidade do narrado, ou seja, personagem submetido à aplicação do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo. Para isso, construímos o dispositivo-função que chamamos de Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo, com a intenção de elucidar ao questionamento principal: “Como as identidades narrativas de narrador, estudantes de Jornalismo, e narrado, personagens aplicados ao Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo, se permutam na construção de narrativas biográficas no Jornalismo?”.

Dessa forma, esta dissertação apresenta alguns resultados principais, em consonância com as proposições iniciais escritas na problemática desta pesquisa, que são os eixos: 1. O ensino e aprendizagem de narrativas biográficas para estudantes de Jornalismo; 2. A narrativa biográfica como prática social. 3. A mediação do público nas histórias de vida. Os resultados apresentados a seguir mostram-se como caminho para tensionar as permutações entre as identidades narrativas, que percorrem esse mesmo itinerário.

O plano de atuação da pesquisa “Perfis em Rede” é a sala de aula. Durante o processo de aplicação do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo com a turma de Sociologia da Comunicação do departamento de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pontuamos que o dispositivo-função, que é o Modelo Aberto, foi sendo aperfeiçoado ao longo do tempo. A pesquisadora tinha em mãos dois universos humanos a administrar: de alunos e dos entrevistados de alunos. Dessa forma, ao assumir duplas variáveis, a principal consequência foi o aperfeiçoamento do Modelo durante o processo de manutenção da própria atividade.

Além disso, no processo de ensino e aprendizagem das narrativas biográficas com estudantes de Jornalismo, verificamos também o avanço cognitivo dos alunos no decorrer da atividade. A prática da entrevista biográfica, como também da escrita das narrativas biográficas, despertou nos alunos novos saberes sobre os conceitos de Narrativa e Jornalismo. Ao fim da atividade, constatamos que os discentes aprenderam muito mais do que produzir narrativas biográficas perfeitas, mas foram sensibilizados sobre as histórias de vida e o papel

do jornalista na confecção desses textos sociais. Então, observamos que houve um duplo ganho: no ensino, com o aperfeiçoamento do modelo, e na aprendizagem com o aumento cognitivo.

Ainda com relação ao ganho cognitivo dos estudantes, despertamos para a importância crucial de duas fases ao longo do processo, que são a Fase 2 do Mapa de Interação e a produção do Relato de Experiência. As duas etapas inseriram os estudantes na prática pedagógica da autoavaliação, sendo instrumentos imprescindíveis aos alunos para ressignificar o percurso de aprendizagem das narrativas biográficas, como também à pesquisadora para melhor analisar as narrativas finais apresentadas no capítulo 5 desta dissertação.

O segundo eixo de resultados da pesquisa “Perfis em Rede” é a narrativa biográfica como prática social disponível ao jornalista. A biografia surge como parte da experiência do relato de vida expressa na História e na Literatura, passa a ser utilizada como ferramenta metodológica nas Ciências Sociais e é incorporada como formato de narrativa pelo Jornalismo. Através deste trabalho, podemos ampliar o repertório gerado pela intersecção entre Jornalismo e Narrativa, despertando o caminho para novos saberes relativos ao tema.

Entretanto, observamos, a partir da reflexão teórica disponível no capítulo 2 desta dissertação, também uma diluição dos formatos narrativos para a compreensão da narrativa biográfica como uma disposição de comunicar o tempo presente. Nas redes sociais digitais, o usuário fala de si, como também as fontes de informações utilizam tantas vezes os relatos dos outros ou mesmo emulam seus jornalistas a produzirem seus próprios relatos sobre a realidade. Seria, então, o tempo de investigarmos outras disposições narrativas, oriundas agora de um novo cenário digital e de uma nova demanda social.

Com relação à mediação do público no processo de construção das narrativas biográficas não foi possível mensurá-la nesta pesquisa, já que esse eixo não foi totalmente despertado em nenhuma das fases do Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo. Sendo assim, nos cabe ainda ampliar essa investigação, abordando, então, um novo questionamento: “Como o público está permutado na construção de narrativas biográficas midiáticas?” Ou ainda, “Que história a mídia tem nos contado sobre nós mesmos?”.

Dessa forma, diante da questão-problema desta dissertação, “Como as identidades narrativas de narrador, estudantes de Jornalismo, e narrado, personagens aplicados ao Modelo

Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo, se permutam na construção de narrativas biográficas no Jornalismo?”, concluímos que as permutações são simbólicas e acontecem principalmente nas etapas do modelo que fazem os narradores olharem para si, como a Fase 2 e os Relatos de Experiência. Então, as permutações não ocorrem na narrativa do narrado, mas principalmente na narrativa do narrador. Ao mesmo tempo em que a Fase 3 - O Encontro Dialógico possibilita o “Diálogo Possível” previsto em Medina (2001), a Fase 2 do Modelo Aberto e o Relato de Experiência mostram ao narrador que, como pontua Vilas Boas (2002, 2003, 2008, 2014), a narrativa biográfica é sempre a versão do biógrafo sobre o biografado.

Logo, o Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo, utilizado como dispositivo-função da pesquisa “Perfis em Rede”, nos apontou que a produção de narrativas biográficas requer do narrador a mínima consciência do seu papel enquanto mediador da construção de uma história de vida. Por isso, faz-se necessárias etapas de autoavaliação, processo que não necessita estar formalizado, mas pode estar condicionado na espera entre dois momentos de entrevista, a pré-entrevista e a entrevista final. Dessa forma, o tempo entre as entrevistas mostra-se indispensável na construção de narrativas biográficas, possibilitando ao narrador voltar, em um segundo momento, ao narrado com novas disposições de perguntas até então não formuladas, como também avaliar-se sobre as permutações ocorridas entre a sua identidade e a identidade do narrado.

REFERÊNCIAS

- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BAL, Mieke. **Teoria de la narrativa: uma introducción a la narratología**. Madrid: Cátedra, 2001.
- BARBOSA, Diógenes José Pereira; CUNHA, Kátia Silva. Estudantes de Jornalismo e as práticas de Avaliação Formativa: Um estudo de caso sobre a percepção discente de como esses contribuem com o aprendizado. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36, 2013, Manaus. **Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0278-1.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo**. Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação. Brasília, DF, 2009. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013 com instituição para as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado**. Brasília, DF, 2013. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 18 fev. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais Dos Cursos De Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia**. Brasília, DF, 2001. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 18 de fev. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **La misere de monde**. Paris: Seuil, 1993.
- _____. A ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 183-191.
- _____. (Coord.) **A miséria do mundo**. Tradução Mateus S. Soares Azevedo. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- _____. **Esboço de auto-análise**. Tradução Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CEARTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DANTAS, José Guibson Delgado. Teoria das Mediações Culturais: uma Proposta de Jesús Martín-Barbero para o Estudo de Recepção. In: CONGRESSO DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE, 10, 2008, São Luís. **Anais do X Congresso das Ciências da Comunicação da Região Nordeste**. São Luís: Intercom, 2008. Disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0015-1.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Narrativas Pessoais Midiatizadas: uma proposta para o estudo de práticas orientadas pela mídia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.18, n.1, p. 198-211, jan./abr. 2011. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/famecos/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/8806/6170>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

FERRAROTTI, Franco. **Histoire et histoire de vie**: La méthode biographique em sciences sociales. Trad. Marianne Modak. Paris: Méridiens Klincksieck, 1983.

FOLHA DE SÃO PAULO. Manual da Redação - Folha de São Paulo. São Paulo: PubliFolha, 2001.

GARCIA, Luiz. **O Globo**: manual de redação e estilo. São Paulo: Editora Globo, 2001.

GOMES, Marcelo. Biografia e Subjetividade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 3, 2008, Natal. **Anais do Congresso Internacional Sobre Pesquisa Auto (biográfica)**. Natal: UFRN, 2008. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-gomes-entrevista.pdf>>. Acesso em: 10 fev 2017.

_____. Hermenêutica e Comunicação: apontamentos para uma teoria narrativa da mídia.

Revista Comunicação Midiática, v.7, n.2, p. 26-46, maio/ago. 2012. Disponível em:<

<http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/181/128>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

LISBOA, Marcos José Alves. O conceito de Identidade Narrativa e Alteridade na Obra de Paul Ricoeur: aproximações. **Impulso**, Piracicaba, v. 23(56), p. 99-112, jan./abr. 2013.

Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/1089/1133>>.

Acesso em: 28 ago. 2017.

LIMA, Kassandra Merielli Lopes. Os relatos pessoais da cidade: as micronarrativas de Humans of New York. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA CULTURA CULTURA DAS IMAGENS,10, 2014, Recife. **Anais do Seminário Internacional Imagens da Cultura das Imagens**. Recife: UFPE, 2014. Disponível em:<

<http://anais.icci.edumatec.net/index.php/artigos/item/os-relatos-pessoais-da-cidade-as-micronarrativas-de-humans-of-new-york>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

LOWENTHAL, Leo. The triumph of mass idols. In: _____. **Literature, popular culture and society**. Palo Alto: Pacif Books, 1961, p.115.

MAIA, Marta Regina. A História Oral como recurso metodológico na entrevista jornalística. **Contracampo**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 137-150, 2006. Disponível em:<

<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/550/316>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

MARTINEZ, Mônica. **A Jornada do Herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Prefácio de Néstor García Canclini. Tradução Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. Diversidade em Convergência. **Revista Matrizes**, São Paulo, v.s, n.2, p.15-33, jul./dez. 2014. Disponível em: <

<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/90445/93215>>. Acesso em: 9 mar. 2017.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista**: O diálogo possível. São Paulo: Ática, 2001.

MENDES, André Melo; SILVEIRA, Fabrício José N. da; TAVARES, Frederico de Mello B. Identidade. **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS):** Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação, Belo Horizonte: Selo Ppgcom-UFMG, p.149-157, 2014.

Disponível em: <

www.seloppgcom.fafich.ufmg.br/index.php/seloppgcom/catalog/download/7/2/45-1?>.

Acesso em: 30 ago. 2017.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **Revista Contracampo**, v. 36, n.12, jan./jul. 2005. Disponível em: <

<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/557/324>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

_____. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **Revista Eletrônica E-compós**, v.1, ed. 1, p. 1-26, dez/2004. Disponível em:<

<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/8/9>>. Acesso em: 18 fev.

2018.

MURDOCK, M. **The Heroine's Journey: Woman's quest for wholeness.** New York: Shambala, 1990.

PASSEGI, Maria da Conceição. Pierre Bourdieu: da “ilusão” à “conversão autobiográfica”. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 41, p. 223-235, jan/jun. 2014. Disponível em:<

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/838/594>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PENA, Felipe. Biografias em fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis.

Revista Fronteiras, São Leopoldo, v.1, p.79-89, janeiro/junho 2004. Disponível em: <
<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6579>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

_____. **Teoria do Jornalismo.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **Histórias de vida.** Tradução Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passegi. Natal: EDUFRN, 2012.

RESENDE, Fernando. **O jornalismo e suas narrativas:** as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009. Disponível em: <
<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/2629/1671>>. Acesso: 18 fev. 2018.

SEIXAS, Lia. **Gêneros Jornalísticos digitais:** um estudo das práticas discursivas no ambiente digital. São Bernardo do Campo: Compós, 2003. CD-ROM.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de Comunicação. **Revista Novos Olhares**, São Paulo, n. 2, p. 37-49, jun/dez 1998. Disponível em:<

<https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/download/51386/55453>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

RICOEUR, Paul. **Temps et récit.** Paris: Le Seuil, 3 tomes, 1983- 1984 – 1985.

_____. **O si-mesmo como um outro.** Tradução Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

THOMAS, William; ZNANIECKI, Florian. **Le paysan polonais em Europe et em Amérique**: Récit de vie d'un migrant. Prefácio de P. Tripier. Paris: Nathan, (New York, 1^a. ed., 1918), 1998.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Biografismos**: reflexões sobre as escritas da vida. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

APÊNDICE A – MAPA DE CONTEXTO SOCIAL (FORMULÁRIO)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

JORNALISMO/RADIALISMO

SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

DOCENTE: PROFESSOR MARCELO DR. BOLSHAW

DOCÊNCIA ASSISTIDA: KASSANDRA LOPES

MODELO ABERTO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO

O objetivo deste MODELO ABERTO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO é observar como os alunos das habilitações de Jornalismo e Rádio e TV do curso de Comunicação Social de UFRN (entrevistador) assumem novas identidades biográficas a partir do contato com os biografados (entrevistado). A proposta da atividade é a escolha voluntária por parte dos estudantes de um entrevistado que seja submetido ao método do mapa sociológico de Gomes (2008), com auxílio da Jornada do Herói de Martinez (2008) e interferências indiretas do modelo de construção narrativa de *Humans of New York*, tema da dissertação de Lima (2014).

Fase 1) Mapa de Contexto social: A primeira fase da entrevista feita sem gravação, ou como podemos chamá-la, pré-entrevista. Os estudantes realizarão os apontamentos a partir dos eixos de mediação.

Nome/Idade/Contato

a) Cotidianidade Familiar:

Como é sua relação com seus familiares?

b) Atemporalidade Social:

Como foi a escolha da sua profissão/curso/atividade profissional?

- c) Competência cultural:
O que você faz para construir um mundo melhor?

Relato de Experiência: Descreva em 5 linhas como foi a realização da atividade.

REFERÊNCIAS:

GOMES, Marcelo. Biografia e Subjetividade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 3, 2008, Natal. **Anais do Congresso Internacional Sobre Pesquisa Auto (biográfica)**. Natal: UFRN, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-gomes-entrevista.pdf>>. Acesso em: 10 fev 2017.

MARTINEZ, Mônica. **A Jornada do Herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

APÊNDICE B – MAPA DE INTERAÇÃO (FORMULÁRIO)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

JORNALISMO/RADIALISMO

SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

DOCENTE: PROFESSOR MARCELO DR. BOLSHAW

DOCÊNCIA ASSISTIDA: KASSANDRA LOPES

MODELO ABERTO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO

O objetivo MODELO ABERTO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO é observar como os alunos das habilitações de Jornalismo e Rádio e TV do curso de Comunicação Social de UFRN (entrevistador) assumem novas identidades biográficas a partir do contato com os biografados (entrevistado). A proposta da atividade é a escolha voluntária por parte dos estudantes de um entrevistado que seja submetido ao método do mapa sociológico de Gomes (2008), com auxílio da Jornada do Herói de Martinez (2008) e interferências indiretas do modelo de construção narrativa de Humans of New York, tema da dissertação de Lima (2014).

Fase 2) Mapa de Interação (Relação entrevistador - entrevistado) - Autoavaliação do entrevistador a partir dos eixos: interseção, contradição, contraste e ambientação. A segunda fase para a construção de narrativas biográficas com aplicação de um formulário autoavaliativo. A autoavaliação antecede a entrevista final possibilitando uma análise prévia por parte do entrevistador sobre a sua condução narrativa.

Nome:

Idade: _____ **Semestre:** _____ **Curso:** _____

1) Por que você escolheu esse entrevistado?

2) O que torna esse perfil diferente dos demais feitos por você?

3) Você encontrou dificuldades para sintetizar o perfil do entrevistado em uma única temática? Por exemplo: “Ele não só foi romancista, teatrólogo, professor do ponto de vista profissional, mas também amigo, pai, aluno, irmão, marido, filho, amante, cidadão e muitas outras facetas” (GOMES, 2008, p.4). Como você resolveu esse problema em termos de construção textual?

4) Qual foi a importância dessa biografia para a sua vida?

APÊNDICE C – O ENCONTRO DIALÓGICO (ORIENTAÇÕES USADAS EM SALA DE AULA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

JORNALISMO/RADIALISMO

SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

DOCENTE: PROFESSOR MARCELO DR. BOLSHAW

DOCÊNCIA ASSISTIDA: KASSANDRA LOPES

MODELO ABERTO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO

O objetivo MODELO ABERTO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO é observar como os alunos das habilitações de Jornalismo e Rádio e TV do curso de Comunicação Social de UFRN (entrevistador) assumem novas identidades biográficas a partir do contato com os biografados (entrevistado). A proposta da atividade é a escolha voluntária por parte dos estudantes de um entrevistado que seja submetido ao método do mapa sociológico de Gomes (2008), com auxílio da Jornada do Herói de Martinez (2008) e interferências indiretas do modelo de construção narrativa de *Humans of New York*, tema da dissertação de Lima (2014).

Fase 3) O Encontro Dialógico - Utilização do método da biografia humana através do estudo dos Setênios. A terceira fase materializa-se com a realização das entrevistas, já gravadas, e perguntas previamente formuladas a partir daquilo visto na primeira fase. Nessa fase do mapa sociológico, os estudantes farão a entrevista em definitivo, que poderá ter auxílio de dispositivos móveis (ou gravadores eletrônicos) e, a partir daquilo que já foi coletado na pré-entrevista, os alunos formularão perguntas diretas aos entrevistados. O objetivo dessa fase é compreender aquilo que ficou vazio na fase da pré-entrevista, como também potencializar de forma mais íntima aspectos da história de vida do biografado de forma a tornar mais fidedigno o relato.

0 – 21 anos: A fase de formação com a crise de socialização (0-7), a crise de identidade (7-14) e a crise de sexualidade (14-21).

□ Crise de socialização (0-7):

Como foi seu nascimento? O parto foi natural, induzido, maduro ou prematuro? Você foi um filho planejado, pouco ou muito esperado? Havia problemas presentes no ambiente familiar na ocasião do seu nascimento? Você é o primeiro, segundo filho? Por que recebeu este nome? (Assim por diante, p. 154).

□ Crise de Identidade (7-14):

Com quantos anos você foi para a escola? Gostava das atividades escolares? E das pessoas? Quais foram suas matérias preferidas? Com quais teve dificuldade? Você era atencioso ou distraído, ativo ou não afeito a atividades, rápido ou lento? (Assim por diante, p. 159/160).

□ Crise de sexualidade (14-21):

Quando você percebeu as mudanças físicas em seu corpo? Como foi o despertar sexual? Homossexual? Heterossexual? Passou por doenças, acidente, uso de drogas ou medicamentos nesse período? Teve depressões, crises de raiva ou ideias de suicídio? (Assim por diante, p. 162/163).

22 – 42 anos: A fase de plenitude com a alma da sensação (21-28), a alma do intelecto (28-35) e a alma da consciência (35-42).

□ A fase de plenitude com a alma da sensação (21-28):

Pergunta básica: Qual a minha vivência no mundo? Desafio: equilibrar altos e baixos, adquirir segurança, ser aberto e não preconceituoso, aprender a respeitar as diferenças entre parceiros. (Perguntas nas páginas 167 e 168).

□ A alma do intelecto (28-35):

Pergunta básica: Qual a ordem do mundo e como organizar a si? Desafio: equilibrar a razão e a emoção; aprender a ser mais companheiro e compreensivo nos relacionamentos. (Perguntas na página 171).

□ A alma da consciência (35-42):

Pergunta básica: como o mundo é realmente e como encontrar minha realidade? Desafio: encontrar um ritmo adequado para atender as necessidades do mundo exterior e o bem-estar físico; aceitar os limites em si e nos outros; desenvolver amor incondicional no relacionamento. (Perguntas página 166/167)

43 – 63 anos: Declínio biológico com a segunda crise de sexualidade (42-49), a segunda crise de identidade (49-56) e a segunda crise de socialização (56-63).

□ Declínio biológico com a segunda crise de sexualidade (42-49):

Pergunta básica: Qual minha contribuição ao mundo? Desafio: Incorporar o aspecto espiritual às demandas materiais e encontrar novos valores no mesmo relacionamento. Perigo: Tentar

manter o ritmo de vida dos ciclos anteriores; Viver uma segunda adolescência, buscando a juventude por meio do carro do ano, dos parceiros mais jovens, de novos filhos. (Perguntas nas páginas 180/181)

- A segunda crise de identidade (49-56):

Pergunta básica: O que conseguiu realizar? O que ainda quero fazer? Desafio: Aprender a ter paciência consigo e com os outros. (Perguntas página 183);

- A segunda crise de socialização (56-63):

Pergunta básica: O que conseguiu realizar? Desafio: Ter paciência consigo e com os outros, o que ainda quer desenvolver? (Perguntas página 185).

REFERÊNCIAS:

MARTINEZ, Mônica. **A Jornada do Herói:** a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

APÊNDICE D – EDIÇÃO FINAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

JORNALISMO/RADIALISMO

SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

DOCENTE: PROFESSOR MARCELO DR. BOLSHAW

DOCÊNCIA ASSISTIDA: KASSANDRA LOPES

MODELO ABERTO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO

O objetivo deste **MODELO ABERTO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO** é observar como os alunos das habilitações de Jornalismo e Rádio e TV do curso de Comunicação Social de UFRN (entrevistador) assumem novas identidades biográficas a partir do contato com os biografados (entrevistado). A proposta da atividade é a escolha voluntária por parte dos estudantes de um entrevistado que seja submetido ao método do mapa sociológico de Gomes (2008), com auxílio da Jornada do Herói de Martinez (2008) e interferências indiretas do modelo de construção narrativa de *Humans of New York*, tema da dissertação de Lima (2014).

FASE FINAL) ENTREGAREMOS O TEXTO FINAL, COM BASE NA EDIÇÃO DE UMA DAS TRÊS ABORDAGENS DE HUMANS OF NEW YORK, UTILIZANDO COMO MATERIAL TODO O PERCURSO DE ENTREVISTAS (PRÉ-ENTREVISTA E ENTREVISTA FINAL). OLHAR EM DETALHES AS ABORDAGENS NO SLIDE DA AULA 24/10.

A) **COMBINAÇÃO ENTRE DIÁLOGO E IMAGEM:** Um diálogo (pergunta e resposta) estabelecido por entrevistador e entrevistado sobre qualquer aspecto da sua vida. **MÁXIMO DE 15 LINHAS.**

B) **COMBINAÇÃO ENTRE OPINIÃO E IMAGEM:** Uma opinião do entrevistado sobre assunto escolhido pelo entrevistador sobre qualquer aspecto da vida do entrevistado. MÁXIMO DE 15 LINHAS.

C) **COMBINAÇÃO ENTRE FALA E IMAGEM:** Uma opinião do entrevistador sobre assunto escolhido pelo entrevistador sobre qualquer aspecto da vida do entrevistado. MÁXIMO DE 15 LINHAS.

**ATIVIDADE FINAL DA SEGUNDA UNIDADE DE SOCIOLOGIA DA
COMUNICAÇÃO**

Nome do entrevistado: _____

Nome do entrevistador: _____

Idade: _____ Ocupação: _____ Nacionalidade: _____

- 1) QUAL DAS TRÊS ABORDAGENS DE HUMANS OF NEW YORK FOI ESCOLHIDA E POR QUÊ?
- 2) INCLUA AQUI O LINK DO YOUTUBE (PARA ALUNOS DE RÁDIO E TV) (MÁXIMO 5 MINUTOS)!
- 3) RELATO DA EXPERIÊNCIA: O QUE ESSA ATIVIDADE (INCLUINDO AS TRÊS FASES) SIGNIFICOU PARA VOCÊ?

APÊNDICE E – TERMO DE AUTORIZAÇÃO E USO DE IMAGEM



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, CPF _____, RG _____,

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores (em nome do Prof. Dr. Marcelo Gomes Bolshaw) da disciplina de Sociologia da Comunicação (Com código COM0160, curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte) a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

Natal, ___ de _____ de 2016.

 Pesquisador responsável pelo projeto

 Sujeito da Pesquisa

APÊNDICE F – PRINT DO SITE PERFIS EM REDE



PERFIS EM REDE

A NARRATIVA BIOGRÁFICA
COMO FERRAMENTA DE
APRENDIZAGEM COM
ESTUDANTES DE JORNALISMO

[Perfis em Rede](#) | [As Narrativas](#) | [O projeto](#) | [Quem somos](#)



PERFIS EM REDE

A NARRATIVA BIOGRÁFICA
COMO FERRAMENTA DE
APRENDIZAGEM COM
ESTUDANTES DE JORNALISMO

[Perfis em Rede](#) | [As Narrativas](#) | [O projeto](#) | [Quem somos](#)

As Narrativas



"Se eu tivesse que voltar atrás, eu não acreditaria, não confiaria tanto igual eu confiei em todo mundo. Mas não me arrependo de nada, acho que tudo já estava escrito bem direitinho."

Ana Emília de Melo Sampaio Maia, 30 anos
Por Ana Paula de Melo Sampaio Maia



PERFIS EM REDE

A NARRATIVA BIOGRÁFICA
COMO FERRAMENTA DE
APRENDIZAGEM COM
ESTUDANTES DE JORNALISMO

[Perfis em Rede](#) | [As Narrativas](#) | [O projeto](#) | [Quem somos](#)

O projeto

Com auxílio da Entrevista Biográfica de Gomes (2008), dos elxos de mediação de Martín-Barbero (1997) e da jornada do herói para narrativas reais em Martínez (2008), promovemos em 2016.2 a aplicação de um Mapa Sociológico para a Construção de Narrativas Biográficas na turma de Sociologia da Comunicação do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

O objetivo deste mapa foi observar como os alunos (entrevistador) assumem novas identidades biográficas a partir do contato com os biografados (entrevistado). A proposta da atividade foi a escolha voluntária, por parte dos estudantes, de um anônimo para ser submetido ao método.



PERFIS EM REDE

A NARRATIVA BIOGRÁFICA
COMO FERRAMENTA DE
APRENDIZAGEM COM
ESTUDANTES DE JORNALISMO

[Perfis em Rede](#) | [As Narrativas](#) | [O projeto](#) | [Quem somos](#)

Quem somos

Marcelo Bolshaw - Professor doutor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Ppgem/UFRN).
marcelobolshaw@gmail.com

Kassandra Lopes - Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Ppgem/UFRN).
kassandramlopes@gmail.com

APÊNDICE G – TABELA COM PERGUNTAS E RESPOSTAS POR ENTREVISTADO NA FASE 1 DO MAPA DE CONTEXTO SOCIAL

	Questão 1 (Como é sua relação com seus familiares?)	Questão 2 (Como foi a escolha da sua profissão/curso/atividade profissional?)	Questão 3 (O que você faz para construir um mundo melhor?)
ENTREVISTADO 1	“É boa, mas a distância, porque eles moram em outro estado. A gente se fala mais no grupo do whatsapp.”	“Foi através de um concurso, de serviço publico. Era um concurso federal. Eu passei e esse foi meu primeiro emprego formal.”	“No meu trabalho eu atendo pessoas dando a oportunidade a eles de usufruir dos seus direitos e como pastor, eu ensino a Bíblia.”
ENTREVISTADO 2	<p>“Eu acho que família é a base de qualquer pessoa e eu preservo muito a questão</p> <p>“família”. Eu acredito que eu consiga manter um bom relacionamento com os meus familiares, sempre buscando de alguma forma trazê-los para junto, para o convívio. E para mim isso é necessário, porque do que adianta tu ser legal com um amigo e com um familiar tu ser uma péssima pessoa? Então, que pessoa é essa? Família é justamente para</p>	<p>“A minha questão acadêmica não foi exatamente um sonho que eu almejei, foi uma oportunidade. Foi uma porta que Deus abriu para mim e eu acho que portas abertas, temos que entramos e permanecemos e sair, sair de cabeça erguida.</p> <p>Eu acho que tu tens de começar e terminar, eu não me arrependo, sabe? E foi uma oportunidade que eu tive e abracei. E quando nós abraçamos as oportunidades, os sonhos vêm. E a</p>	<p>“Nossa, isso é uma pergunta muito difícil! Pois assim, para a gente construir um mundo melhor, a gente tem que construir primeiro o nosso mundo, primeiro o nosso eu e é o que eu tento fazer todos os dias, aquela questão mesmo de “reforma íntima”. Eu acho que se eu conseguir aos poucos tentar fazer a minha reforma íntima, aí eu consigo fazer um mundo melhor. Porque na hora que eu paro e me avalio e tento ser melhor e ser melhor com o próximo, tentar cuidar dele, eu acho que eu consigo fazer um</p>

	<p>“você recuperar laços e recuperá-los também.</p> <p>E mesmo quando existe algum problema, nós temos que superar, eu acho que é isso, mantenho sim um bom relacionamento com os meus familiares.”</p>	<p>força de vontade vem junto, é mais ou menos</p> <p>isso. E assim, eu consegui concluir o curso e estou em busca de um emprego.</p> <p>Estou em busca de uma oportunidade no mercado de trabalho.”</p>	<p>mundo melhor. Eu preciso estar em paz para poder passar essa paz, eu preciso ter luz para passar essa luz, entendes?”.</p>
ENTREVISTADO 3	<p>“Minha relação com meus familiares não é das piores, diria até que pra alguém que é militante e vive no mundo sem tempo de parar em casa ou visitar alguém minha relação é ótima”.</p>	<p>“Hoje curso enfermagem e acredito que optei não por um curso, mas por uma área. Eu queria entrar em um curso da saúde independente do que fosse. Essa minha decisão se deu principalmente pela minha vivencia de hospital ainda quando criança. Nasci com um problema cardíaco que me levava a me internar de 1 a 2 vezes no ano. Essa foi minha vida até os 15 (anos) quando fiz minha cirurgia cardíaca de correção do problema. Viver doente era um fardo, mas no ambiente hospitalar não”.</p>	<p>“Não tenho muito o que dizer, sou militante de um movimento social desde os 17 anos, e ser militante é viver constantemente construindo esse mundo melhor, é pegando a raiz do problema, construindo novos valores...enfim é isso”.</p>
ENTREVISTADO 4	<p>Bom, a minha relação com meus familiares é um tanto complexa, pois somos (a família) muito individualistas, mas</p>	<p>No meu caso, quando eu era criança amava os animais (queria ser biólogo, mas meu professor me desencorajou), então</p>	<p>Tento sempre orientar e sensibilizar as pessoas para seus direitos e a exercerem sua cidadania plena, além de ajudar na medida do possível em</p>

	<p>sempre falo o que faço, pra onde vou, com quem vou, porém algumas coisas não informo que vou fazer, vou lá e faço (quando comprei meu carro, não havia dito a ninguém).</p>	<p>resolvi ser da área da saúde, então resolvi ser veterinário, entretanto o destino me pregou uma peça e fiquei misteriosamente doente e vivia internado, foi quando me apaixonei pela medicina convencional (humana), mas devido a vários fatores, não tive como realizar esse sonho naquele momento. E iniciei um curso técnico em radiologia, em seguida consegui uma bolsa para cursar direito, depois biomedicina e hoje estou me preparando para cursar medicina, mas o que me motiva é a vontade de ajudar as pessoas que tem ou terão os mesmos problemas de saúde que tive. Entretanto hoje, trabalho como corretor de imóveis e analista de crédito, ajudando as pessoas a realizarem o sonho da casa própria através do programa minha casa minha vida.</p>	<p>projetos de cunho social que visem a coletividade onde geralmente atuo como voluntario. Ainda não escrevi nenhum livro, mas já planejei e ajudei a distribuir algumas mudas de arvores.</p>
ENTREVISTADO 5	Durante a infância a presença foi maior do que na fase	O sonho dela sempre foi ser educadora física de	“Eu ensino os meus filhos a respeitar o próximo. A

	<p>adulta. Segundo ENTREVISTADO 5, quando se é adulto há um afastamento maior. “A pessoa casa, tem filhos, vai morar sozinho em outro lugar...”, explica. Apesar disso, considera que sua relação hoje é boa. Caso precisem, eles se ajudam.</p>	<p>criança, mas a oportunidade faltou – vieram mudanças de cidade, separação e filhos. “A necessidade me obrigou a escolher o que eu vivi”, contou. Ainda assim, ela pretende realizar seu sonho e concluir o curso que tanto desejou.</p>	<p>humanidade precisa de respeito. Respeito é necessário para construir tudo. Também os ensino que eles devem respeitar e impor seu direito de serem respeitados”.</p>
<p>ENTREVISTADO 6</p>	<p>Tenho um relacionamento harmonioso, tenho uma família muito pequena. Hoje minha família é minha mãe e meus dois filhos. Posso dizer que eles são a minha melhor parte.</p>	<p>Desde menina tive uma grande influência da minha irmã na construção da minha personalidade, nossa diferença de idade é pequena, apenas 1 ano e meio, mesmo assim a minha irmã portava de uma maturidade nada padrão para uma menina de 6 anos. Ela simplesmente plantou a arte na minha vida. Hoje sou técnica em eventos, sou artesã(minha paixão), trabalho com decoração de eventos e produzo peças artesanais para as decorações. A humanidade que corre nas minhas veias me levou a desenvolver minhas atividades no setor de RH da secretaria de saúde de Parnamirim, o contato com os servidores, o poder</p>	<p>Um mundo melhor pra mim é quando você se coloca no lugar do outro, viver genuinamente a felicidade, a alegria, a tristeza, a angústia, pelo outro, com respeito. Acredito que o mundo precisa verdadeiramente com mais humanidade na veia. Compartilho dessa humanidade, assim me renovo para o dia seguinte.</p>

		<p>ajudar é renovador para os meus dias. O curso de jornalismo surgiu depois da minha primeira experiência profissional, foi em uma emissora de rádio, foi um mundo de descoberta, contatos com outros meios, o nascimento de grandes amizades, foi despertando o interesse pela área de comunicação. Pedi demissão em 2008 após 5 anos de empresa. Com muita calma e paciência fui ouvindo os conselhos de Deus, o meu tempo chegou em 2015, cheguei na UFRN, mas só em 2016 a oportunidade do curso sonhado chegou, pessoas ímpares foram também responsáveis por todo caminho percorrido.</p>	
ENTREVISTADO 7	<p>Moro com meu pai e minha irmã. Minha relação com meus familiares é de respeito mútuo. Respeitamos nossas diferenças e convivemos muito bem com isso. Prezamos a singularidade de cada um e buscamos ter uma mente</p>	<p>Sou ilustradora. Ilustro desde criança, então, tenho uma relação muito íntima com a arte. É o meu jeito mais sincero de expressão e é onde eu me sinto plena criando, trabalhando, desenvolvendo. Como graduação faço pedagogia,</p>	<p>São pequenas coisas. As nossas ações, por menor que sejam, ecoam. As pessoas vivem como num rebanho: o que um faz, o outro tende a fazer igual. Tenho um projeto poético chamado Prosa de Cora, nele, escrevo e ilustro pequenas gentilezas para lembrar</p>

	aberta para novos aprendizados.	estou no finalzinho do curso.	que pequenas atitudes podem transformar o dia de alguém (o que gera uma reação no mundo). Tento trazer à memória ações importantíssimas como: ser um bom ouvinte, desenvolver empatia, apreciar a natureza, não perder os bons modos... Dou o meu melhor, através da minha arte, para dar bom exemplo. Somos como uma plateia: quando um aplaude forte, todos os outros tendem a aplaudir cada vez mais forte ainda.
ENTREVISTADO 8	---	---	---
ENTREVISTADO 9	<p>“Com a minha família aqui de casa, Laélia (filha) e Isabel (esposa), é muito boa. Tem muito companheirismo, solidariedade. Nasci em uma família de 6 irmãos e 3 irmãs, mas só mantenho uma boa relação com a minha irmã mais velha, a que nos criou. Com o resto deles e com meus primos, não tenho contato, não tenho relação”.</p>	<p>“Sou engenheiro florestal, mas atualmente vivo fazendo artes plásticas. Fiz o curso de engenharia florestal, porque venho de uma família indígena. Meus pais eram filhos de índios, então éramos caboclos da floresta. Minha mãe era artesã e sempre me influenciou a fazer algo ligado ao nosso povo, o povo indígena. Ela e minha tia foram as que mais me levaram a fazer o que fiz”.</p>	<p>“Acredito que é a busca pela paz. Eu sou um pacifista, faço parte da luta ambientalista e dos movimentos das defesas das nações indígenas. Já fui diretor da Federação Potiguar das Entidades Ambientais. Fazer o bem, boas ações. Ser solidário e companheiro, respeitar. Isso é o que traz a paz”.</p>
ENTREVISTADO 10	<p>“É uma convivência estável, é boa e sempre que posso</p>	<p>“Sou do lar. Na verdade, foi sem escolha porque casei</p>	<p>“Tento evangelizar, falar mais do amor de Deus para pessoas,</p>

	tento estar próxima.”	e tive filhos muito cedo. Com 16 anos já estava casada.”	para que assim o mundo se torne um lugar melhor cheio do amor dEle.”
ENTREVISTADO 11	<p>“No início foi imoral. Eu moro com a minha avó materna e pra ela é difícil, porém tudo tem melhorado com o tempo. Ela já está me aceitando mais, mas ainda não se acostumou a me chamar de</p> <p>ENTREVISTADO 11. Minha mãe mora na Itália e ela me apoia em tudo que eu decido fazer. Com a família do meu pai é tranquilo, eles super me respeitam e tudo mais, meu pai tá começando a se acostumar também”.</p>	<p>“Eu sempre fui muito apaixonado por esportes, a partir daí iniciei o curso de educação física que eu amo e vou concluir e exercer a profissão, mas com o tempo descobri que também sou apaixonado verdadeiramente por enfermagem, só pelo fato de querer salvar vidas, desde pequeno me via sendo bombeiro ou socorrista, então quando eu concluir educação física vou cursar enfermagem e ir direto pra área da saúde mesmo.”</p>	<p>“Acho que, um mundo melhor é um mundo no qual todos respeitam e entendem uns aos outros, acreditando nisso, eu procuro informar as pessoas sobre os assuntos relacionados a transexualidade porque muitas vezes a intolerância e a violência partem apenas da ignorância, a partir do momento que a pessoa compreende ela escolhe mudar ou não, então como diz num livro famoso, o esquecimento é inevitável mas nessa vida eu quero ser lembrado por ter pelo menos tentado fazer com que as pessoas respeitassem e entendessem as decisões dos outros sem julgar”.</p>
ENTREVISTADO 12	<p>Bem, graças à Deus. Temos uma grande amizade e carinho.</p>	<p>Eu trabalhava em um comércio e senti a vontade de ter o conhecimento dessa profissão, e por isso decidi fazer o curso técnico.</p>	<p>Tenho amor ao próximo, sou sincero, tenho uma boa conduta e trato o ser humano como ser humano.</p>
ENTREVISTADO 13	<p>A minha relação é boa, atualmente tenho mais contato com os parentes do meu marido já que minha família mora toda em</p>	<p>Já trabalhei em muitos lugares de muita coisa, já fui vendedora de sapatos na feira, já cuidei de crianças, mas sempre gostei</p>	<p>Eu acredito que respeitando o próximo, ajudando na medida do possível, acho que muita coisa tem a se fazer, mas vou tentando.</p>

	Pernambuco, apenas meu filho mora perto de mim.	muito de cozinhar, gosto muito de lidar com gente, então ser cozinheira foi algo natural, gosto do que faço.	
ENTREVISTADO 14	<p>Minha relação com minha família é super tranquila. Apesar de ser filho de pais separados, tenho uma boa relação com ambos. Com meus irmãos estamos sempre próximos, atentos às necessidades de cada um, apesar de sermos uma família grande. Particularmente não tenho muito contato com a família de segundo grau, mas sou uma exceção.</p>	<p>A profissão que atuo foi obra do destino. Quando cursava o ensino médio, comecei a dar aula para um grupo de amigos que iria fazer concurso para PM, no dia da inscrição eles me chamaram para ir com eles, chegando lá pediram para que eu também fizesse a inscrição, até o pagamento foi um deles que pagou. Fiz o concurso, mas sem nenhuma expectativa, não pensava em ser policial. Meus objetivos era ser professor, e assim corri atrás, me graduei em história, fiz especialização. Mas neste percurso fui surpreendido que havia sido aprovado no concurso da PM, e por saber o quanto um cargo público está difícil, acabei decidindo entrar para a PM e estou desde então, pouco mais de sete anos.</p>	<p>Procuo ser uma pessoa melhor e feliz. Acredito que só podemos dar aquilo que recebemos. Não teria como contribuir para um mundo melhor sendo uma pessoa mal resolvida. Resolver meus dilemas pessoais, principalmente os que estão intimamente relacionados aqueles que me compõe enquanto pessoa. Se sou um ser que vivo em paz, logo transmitirei paz para aqueles que me cercam, e assim mais paz será transmitida e o mundo ficará em paz, como naturalmente deveria ser.</p>
ENTREVISTADO 15	“Falo com eles via telefone, mais freqüentemente com meus que mora em	“Sempre gostei muito de informática, fiz cursos quando	“Não sei muito bem, acho que agindo de forma correta já construo um mundo

	<p>Cabo Verde, e com menos freqüência com minha irmã que mora na Rússia.”</p>	<p>adolescente de informática e tal e quando surgiu a oportunidade de cursar engenharia da computação aqui no Brasil eu vim.”</p>	<p>melhor, pelo menos para aqueles que convivem comigo.”</p>
ENTREVISTADO 16	<p>A relação de ENTREVISTADO 16 com os pais varia entre calma e com atritos. O pai é caminhoneiro e esteve distante durante a infância e a adolescência dela. A mãe é costureira e acabou despertando o interesse de ENTREVISTADO 16 na produção têxtil. Assumiu sua, até então, homossexualidade aos 15 e nunca teve problemas com os pais em relação à isso. A mãe não surpreendeu-se quando ENTREVISTADO 16 partilhou do fato de não se identificar no corpo masculino. Passar muito tempo fora de casa e a pouca manutenção de contato acaba criando atritos no convívio com os pais, que zelam pela segurança e temem que o espírito livre e a autonomia de ENTREVISTADO 16 acabe os separando permanentemente.</p>	<p>A moda e a produção têxtil sempre esteve nos planos de ENTREVISTADO 16. Porém, após algumas experiências, ela percebeu que não se encontrou muito no ramo produtivo. Ingressou em Teatro na UFRN e começou a envolver-se com fotografia e modelagem, o que ainda a mantém em contato com a moda e a produção têxtil. ENTREVISTADO 16 se inspira em artistas que influenciaram a moda não só com suas roupas e estilos, mas com seus comportamentos e singularidades.</p>	<p>Para ENTREVISTADO 16, a transformação é primeiramente interior. Para ter capacidade de mudar o exterior é necessário ser narcisista e transformar a própria realidade em primeiro lugar. Profissionalmente, ela participou de um projeto artístico social no Hospital Psiquiátrico João Machado, o que a proporcionou experiências negativas e positivas, para ela e para os pacientes que participaram do projeto. Também participou de outro projeto artístico fotográfico que destacava a questão do lixo, da reciclagem e da reutilização de materiais descartáveis.</p>

ENTREVISTADO 17	Fomenta uma relação de ternura e cuidado.	As brincadeiras de escolinha já eram as preferidas da sua infância, sempre assumia o posto de professor da turminha (seus amiguinhos). O menino de São Bento do Norte amava poesia e queria ser poeta, um dia tornou-se educador. Aos 19 anos assumiu sua primeira turma de alunos.	Motivador nato, Josivan diz que o abraço muda a vida das pessoas. "Com o abraço eu posso acolher, cuidar e propagar amor".
ENTREVISTADO 18	Relação excelente com os familiares. São raras as oportunidades de terem momentos de reunião. Por outro lado, quando reunida com a família, aproveita as conversas e debates postos nas ocasiões.	A escolha da sua área de atuação foi aleatória. Ela percebeu que precisava ter uma graduação e optou por cursar Turismo na Faculdade Câmara Cascudo, contudo, não concluiu o curso. Anos mais tarde, cursa Gestão de Recursos Humanos na Universidade Potiguar, com objetivo de fomentar sua formação profissional. Atua como agente de bagagens perdidas desde 2006.	Recorre à tolerância como instrumento de compreensão, além de construir o respeito às pessoas, às opiniões e aos seres vivos para a construção de um mundo melhor.
ENTREVISTADO 19	A entrevistada diz que a família é um esteio para qualquer ser humano que sabe valorizá-la e, considerando isso,	ENTREVISTADO 19, como também é conhecida, conta que desde criança já tinha o desejo de ensinar, de ser	Para a construção de um mundo melhor, a professora afirma que na medida do possível se esforça para respeitar as diferenças

	<p>tem a sua como um ponto de apoio onde aprendeu desde cedo os valores que regem a sua vida.</p> <p>Sobre o relacionamento com a sua família, ENTREVISTADO 19 afirma que ela é fundamentada no querer bem do outro, por isso faz o possível para ajudá-la, mostrando que para serem felizes é preciso cultivar os bens espirituais, acreditando que os materiais virão por acréscimo.</p>	<p>professora. Lembra que aprendeu as primeiras letras com sua mãe, na carta de ABC e que passou a frequentar a escola com 7 anos de idade. “Achava muito legal ver a professora lendo e escrevendo”. Vendo isso, pensava: “essa professora é sábia, ela sabe ler tudo”. Ao passar dos anos, com o aprendizado e as aprovações, conta que chegou no 4ª série- hoje 4º ano-, onde conheceu a professora que lhe inspirou a exercer essa profissão, Dona Albaniza (atualmente com 80 anos). O seu jeito agradável de ensinar, fazia crescer ainda mais esse desejo de se tornar professora. “Ficava admirada em ver apenas uma pessoa manter a ordem numa sala de aula com tantos alunos... eu desejava fazer o mesmo”. O orgulho por essa profissão, a qual exerceu por 36 anos, à fazem feliz, pois acredita que cumpriu seu dever.</p>	<p>e não torná-las motivos para criação de inimizades. Lembra também que vai ao encontro dos mais necessitados da palavra de Deus (como Católica que é) ajudando-os a enfrentar as próprias dificuldades e valorizá-las a vida.</p>
ENTREVISTADO 20	—	—	—
ENTREVISTADO 21	<p>A relação é ótima. Procuo sempre me entender nos mais</p>	<p>Tinha me formado em auxiliar de contabilidade</p>	<p>Eu sou educadora. Trabalho com educação a mais de 30</p>

	diversos aspectos da relação familiar, com respeito, dedicação, procurando realizar tudo aquilo que está ao meu alcance para tornar nossa vida, dos meus dois filhos e marido, mais feliz e harmoniosa.	quando precisou arrumar um emprego para os ajudar aos pais financeiramente. Daí surgiu a oportunidade de ajudar uma pessoa ensinando, inclusive ele é especial. A partir disso, senti a vocação me chamar e fui fazer o curso no magistério no Kennedy para me tornar professora do ensino fundamental.	anos e faço questão de sempre me envolver com meus alunos para ensiná-los sobre diversidade, tolerância religiosa, entre outras coisas. Também faço parte do ecológico Chama Maré (como voluntária), que é um trabalho de educação ambiental.
ENTREVISTADO 22	“ A minha relação com minha família é a melhor possível. Geralmente, passo o dia fora de casa e, quando retorno, tenho o costume de dialogar com meus familiares sobre os principais assuntos do dia, que vão desde um simples projeto que o governo aprovou às faturas que chegaram pelo Correio. Minha família é militante, logo discutimos muito sobre política, o que me deixa atenta em relação às propostas aprovadas pelo Congresso e à insatisfação das massas. Não tenho filhos, o que facilita muito minha vida. Moro com meus pais e meus dois irmãos, pelos quais	“Na minha vida, tudo aconteceu muito rápido. Costumo dizer que não escolhi a arte, ela que me escolheu. Eu estudava na escola das Neves e tentei ingressar no Instituto Federal. Contudo, na minha primeira tentativa, não consegui êxito. Na segunda vez que concorri, consegui ser aprovada no curso de Logística. Desde então, passei a ter contato direto com o teatro, que promovia proposta de extensão junto à comunidade externa. Passei a fazer parte do grupo de artes cênicas e, de repente, me vi imersa na magia dos palcos, na missão de ensinar aquilo que eu sabia”. “Em 2014, entrei para a	“Eu sozinha não consigo mudar o mundo. Nossa equipe, hoje, é formada por 23 pessoas, que juntas têm como missão propagar a arte do teatro às pessoas. Nós acreditamos que a arte é uma ferramenta transformadora. A arte pode vencer as desigualdades, as injustiças, a intolerância e o preconceito. O teatro, como um tipo de arte, propaga amor. O nosso amor reflete em cada oficina que ministramos às comunidades mais humildes. Nossos espetáculos tentam demonstrar nosso estado de espírito. Tudo no teatro é maravilhoso, é fantástico. Por que não levar um pouco dessa fantasia para as pessoas que passam o

	<p>tenho profundo afeto”.</p>	<p>equipe da Petrobrás, o que me distanciou um pouco do meu ofício. Apesar disso, continuo na frente de um grupo de teatro, auxiliando na propagação dessa arte milenar. Tudo acontece de forma voluntária, não recebemos nenhum tipo de auxílio, pois perdemos o vínculo com o Instituto, viramos uma oficina independente. Temos vários obstáculos, mas nosso amor pela arte da encenação fala mais alto e nos torna seres humanos mais preparados para vencer o mundo”.</p>	<p>dia servindo aos grandes capitalistas, sendo exploradas e, em alguns casos, oprimidas, rejeitadas? Nosso grupo exerce essa função: transformar a realidade. Somos uma equipe de figurinistas, atores, dramaturgos, cenógrafos, sonoplastas, contrarregras, preparadores, diretores, iluminadores que se dedicam ao máximo para construir um futuro mais justo e mais alegre”.</p>
<p>ENTREVISTADO 23</p>	<p>Em minha cosmovisão cristã, vejo a família como a primeira instituição do indivíduo. É algo que me transfere grande responsabilidade. Sou um despenseiro de Deus e, como tal, me sinto na obrigação de ser o mais amoroso possível com minha esposa e filhos. Claro que tenho erros, mas isso não me tira a responsabilidade de almejar sempre esse fim.</p>	<p>Desde pequeno tive muita facilidade e muito prazer pelas disciplinas de cálculo. Um ano antes do vestibular tinha dúvidas de qual curso seguir. Por indicação de amigos, fiz o vestibular de Engenharia Civil, por ser um curso de exatas. Entrei no curso e comecei a gostar do mesmo.</p>	<p>Ao contrário do que muitos pensam, eu vejo que a melhor forma de construir um mundo melhor é a partir da visão micro e não da visão macro. Tornar um mundo melhor não parte de criar uma ONG ou de se tornar um grande líder mundial. Pode soar um pouco egoísta, mas, em minha opinião, tornar um mundo melhor parte de cuidar bem de sua família. Eu diria que é um “ciclo do bem”. Para tornar o mundo melhor eu preciso me sustentar para não ser peso pra ninguém e, conseqüentemente,</p>

			<p>aliviar o peso daquele que viria a me sustentar para que ele possa sustentar outras pessoas que estejam realmente precisando. Sustentar minha família, ajudar aos necessitados de minha igreja, ajudar aos necessitados em geral, ajudar aos oprimidos e ensinar aos da minha família e aos que eu ajudei que eles devem passar isso adiante. Dessa forma, o ciclo seria assim: Eu >> Família >> Igreja >> Pobres >> Necessitados. Quando o necessitado aprende a se sustentar, o ciclo se inicia nessa pessoa. Imagine um mundo onde todos pudessem sustentar suas famílias. Então, de maneira simples, eu construo um mundo melhor cuidando de minha família e ensinando os meus filhos de que o mundo melhor começa com eles cuidando bem de suas famílias.</p>
ENTREVISTADO 24	<p>Como passo boa parte do meu tempo fora de casa, entre idas à faculdade/trabalhos/elaboração de projetos, tenho uma relação meio distante dos meus familiares. Além dessa distância, não socializamos muito porque alguns desses membros são</p>	<p>A escolha pelo curso de comunicação social se deu, primeiramente, pela vontade de divulgar ideias sobre consciência animal. Acreditava que o jornalismo poderia ser um meio forte para tratar de assuntos sobre</p>	<p>Diante do exposto anteriormente, sempre fui uma pessoa que pensava mais nos outros que em mim e sempre procurei ajudar todos de alguma forma. Quando comecei a entender a questão dos direitos animais, por volta dos meus 14 anos, fiquei chocada com o que</p>

	<p>complicados de conversar. Por ter ideias bem distintas das minhas, o que não é problema para mim, muitos acham que meus argumentos vão contra os ideais de uma sociedade tradicional. No entanto, temos uma relação amigável.</p>	<p>desigualdade social, direitos animais, porém não sabia o quanto era complicado trazer esses ideais para um jornalismo brasileiro que é pautado em interesses políticos. Além disso, sempre tive um gosto especial por literatura e gostaria de escrever jornalismo literário. A escolha pela profissão de jornalista se deu pelos motivos anteriores, mas acabei por começar a trabalhar com Assessoria de Comunicação. De início não gostava muito, mas acabei por me apaixonar pelo ofício e procuro me atualizar sempre dentro da área.</p>	<p>eram feitos com os animais diariamente. Diante disso, passei a me vincular a grupos de ativistas que também lutavam pelos direitos desses seres. Para construir um mundo melhor, procuro ajudar! Estou sempre metida em projetos não governamentais de proteção aos animais, de luta por direitos iguais, dentre outros grupos. Procuro alertar as pessoas sobre os danos que são causados a esses animais e os impactos disso no meio ambiente, o que acaba refletindo na saúde e economia de um país. Ou seja, procuro ajudar os menos favorecidos socialmente.</p>
ENTREVISTADO 25	---	---	---
ENTREVISTADO 26	<p>É uma boa relação. Tento conviver com todos da melhor forma possível, tentando entender as diferenças.</p>	<p>Primeiramente, fiz magistério. Mas com o tempo conheci meu marido e por ele ser militar, na época teria que mudar para o Rio de Janeiro, então eu tive que parar de atuar. O nascimento da minha filha e a constante mudança de estado contribuíram para que eu ficasse trabalhando dentro</p>	<p>Separo o meu lixo doméstico por metal, vidro, plástico, papel e orgânico. Limpo a rua em frente a minha casa para que o lixo acumulado não seja carregado pela chuva e entupa os bueiros. Economizo água e energia.</p>

		de casa.	
ENTREVISTADO 27	<p>“Bem, na medida do possível. Às vezes o meu relacionamento com a minha família não é tão aberto como queria que fosse porque eu tenho problema de ansiedade e isso afeta meu relacionamento familiar. E também não tenho apoio familiar, na maioria das vezes.”</p>	<p>“No momento eu sou estudante e também ajudo minha mãe nas tarefas de casa. Estudo em casa para obter uma boa nota e entrar no curso de nutrição.”</p>	<p>“No meu ponto de vista se a pessoa fosse mais honesta com seu eu, o eu de cada um, sem isso de corrupção, sem mentira na sociedade. Que fosse uma coisa aberta todo mundo tivesse o direito de saber o que é a verdade, o que é a mentira. A sociedade andaria mais, não teria preconceitos raciais, essas coisas que existem no meio da sociedade onde a gente vivemos. Que as pessoas pudessem aceitar cada um do jeito que eles são.”</p>
ENTREVISTADO 28	<p>“Minha mãe e irmãos moram em outros estados e países, por isso nosso contato é mais pela internet, porém é muito bom e nos falamos praticamente todo dia via whatsapp e às vezes por Skype. Com minha esposa e filhas, vivemos juntos e somos bastante próximos.”</p>	<p>“Entrei pra carreira militar visando a estabilidade financeira quando tinha 15 anos e depois optei por ser piloto militar por ser apaixonado por aviação.”</p>	<p>“Na minha percepção eu não faço muita coisa que possa contribuir na construção de um mundo melhor mas procuro tratar bem todas as pessoas ao meu redor e as que encontro pelo caminho. Procuro sempre ser gentil e respeitar a todos independente de idade ou condição social. Também acho importante sempre tentar melhorar como somos como pessoas e cidadãos.”</p>
ENTREVISTADO 29	<p>Com os familiares que vivem na mesma casa que eu, pais e sobrinha, tenho uma relação</p>	<p>Desde criança sonhava em ser professor, profissão em que atuo hoje, mas já tive outras</p>	<p>Procuro atuar com sensibilidade nos meios em que me encontro, família, amigos e trabalho.</p>

	<p>de forte proximidade afetiva, conversamos muito, nos divertimos muito. Há pequenos conflitos cotidianos, mas resolvidos pelo diálogo e respeito. Com os familiares distantes o contato é bem escasso, se limitando a encontros de família raros.</p>	<p>profissões/atividades. Trabalhei em um posto de gasolina por uma questão apenas de sobrevivência. Depois fiz um curso técnico em informática, e em seguida trabalhei uns dois anos na área, contudo não me identifiquei muito. Depois segui uma vocação religiosa, realizando uma vontade de servir à humanidade através dela. Depois de sete anos desisti e encontrei um meio mais adequado a mim, pra praticar esse serviço à humanidade, que foi a docência, no qual trabalho há um ano e meio.</p>	<p>Essa sensibilidade é vivenciada através do acolhimento da singularidade de cada ser humano. Também utilizo as redes sociais virtuais pra apresentar uma visão crítica da sociedade. E através do meu trabalho procuro contribuir para a formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.</p>
ENTREVISTADO 30	<p>É muito boa, não tenho nenhum problema com minha família no geral. Amo todos e procuro manter contato com todos igualmente.</p>	<p>Não tenho uma profissão, hoje sou aposentado como agricultor porque toda a minha vida trabalhei capinando roça. Não tive uma escolha.</p>	<p>Procuro oferecer o melhor de mim pra quem me cerca. Hoje, principalmente os meus netos, faço de tudo por eles e pra eles.</p>
ENTREVISTADO 31	<p>“Minha relação com a minha família, graças a Deus, é das melhores. Eles me ajudam, orientam, e estão sempre comigo. Somos uma família muito unida, graças a Deus, e é isso que importa e me fortalece. Eles</p>	<p>“Eu escolhi ser profissão do lar, para priorizar a educação dos meus filhos, estar próxima a eles, cuidar do meu marido, da minha casa, e das minhas coisas. Foi uma das escolhas mais certas que fiz</p>	<p>“O mundo está se destruindo pela ambição, pela corrupção, as pessoas não priorizam o contato humano, nem a empatia, muito menos o cuidado com a natureza. Eu sou como a fábula do passarinho, não sou famosa, nem</p>

	<p>estão sempre me apoiando nos momentos difíceis. Me orgulho da união da minha família, é isso.”</p>	<p>na vida.”</p>	<p>muito rica, mas com o que eu tenho, eu faço o que posso para mudar essa triste realidade do mundo. Minha parte, minha herança para os meus filhos, é o bom exemplo de amar e ajudar o próximo sem esperar nada em troca. Eu passo por dificuldades diárias na minha luta contra o câncer, conheço pessoas na mesma situação. Vou aos hospitais e conto a minha história de luta, e espero incentivar as pessoas a serem fortes, como eu tento ser. Estar sempre com um sorriso no rosto, amar a todos, ter o apoio das pessoas que você ama e ter Deus na vida, é a fórmula para superar qualquer problema. Os nossos dias na terra estão contados e é preciso amar, cuidar e respeitar todos os dias como se fosse o último. O que eu faço para construir um mundo melhor é isso, apenas a minha parte, cheia de boas intenções, como o passarinho, para apagar o fogo da falta de amor e empatia que assola a humanidade.”</p>
<p>ENTREVISTADO 32</p>	<p>ENTREVISTADO 32 descreve sua relação com seus familiares tranquila, especialmente com sua mãe. Ele a</p>	<p>Embora esteja envolvido em diversas vertentes da arte e da cultura, ENTREVISTADO 32 se considera</p>	<p>ENTREVISTADO 32 acredita que é sua arte sua principal arma na luta para construir um mundo melhor. Embora não se</p>

	<p>caracteriza como uma pessoa extremamente “mente aberta”, capaz de lidar com a opinião alheia, mesmo que não concorde com ela. Além disso, carinhosamente a chama de “Poderosa Chefona” da família, por sempre ter sabido lidar com todos de casa e fazer todo o possível para lhes ajudar.</p> <p>Em relação ao seu pai, ele confessa que há um certo conflito devido ao pai ter vindo do interior, de uma família de quatorze irmãos. Devido as suas origens, ele o retrata como uma pessoa mais fechada e até um certo ponto machista, criando situações de conflito quando há divergência de opiniões. Apesar disso, admite que se não fosse a rigidez do pai talvez jamais tivesse se tornado o profissional que é.</p> <p>Sobre sua irmã, ENTREVISTADO 32 diz que ela é sua confidente. Graças ao período em que sua mãe teve de ir trabalhar em outro estado e ficaram apenas ele, seu pai e</p>	<p>essencialmente um músico, tendo tido seu primeiro contato com essa forma de arte ainda muito pequeno. Segundo ele, seus pais tinham uma vasta coleção de vinis e ouviam bastante MPB e o pianista francês Richard Clayderman.</p> <p>Aos quatro anos de idade, ganhou seu primeiro pianinho de madeira, e fingia tocar as músicas que ouvia na vitrola. Aos sete anos, sua mãe o inscreveu no Centro de Educação Musica de Olinda após ele pedir para estudar violoncelo.</p> <p>Apenas um ano depois, já havia saltado da turma infantil para a de adultos, quando quase desistiu dos estudos por não aguentar ver apenas teoria e jamais ter tocado num instrumento desde que se matriculou. Por insistência do pai, e a um certo contragosto, continuou.</p> <p>Aos nove anos, finalmente pôde colocar em prática toda a teoria que havia aprendido nos últimos dois anos. Contudo, como o violoncelo custava</p>	<p>apresente mais como concertista, ele dá aulas de música principalmente para crianças em uma escola particular de Natal. Para ele, passar seu conhecimento para os pequeninos é uma maneira de formar pessoas e cidadãos melhores.</p> <p>Fora a música, ele já tem três livros publicados, além de manter um blog pessoal, onde escreve crônicas e expõe sua opinião sobre o cotidiano, política, arte e cultura. É através da escrita, sobretudo num espaço democrático como a internet, que ele acredita atingir um público mais maduro a fim de debater ideias e trocar experiências.</p> <p>Finalmente, ele possui sua produtora independente de filmes, a Dacine Filmes, e já dirigiu e co-roteirizou curtas e média-metragens. Em suas películas, ele sempre aborda temas que raramente são abordados em grandes produções e nas grandes mídias. No último deles, Vitruviano e o Poema da Inerente Invisibilidade, escancara o conflito intenso entre a beleza do ser fadado à concessão pública do</p>
--	---	---	--

	<p>sua irmã em casa, ENTREVISTADO 32 se aproximou bastante dela quando ainda eram crianças com 4, 5 anos de idade, criando um laço que permanece forte até os dias atuais.</p> <p>Finalmente, ele descreve sua relação com a esposa como “complexa”, já que há muitas diferenças culturais entre os dois. Natural do Recife, ele se mudou para o Santa Maria/RS para estudar e conheceu sua esposa, descendente de italianos e poloneses. Também houve tensionamentos com os pais dela, sobretudo com a sogra, que, segundo ele, possui problemas psicológicos diagnosticados.</p>	<p>caro e sua família sempre foi bastante humilde, vivendo no subúrbio de Olinda, no que ele descreve como sendo “praticamente uma favela”, optou pelo piano.</p> <p>Apesar de ser um instrumento mais caro, foi presenteado com um pequeno teclado para prosseguir com seus estudos. Nessa época, sua mãe já trabalhava longe de casa e o pai o trancava diariamente por quatro horas no quarto, exigindo ouvi-lo estudar ininterruptamente.</p> <p>A persistência paterna rendeu frutos e o fez estudar por prazer por praticamente oito horas diárias, fora a escola. Aos 15 anos, ganhou o primeiro piano de verdade, doado por uma família amiga. Até hoje, 16 anos depois, tem consigo o instrumento na sala de casa. A partir daí, já aos 17, 18 anos, passou no vestibular para cursar Bacharelado em Música e, posteriormente, devido a uma cirurgia realizada no braço, migrou para</p>	<p>destino social de existir,</p> <p>remontando à dura realidade das minorias e como elas ainda são estigmatizadas e invisibilizadas pela sociedade. Longe do circuito artístico-cultural, ENTREVISTADO 32 acredita que basta o caráter, a palavra, o compromisso e a honra do sujeito para colaborar com a construção de um mundo melhor. Segundo ele, esses são valores que ele traz consigo desde criança, um legado de valor inestimável passado a ele por seus pais.</p>
--	--	---	---

		Licenciatura, pois já não conseguia evoluir como concertista a contento.	
ENTREVISTADO 33	<p>ENTREVISTADO 33 tem um bom relacionamento com a família. Convive com a esposa, duas filhas e a mãe. "Amo minha família e somos felizes, estou sempre buscando a melhora interior e dar o melhor de mim a cada dia, tanto para mim mesmo como para eles", respondeu.</p>	<p>ENTREVISTADO 33 está desempregado, contou que já teve muitas oportunidades na vida, trabalhou em várias empresas, ingressou por duas vezes na UFRN, uma vez em ciências econômicas e outra em pedagogia, mas, não conseguiu concluir nenhum dos dois por questões familiares e financeiras. "Quando estava cursando pedagogia tive que parar o curso para me dedicar as minhas duas filhas, na época pequenininhas, minha esposa trabalhava os três turnos a domicílio, então passei essa fase como pai e mãe delas... porque não existe nada mais importante na vida do que o amor". "Hoje trabalho com atividades domésticas, estudando e coordenando um grupo. E há alguns meses voltei a ingressar na UFRN, em biblioteconomia,</p>	<p>"Eu vivo uma filosofia que não está conectada com o mundo materialista, sou idealista, tenho meus princípios e procuro vive-los no dia a dia respeitando as diferenças e os que pensam de outra forma, tendo convicção de que todos merecemos respeito e respeitando o espaço de cada um. Dou o melhor de mim onde estiver e com quem estiver, procuro sempre a empatia, sem nenhuma intenção e nada oculto que não seja a satisfação de poder ver o bem comum de forma natural, espontânea e sincera", respondeu ENTREVISTADO 33.</p>

		estou me dedicando há esse curso e está sendo também um novo desafio", disse ENTREVISTADO 33.	
ENTREVISTADO 34	<p>“Tenho uma relação boa, digamos assim. Quando eu penso em família, familiares, eu penso em irmãos, mãe e pai. Agora só minha mãe, por que meu pai já faleceu. Então, a minha relação com meus irmãos e minhas irmãs é muito boa, graças a Deus. Eu tenho 11 irmãos e sou o décimo segundo da minha família e é um desafio para nós, enquanto irmãos, saber o temperamento de cada um, os sentimentos, as ações variam muito. No mais, uma relação muito boa. Com meu pai também foi boa, eu apenas hoje faria um tanto diferente. Eu era mais novo, um pouco desobediente, hoje eu faria completamente ao contrário o que eu fiz com relação ao meu comportamento. Aquelas coisas de menino rebelde. Com minha mãe também é boa,</p>	<p>“Foi inusitada, por que eu não sou aquele tipo de pessoa que desde pequeno já sabia o que queria. Infelizmente eu não nasci aquela pessoa certa, decidia, até hoje eu tenho dúvidas na hora de comprar as coisas, atraso as vezes por que sou indeciso. Eu nunca tive a pretensão de ser professor, pelo contrário, no ensino médio eu era um cão, só mudei mesmo do segundo para o terceiro ano, então na metade do segundo ano foi que eu me interessei. É importante registrar que nesse período, eu participei de forma mais intensa da renovação carismática católica, então aquilo ali, aquela participação foi importante para mim. A religião foi importante nesse momento da minha vida por que me ajudou a me centrar, me acalmar. Daí do segundo para o terceiro ano eu percebi que gostava</p>	<p>“Aparentemente uma pergunta existencial que acompanha a vida de várias pessoas, ele pede uma resposta ampla, ou então uma resposta à altura. Hoje eu penso que essa construção pode se dar, por exemplo e sobretudo na atuação profissional. Se você consegue exercer bem sua profissão, com amor, com carinho, dedicação e você se encontra naquilo que faz, possivelmente você está construindo um mundo novo. Na docência, no meu caso, que eu consigo formar pessoas melhores, no ponto de vista na linguagem, oral, escrita, seja lá o que for, eu consigo causar uma transformação pequena e pontual naquela pessoa, que aquilo vai reverberar em outras até se tornar em proporções maiores”.</p>

	<p>graças a Deus a gente tem muita intimidade, embora também tenham algumas, digamos assim, alguns pontos não temos tanta proximidade, como do ponto de vista político, por exemplo e em outros momentos religioso, mas nada que interfira e atrapalhe na nossa relação. Eu espero um dia poder contar a história da minha mãe e do meu pai, eu busco fazer isso um dia”.</p>	<p>muito de literatura e por incrível que pareça, depois que eu escolhi Letras e comecei a estudar, eu me familiarizei mais com a linguística. Passei 4 anos estudando linguística no curso de Letras e um pouco depois fiz especialização, incentivado pela minha atual esposa. Depois passei dois anos no mestrado e agora terminei o doutorado e sou apaixonado pelo que eu faço, pela minha profissão. Eu gosto sobretudo da atuação social que ela pode proporcionar as pessoas e me proporcionar. Porém, em determinado período da minha carreira, pensei em desistir de ser professor, principalmente pelas condições que nos eram oferecidas quando não se era efetivo de um lugar. Tentei fugi disso me especializando e hoje, concursado, sou realizado profissionalmente”.</p>	
ENTREVISTADO 35	<p>A minha família é um exemplo de família.</p>	<p>Influência de uma família tradicional de políticos da região.</p>	<p>“Quem irá fazer esse mundo melhor?” Quem eu não sei, mas lutarei. Se os altos políticos não conseguem construir</p>

			esse mundo melhor, quem “dirá” eu. Por isso, eu me preocupo com a minha família, em ensinar as coisas aos meus filhos e a serem pessoas melhores.
--	--	--	---

APÊNDICE H – TABELA COM PERGUNTAS E RESPOSTAS POR ALUNO NA FASE 2 DO MAPA DE INTERAÇÃO

ALUNO	Questão 1 (Por que você escolheu esse entrevistado?)	Questão 2 (O que torna esse perfil diferente dos demais feitos por você?)	Questão 3 (Você encontrou dificuldades para sintetizar o perfil do entrevistado em uma única temática?)	Questão 4 (Qual foi a importância dessa biografia para a sua vida?)
ALUNO A	“Meu entrevistado seria outra pessoa, mas como ele não me deu uma resposta escolhi meu pai. A escolha foi feita por eu não conhecer a fundo a história dele e acredito que essa será uma boa oportunidade de nos relacionarmos mais (mesmo morando na mesma casa devido ao trabalho dele e meu horário de estudo, acabamos nos vendo muito pouco)”.	“Eu ainda não fiz outro perfil, esse é o primeiro”.	“Ainda não encontrei dificuldade. Eu procurei apresentar a vida dele por momentos e não por setores. Ou seja, com o passar dos anos ele foi várias coisas ao mesmo tempo e apresentei isso como um conjunto e não segmentado”.	“Conhecer mais do meu pai será uma grande oportunidade de passarmos mais tempo juntos. Realmente fico feliz de que não tenha dado certo com o meu primeiro entrevistado”.
ALUNO B	“Além de ser minha mãe e eu querer conhecê-la mais e mais, sempre foi um sonho fazer o	“Porque eu quis dar visibilidade a uma pessoa que nunca soube o que é isso”.	“A dificuldade existe, mas o destaque ocorreu quando eu quis enfatizar a mulher que ela é. A mulher que ela	“É a primeira vez que tenho esse tipo de vivência, falar sobre minha mãe é tão bom e importante quanto a profissão que desejo

	que eu amo junto a pessoa que eu amo também. Ela tem uma história linda para contar, e eu estou disposta a ouvir”.		se tornou e sua longa dedicação para os filhos e sua interminável vontade de crescer”.	seguir”.
ALUNO C	<p>“Escolhi a ENTREVISTADO C, após vê-la participando de uma formação política. O fato dela ser jovem e estudante causaria uma identificação com pessoas ‘comuns’ que, assim como ela, representam uma parte expressiva da sociedade. A entrevistada é engajada politicamente e participa de movimentos sociais. Considerei importante mostrar como a vida de uma jovem aparentemente simples, se relaciona com assuntos normais do dia a dia como estudo,</p>	<p>“Não sou capaz de estabelecer uma relação, pois esse é o meu primeiro perfil”.</p>	<p>“Não encontrei dificuldades de sintetizar o perfil em uma única temática pois considero que cada tema ajuda a construir e entender o outro. O fato dela ser filha e estudante nos faz compreender seu papel como jovem, assim como este ajuda a construir sua função política”.</p>	<p>“O fato da entrevistada ter uma idade próxima a minha me aproxima da história e me ajuda a compreender e ter visões variadas de diferentes experiências de vida”.</p>

	família e política”.			
ALUNO D	“Pois sempre tive curiosidade em saber mais sobre a vida do meu entrevistado e também por achar uma pessoa incrível”.	“Como eu nunca fiz uma biografia antes, não tenho como comparar para dizer a diferença, mas estou com pensamento positivo de que fiz escolha certa”.	“Foi um pouco trabalhoso sintetizar o perfil, mas acabei conseguindo decidir mostrar o lado mais pessoal e batalhador do entrevistado”.	“É importante, pois a força que o meu entrevistado tem de continuar diante as dificuldades, é incrível e me inspira”.
ALUNO E	“Porque admiro a história dela”.	“Pelo fato dela ser minha mãe”.	“Não. Fiz anotações gerais e combinei com citações diretas para que o texto ficasse descritivo”.	“Aprender mais um pouco sobre a história de vida da minha mãe, assim como de parte da minha família”.
ALUNO F	”Por ser uma pessoa que admiro muito. Ao ouvir um pouco a mais da sua história, minha escolha só se confirmou, um ser humano lindo, que estou tendo o prazer de entrevistar e ao mesmo tempo conhecer melhor e admira-la cada vez mais”.	“Nunca fiz outro perfil”.	“Minha entrevistada possui vários talentos, foi um pouco difícil decidir sobre o que falar dentre tantas coisas, mas resolvi focar no seu lado materno e sua carreira de artesã”.	“A biografia vem sendo de grande importância, tanto para minha experiência acadêmica, como também para a pessoal. É uma oportunidade de conhecer melhor de outra realidade, e poder desenvolver uma relação”.
ALUNO G	”Antes de qualquer colocação foi a arte. Ela é	“Sem dúvida é a identificação que tenho com a entrevistada.	“Não tive esse tipo de dificuldade. Mesmo ela sendo	“Acho válido para mensurar a real importância, por ora eu diria que é a

	<p>ilustradora, eu como designer gráfico sempre admirei seu trabalho, e utilizei a oportunidade da entrevista para conhecer mais do seu mundo particular”.</p>	<p>Mesmo não conhecendo pessoalmente, acompanho seu trabalho que acho grandioso, mas silencioso, mora no interior da Bahia mas é uma pessoa muito esforçada, que vem batalhando para ter sua arte valorizada”.</p>	<p>irmã, filha, pedagoga, o seu maior destaque é como ilustradora, logo esse se tornou o caminho para o primeiro plano”.</p>	<p>oportunidade de conhecer mais uma pessoa que é um exemplo, mas nem ela se dá conta disso”.</p>
<p>ALUNO H</p>	<p>“A entrevistada escolhida é minha tia e, por ser parente de primeiro grau, possuí um nível de intimidade que facilitou a realização do trabalho. Além disso, as perguntas elaboradas pela docência me lembrou bastante sua preocupação com o âmbito familiar e acadêmico, assim como amor pela profissão”.</p>	<p>“Não é possível responder o questionamento devido esse ser o meu primeiro trabalho com entrevista. Mas o fator decisivo na escolha da entrevistada foi a identificação entre ela e as perguntas propostas na primeira fase do mapa sociológico”.</p>	<p>“Durante a entrevista não encontrei dificuldades em sintetizar o perfil do entrevistado, pois por ser uma pré-entrevista, não obtive espaço para desenvolver melhor suas características”.</p>	<p>“Essa biografia foi importante no sentido de trabalhar pela primeira vez no decorrer do curso. Além disso, é importante por trabalhar o papel do jornalista ao entrar em contato com as informações de terceiros que colaboram com o processo/profissão”.</p>
<p>ALUNO I</p>	<p>“A escolha foi feita, porque tenho curiosidade na história do entrevistado e acredito ser</p>	<p>“Nunca fiz outro perfil”.</p>	<p>“Encontrei dificuldade para ser mais global e falar vários lados do personagem. Procurei mostrar suas vivências e</p>	<p>“Contar a história de uma pessoa usando os dados que ela mesma passou, sentir empatia, entender o outro, reconhecer que</p>

	interessante pelo pouco que conheço. Mais coisas precisam ser separadas”.		experiências de vida. Os acontecimentos mais interessantes”.	sempre há coisas para aprender sobre o outro bem como aprender com o outro”.
ALUNO J	“Conheci essa pessoa por conhecer de perto um pouco da sua história e por achar uma das mais emocionantes que já conheci”:	“O seu diferencial está na sua fé em Cristo. O fato de terem acontecido tantos problemas em sua vida que poderiam facilmente abalar sua fé só fez com que ela ficasse mais forte”.	“Não, pois desde o início eu já tinha em mente a temática que seria tida como a principal de toda a entrevista”.	“É muito importante, pois a sua história é tão forte quanto inspiradora. É verdadeiramente um testemunho de vida e principalmente de vida cristã e isso faz com que cada vez mais eu venha a fortalecer minha fé em qualquer situação”.
ALUNO K	---	---	---	---
ALUNO L	“Eu escolhi ENTREVISTA 11 pela coragem de enfrentar todos os desafios possíveis para conseguir ser da maneira que se sente bem. É um exemplo de força de vontade e superação”.	“Como esse é o meu primeiro trabalho com biografia, escolhi Guilherme pelo fato de ser uma história diferente, uma história que eu me interessaria em ler”.	“Guilherme foi bem sucinto em suas respostas, o que facilitou o meu trabalho e satisfez minhas expectativas”.	“Tem um sentido bem pessoal, pois Guilherme me inspira a correr atrás de tudo o que eu penso em conseguir, sendo que eu realmente quero ser e sem me importar com os outros”.
ALUNO M	“Porque, por ser meu pai, ficaria um pouco mais simples a realização do trabalho, de modo que eu me senti mais	“Que até por ele ser meu pai, eu acabei por conhecer algumas histórias e fatos que se não fosse por esse trabalho, eu	“Não, pois as únicas temáticas que eu achei foi a de pai de família e a de técnico em contabilidade, do ponto de vista profissional, e	“Que passei a olhar para meu pai com uma visão diferente, conhecendo um lado novo que até então eu não conhecia”.

	livre para realizar as perguntas”.	talvez não tivesse a curiosidade de perguntar, além de achar que ele possui uma história interessante”.	acabei por sintetizar em cima de pai por achar mais interessante”.	
ALUNO N	“A escolha do entrevistado se deu em virtude da proximidade entre o entrevistador e a pessoa que concedeu a entrevista, que no caso é a mãe do entrevistador”.	“O que torna esse perfil diferente é as experiências de vida demonstrada em diversos assuntos e em diversos lugares”.	“Eu não encontrei dificuldades enormes em sintetizar o perfil do entrevistado, pois os multifacetos são aglutinados no viés da grande mulher de grandes experiências humanas”.	“A importância dessa entrevista consiste na criação do elo de ligação entre todas as histórias já ouvidas pelo entrevistador, por parte do entrevistado”.
ALUNO O	---	---	---	---
ALUNO P	“Escolhi o entrevistado pois saber que ele é um imigrante africano e como já vivenciou diferentes realidades, achei interessante conhecer mais sobre sua história e seu ponto de vista acerca da vida”.	“Por ser uma pessoa que já viveu em diferentes países por tempo suficiente para ter profundidade para nos contar suas experiências”.	“Mesmo o entrevistado possuindo vários hobbies, interesses e talentos, optei por tirar dele o que achei que mais acrescentou em sua vida, no caso suas viagens e aprendizados retirados delas”.	“Conhecer melhor uma pessoa e entendê-la a partir de suas experiências é algo interessante tanto para quem escreve a biografia, quanto para o entrevistado que relembra momentos de sua vida”.
ALUNO Q	“Desde o princípio, o intuito era dar voz e visibilidade à uma cama	“É o primeiro perfil feito por mim”.	“Não houve dificuldade em encontrar uma síntese. O problema foi solucionar a	“Conhecer a entrevistada além da imagem pública que ela imprime”.

	<p>social que fosse invisibilizada. Dentro da sigla LGBT, as transexuais são as menos favorecidas, logo, a escolha foi ENTREVISTADO 16, que além de ter essa narrativa a ser contada, também é atriz, modelo e cantora. Pacote completo para uma boa história”.</p>		<p>partir do momento que percebi que havia uma ligação estreita entre a questão da transexualidade da entrevistada e a sua realidade artística”.</p>	
ALUNO R	---	---	---	---
ALUNO S	<p>“ENTREVISTADO 17 é uma pessoa que exala humanidade. Costumo observar o comportamento das pessoas, como é com os demais, com ele não foi diferente. Conheço alguns pontos importantes da vida do meu entrevistado, a partir desses pontos um interesse maior nasceu”.</p>	<p>“ENTREVISTADO 17 é um exemplo de superação, é alcoólatra, mas há 20 anos não faz ingestão da droga”.</p>	<p>“Não. Superação e humanidade são fontes características do meu entrevistado. Um alcoólatra vive diariamente de desafios e superação”.</p>	<p>“A importância do eu entrevistador conhecer e vivenciar a história de vida de uma pessoa que não mede a noção de como suas atitudes diárias gera admiração para quem o observa. O controle emocional será bastante externado”.</p>

ALUNO T	“Escolhi minha mãe como entrevistada para essa atividade pela facilidade maior de contato de que qualquer outra pessoa, como também por ter uma pré-disposição de afinidades com ela. Além disso, achei interessante aplicar a atividade ao meu núcleo familiar que, apesar de unido, não tenho conhecimento sobre a história dele”.	“A grande particularidade desse perfil é o fato de ele ser o primeiro que faço, além de ser feito com a pessoa mais próxima de mim por toda a minha vida”.	“Por eu já ter uma visão formada do meu entrevistado não foi difícil de determinar um para a entrevista. O processo foi simples e a abordagem ampla, sem um foco para uma característica”.	“Sempre é possível aprender coisas novas. Mesmo tendo vivido dezoito anos minha entrevistada, já aprendi novas características sobre ela e tenho certeza que aprenderei mais. Todo esse novo conhecimento é, ainda, sobre uma pessoa próxima a mim”.
ALUNO U	---	---	---	---
ALUNO V	“Eu escolhi a entrevistada pela sua história de vida, por suas contribuições na área da educação, bem como por sua vivência religiosa”.	“O perfil que estou construindo sobre a entrevistada é o primeiro que faço”.	“Não tive essa dificuldade. Apesar da entrevistada ter uma história de vida bastante intensa, acredito que o seu lado educacional – o ser professora – já é capaz de direcionar o seu perfil.	“Foi importante para que eu pudesse compreender um pouco mais sobre a história daquela que um dia foi minha professora. Compreender como se deu a escolha de sua profissão, as dificuldades, etc”.
ALUNO X	“O entrevistado viveu e ainda vive uma história	“O perfil é o primeiro realizado, embora o entrevistado	“Existiu dificuldade, já que o entrevistado exerce muitas	“A biografia é importante, pois mostra ao entrevistador a vida de outra pessoa, e

	interessante, com dificuldades, tristezas, mas principalmente e vitórias e felicidades”.	tenha uma história comum, muito parecida com a de muitos outros”.	funções”.	pode ocorrer uma indetificação”.
ALUNO Z	---	---	---	---
ALUNO W	---	---	---	---
ALUNO Y	“Escolhi essa entrevistada porque apesar dela ser uma pessoa comum, acho ela admirável pela maneira como ela se esforça na vida para fazer a família feliz, influenciar positivamente os jovens ao redor dela e ainda se preocupar com o nosso planeta”.	“Esse é o primeiro perfil que faço”.	“Sim, encontrei dificuldades, mas pretendo focar no papel dela como chefe de família e educadora”.	“Até o presente, não teve tanta importância, mas achei interessante porque passei a olhar para a entrevistada de forma diferente”.
ALUNO A1	“Para a escolha da entrevistada, levei em consideração alguns fatores como a intimidade, a confiança, a serenidade e o respeito. Além disso, analisei a relevância de seu projeto social, com o qual me identifico e	“A singularidade das ações desenvolvidas pelo seu projeto atribui uma nova conotação em relação aos outros”.	“Lançamos mão da figura, de trabalhadora, irmã, filha e adotamos o eixo do seu exercício como voluntária, como agente transformadora da realidade”.	“Permite a construção de uma visão humanista, emotiva e compreensível. Ela tem sua importância, à medida, que auxilia, na compreensão das técnicas da entrevista, na abordagem da expectativa da resposta, dentre outras”.

	admiro”.			
ALUNO B1	<p>“Eu escolhi o entrevistado porque ele já tem uma família constituída e uma vida financeira estável, e portanto, eu julguei que ele teria boas experiências de vida para compartilhar”.</p>	<p>“Acho que sempre será interessante entrevistar alguém que admiro, tanto para o lado positivo quanto pelo negativo. Felizmente, não tive surpresas negativas. Aliás, foi além do que esperava”.</p>	<p>“O meu entrevistado é engenheiro civil e pai de família. Durante a entrevista preliminar, ele abordou estes dois aspectos. Acredito que terei de escolher uma dessas temáticas”.</p>	<p>“A maneira como o meu entrevistado enxerga a vida, tentando fazer do mundo um lugar melhor começando pela família, é algo que pode ser considerado peculiar nos dias de hoje. Lindo de se ver”.</p>
ALUNO C1	<p>“Essa pessoa tem uma grande participação ativa na sociedade. Suas palavras são lidar por centenas de pessoas, através de sua escrita e seu trabalho como jornalista. Além de tudo, é uma pessoa generosa que ajuda os animais”.</p>	<p>“É um perfil que vai afetar até a maneira que encaro a minha profunda relação com o meu curso, o Jornalismo. Seu conhecimento sobre o assunto, já que atua na prática, os ensinamentos adquiridos aqui na UFRN, será valiosa para mim”.</p>	<p>“Não completamente. Algumas dificuldades que a identificam foram mal exploradas, pelo menos ainda. Consegui captar o que consegui ver e entrever pela sua atitude e palavras, humanista, ativista, jornalista e amiga. Pretendo descobrir mais facetas de sua personalidade”.</p>	<p>“Como disse vai me dar um vislumbamento do meu jeito. Além de conhecer a fundo um ótima jornalista que não deixa de seguir seus ideais e sua essência como ser humano criativo. Conhecer suas medalhas e suas falhas”.</p>
ALUNO D1	---	---	---	---
ALUNO E1	<p>“Pela vontade de encontrar a luta da mulher dona de casa, escolhi entrevistar a minha mãe. Ela teve que virar dona do lar pelo</p>	<p>“O que torna esse perfil diferente é o fato de ser minha mãe, alguém que conheço desde que nasci, e nunca havíamos tocado muito no</p>	<p>“Não encontrei dificuldades para sintetizar o perfil da minha mãe em uma única temática, acho que por já ter a ideia do que queria ao</p>	<p>“Como disse, foi uma oportunidade para minha mãe e eu sobre o que a motivou a ser dona de casa. A importância da biografia é a de que darei voz à ela”.</p>

	<p>motivo do meu pai ser militar e eles terem que mudar de cidade, além do que, coincidiu com o começo do meu crescimento – o que motivou ainda mais a escolha. As pessoas, normalmente têm um certo preconceito em torno dessas mulheres, e por isso, quis fazer a entrevista com ela”.</p>	<p>assunto e essa entrevista fez com que falássemos mais a respeito do assunto”.</p>	<p>entrevista-la”.</p>	
<p>ALUNO F1</p>	<p>“A escolha desse entrevistado se deu devido as suas escolhas como humano, o seu pensar de Deus e sua estreita relação com a depressão. Me interessou a dinâmica de vida, a união de vestibulando com portador de transtornos mentais”.</p>	<p>“Embora, esse seja o primeiro perfil feito por mim, o que o torna diferente é justamente o tom ‘comum’ que o entrevistado carrega em meio a muitos problemas de saúde e pessoal”.</p>	<p>“Sim, sintetizar em uma única temática se torna difícil tendo a abrangência da vida humana, que é profissional, que é família, que é humana”.</p>	<p>“Essa biografia foi importante para mim porque me fez refletir sobre a vida, aparentemente comum, carregada de adversidades”.</p>
<p>ALUNO G1</p>	<p>“Pois sempre admirei muito essa pessoa,</p>	<p>“O fato do entrevistado nunca desistir,</p>	<p>“Eu tentei abordar um pouco de cada</p>	<p>“Essa biografia além de ampliar minha visão para o que</p>

	<p>sua história de vida é inspiradora e também pela oportunidade de descobrir e aprofundar meus conhecimentos e aprendizados com base na sua história”.</p>	<p>sempre conseguindo passar dos obstáculos por maior que fossem. Conseguiu sair de uma situação de pobreza e depois de muitos anos de trabalho militar começou a fazer faculdade de Psicologia”.</p>	<p>função que ele tem na sociedade mas fiquei mais em sua superação de vida e membro da sociedade”.</p>	<p>acontece a minha volta e o quão as pessoas são interessantes, também me deu mais experiência na área jornalística, principalmente o ato da entrevista”.</p>
<p>ALUNO H1</p>	<p>“Por admirara a forma como ele enxerga a vida e faz das dificuldades um belo aprendizado. Além da coragem de mudar. Ao longo de sua vida, o entrevistado seguiu aquilo que achava correto e não tem medo de sair de sua zona de conforto”.</p>	<p>“Nunca havia feito outro perfil, mas acredito que cada um tenha uma singularidade a partir da temática proposta”.</p>	<p>“De certa forma sim, no entanto, o foco principal é sobre sua personalidade, simples que não perdeu a essência mesmo com as diversas mudanças de profissão e de vida”.</p>	<p>“Com ela pude conhecer ainda mais sobre a personalidade de uma pessoa que já admirava”.</p>
<p>ALUNO I1</p>	<p>“Acredito que este entrevistado tenha uma mensagem muito bonita para passar para todos nós por conta de sua história de vida, a qual conheço previamente.</p>	<p>“Não tive a oportunidade de fazer outros perfis”.</p>	<p>“Não encontrei, preferi sintetizar o perfil como sua profissão de início, agricultor, profissão simples que enfatiza toda a humanidade do entrevistado”.</p>	<p>“Conhecer o melhor ou o pior de cada pessoa no seu particular”.</p>

	Apesar de ser uma história ‘comum’, toca os nossos corações”.			
ALUNO J1	---	---	---	---
ALUNO K1	<p>“Principalmente por ser uma pessoa extremamente envolvida nas artes e na cultura, sobretudo o cinema. Além disso, a ampla bagagem artística e cultural obtida por ele ao longo dos seus 31 anos, desde a infância, é uma ótima maneira de retratar a vida de alguém que luta por reconhecimento e por seu espaço”.</p>	<p>“Esta é a primeira vez que faço uma narrativa biográfica”.</p>	<p>“Não. Por sempre ter tido contato com as artes, primordialmente com a música, abordar o perfil do entrevistado por esse viés permitirá cobrir praticamente todos os aspectos de sua vida, desde a infância até a vida adulta, casamento, passando pela adolescência”.</p>	<p>“Conhecer um pouco mais da trajetória de vida de quem se sustenta de arte e cultura num país tão monopolizado nesse aspecto como o Brasil”.</p>
ALUNO L1	<p>“Porque já conhecia sua história de vida e há acho muito interessante e diferente, principalmente e por ele ser espírita e encarar a vida de outra maneira”.</p>	<p>“Ele já passou por algumas dificuldades, desistiu de dois cursos para se dedicar as filhas, sofreu preconceito por cuidar da casa enquanto a mulher trabalhava fora, mas sempre encarou a vida da melhor forma</p>	<p>“Ele é dono de casa, pai, religioso e estudante e decidir focar no aspecto religioso porque acredito que tem muita coisa interessante para passar e também na questão de estudante porque depois de muito tempo resolveu</p>	<p>“ENTREVISTADO 33 é uma ótima pessoa, que se preocupa com o próximo e em ser tornar alguém melhor. Possui sua própria filosofia de vida e em pouco tempo de conversa aprendi bastante coisa que vou levar comigo”.</p>

		possível, procura se tornar uma pessoa cada vez melhor e passar esses valores as filhas”.	voltar a estudar aos 53 anos”.	
ALUNO M1	“Na verdade, o meu entrevistado seria outra pessoa mas devido a algumas dificuldades geográficas, optei por entrevistar um professor, no qual tenho um grande apreço e admiração. Foi um professor que marcou meu ensino médio”.	“Essa foi a primeira vez que eu realizei algo assim, então não tenho como extrair um diferencial”.	“Não senti tanta dificuldade, por que coloquei no papel apenas o que ele disse. ‘professor’, embora soubesse que além de professor, ele também fosse pai, amigo, educador e entre outras categorias”.	“Acho que conhecer mais o entrevistado e no meu caso, enxergar alguém que não é só professor do IF, mas o que de importante ele já fez, quais os seus planos e o seu passado. Como ele chegou até o que é hoje”.
ALUNO N1	“Pelo fato do entrevistado ser um político de grande importância em sua região e por uma certa curiosidade da minha parte de conhecer melhor o meio político”.	“Na verdade, esse é o primeiro. Mas sem dúvida de grande importância, tanto em vista a grande importância dele em sua cidade”.	“Não foi difícil, já que mesmo seu lado pai, avô, entre outros o que mais se destaca é o seu lado político e foi isso que me interessei”.	“Grande. Eu tenho interesse no Jornalismo Político além de admira-lo e com essa oportunidade, poder aprender com um homem tão cheio de histórias”.

**APÊNDICE I – TABELA COM PERGUNTAS POR ENTREVISTADO NA FASE 3 DO
DIÁLOGO POSSÍVEL**

Nome do aluno	Questões
ALUNO A	Como era seu relacionamento com seus pais? // Houve algo marcante nessa fase? // Qual a maior dificuldade que você enfrentou entre seus 7 a 14 anos? // Após a formação no segundo grau, você fez algum curso? // Com quantos anos você saiu de casa?
ALUNO B	Por que você voltou a estudar? // Qual foi a sua maior dificuldade?// Como você acha que essa sua atitude de voltar à sala de aula poderia refletir na vida dessas pessoas? // Qual foi o seu momento mais feliz dentro dessa sua nova vida?//
ALUNO C	Você é militante de um movimento social desde os 17 anos. Como surgiu o interesse em participar desse movimento e pelo o que você luta? // Muito se fala hoje em uma nova forma de fazer política. Como uma jovem universitária pode contribuir para essa construção e o que você considera ser essa “nova política”? // Você consegue relacionar algum fato da sua infância com sua forma de atuação nesses movimentos sociais? Há apoio dos seus pais? // Qual é a melhor e a pior parte de fazer parte desses movimentos sociais? //
ALUNO D	---
ALUNO E	Como era sua vida quando criança? Você era apegada a alguém? Aos irmãos? // E o seu nome? Qual foi a ideia, de onde ele surgiu? // O que te fez gostar tanto de atividades físicas? Você era muito ativa quando era adolescente? // Você estava preparada para o casamento quando se casou pela primeira vez? Teve algo que não ocorreu de acordo com as suas expectativas? // Depois de passar por divórcios e nascimento de filhos, qual é a maior lição que você tirou da vida? Se arrepende de alguma coisa?
ALUNO F	Há algo ou algum acontecimento de sua infância que influenciou em sua personalidade? // Fale um pouco sobre sua família // Qual sua profissão e porque a escolheu? // Quais as grandes mudanças e marcos da sua vida? // Como chegou aqui e o que a vida lhe ensinou?
ALUNO G	Recentemente você se formou em pedagogia, você pretende exercer a profissão ou de repente conciliar as carreiras de pedagoga e ilustradora? // Mediante o hoje, como você projeta o seu futuro? // O que você faz para construir um mundo melhor? // Como era seu estilo de vida?
ALUNO H	Como ocorreu a escolha de seu curso e sua universidade? // Por quanto tempo esteve inativa nos estudos? // Quais as maiores dificuldades enfrentadas ao retomá-los? // Qual a importância da sua profissão para o cotidiano das pessoas? De que maneira ela contribui para uma mudança positiva do mundo?

ALUNO I	Qual foi a melhor fase da sua vida? Ou está sendo agora? // Como foi sua juventude? // Nesses últimos 5 anos, o que mudou na sua vida?// Quando você tinha de 7 a 14 anos, você tinha obrigações? // Agora você faz Artes Plásticas, quais suas influências na infância? // Sua mãe te influenciou para fazer Engenharia Florestal e Artes? // Com quantos anos você começou a trabalhar? // Você tinha medos durante a infância? // Quando você saiu de casa? // Por que você veio para o Rio Grande do Norte? // E a sua irmã mais velha? A única [dos irmãos] que você tem contato ainda? // O que você conseguiu realizar? // Como foi a sua transição de engenheiro florestal para virar artista? // Quais suas expectativas para o futuro?
ALUNO J	Você se arrepende de algo que fez ou que não fez? // O que diferencia você das outras pessoas? // Se você pudesse apagar algum trauma da sua vida, você apagaria ou acha que foi algo que te tornou alguém melhor? // Depois de passar peça sensação traumática, de sua vida, como foi sua readaptação a vida rotineira?
ALUNO K	---
ALUNO L	---
ALUNO M	Como foi sua infância? // Como as pessoas ao seu redor reagiram com a sua escolha profissional? // O que de melhor a sua profissão lhe proporcionou? // Quem você possui como inspiração? Por quê? // Sente um vazio ao ver que seus filhos estão crescidos?
ALUNO N	Qual a figura humana que você mais admira nesse mundo?// Ela lutou em que sentido? // E por que ela criou esse nove filhos sozinha?// Dessa época, qual é a lembrança mais forte que você tem?// E como essa vida de sacrifícios que sua mãe teve refletiu na sua vida já adulta?// Qual foi a principal mudança na sua vida nos últimos 25 anos?// Para qual estado você foi morar e por qual motivação?// Chegando a São Paulo você foi morar na casa de quem, como foi esse início?// Você passou muito tempo nessa empresa?// Como eram seus patrões? // Quanto tempo você passou em São Paulo?// Ainda voltando a sua infância, qual a lembrança mais antiga desse período que você tem? // Além dos nove filhos a família era muito grande? // Tinha algum parente do que a senhora tinha alguma aproximação maior? // Nesse momento em que você fala deles em que você está pensando?// Perder esses exemplos foi uma perda muito dura?// E mudando um pouco de assunto, dos tempos de escolas, como foi esse período?// O que te fez vir morar aqui no Rio Grande do Norte? // Existe algum arrependimento de ter ido morar em São Paulo e depois no Rio Grande do Norte?// Nesses últimos 25 anos qual foi a maior mudança que você teve de passar?// Como foi descobrir a maternidade? // Qual a principal lembrança que você tem da infância do seu filho?// De algum modo você compara a infância dele com a sua infância?// A senhora parece que está olhando pra algum canto, não aqui no espaço em que estamos, mas em algum canto no tempo, pra onde a senhora está olhando?// A senhora tem alguma religião?// Na sua concepção o que é fé e onde você acha que reside a fé nas pessoas? // Hoje em dia você acredita que faz diferença na vida das pessoas?// Pra encerrar, o que a Maria do

	Socorro com 54 anos diria, se fosse possível, para a Maria do Socorro que saiu de casa com 25 anos?
ALUNO O	Quando surgiu o seu interesse pela psicanálise e como você a relaciona com o seu trabalho? // Devido ao seu trabalho como policial, você precisou desistir do mestrado, você se arrepende? // Você pretende ter uma formação em psicanálise?
ALUNO P	Rússia e Cabo Verde são países bem distintos, como é pra você ser natural dessas duas tão distintas nações? // Com qual idade você se mudou pra Cabo Verde? // Você conhece muitos Cabos Verdianos que moram em natal?
ALUNO Q	---
ALUNO R	---
ALUNO S	Que melhor palavra descreve sua vida? // Qual foi o momento mais feliz e mais difícil da sua vida? // Qual pessoa ou quais pessoas mais lhe influenciou? // Como você descreve sua infância? Como era o convívio familiar com pais e irmãos? // Quais as melhores lembranças da sua vida escolar? // Quem foi seu grande amor? // Qual a sua crença? Qual o papel a fé desempenha na sua vida? // Você busca a felicidade ou já a encontrou? // Uma música, um cheiro, um momento, uma saudade? // Você desenvolveu um trabalho inspirador com seus alunos e que já é de conhecimento de muitos. Há um lado seu que é de conhecimento de poucos. Que momento da sua vida deu-se o querer de adotar seus alunos como legítimos filhos? //
ALUNO T	Com qual espaço/universo da sua vida (familiar, profissional, político, etc.) você mais se identifica? // Por quais locais você já passou graças a esse universo e por quais pretende passar? // Há dez anos, como você se imaginava nos dias de hoje? Suas expectativas foram correspondidas?
ALUNO U	---
ALUNO V	O que conseguiu realizar? // O que ainda quer fazer? // Após a aposentadoria, conseguiu encontrar um novo ritmo de vida? // Como cuida do corpo e da memória? // Como lida com as perdas? // Como se relaciona com as gerações mais jovens?
ALUNO X	Como consegue conciliar o trabalho com as responsabilidades de pai, marido e chefe de família? // Como e quando começou sua vida profissional, e como ela se desenvolveu do início até hoje? // Você perdeu sua mãe com apenas dois anos, e viu sua tia virar madrasta em pouco tempo. Seus nove irmãos não foram criados todos juntos. Em algum momento você se viu afetado de forma negativa por essa situação? E em termos de relação familiar? // Quais valores a infância pobre proporcionou a você, que devem ser repassados aos seus filhos, que vivem uma realidade diferente da sua, na mesma idade? // Esses valores adquiridos na pobreza, e também os no sucesso, regem sua vida profissional e pessoal

	atualmente?
ALUNO Z	---
ALUNO W	---
ALUNO Y	Como o contato direto com estudantes mudou/influenciou sua vida? // Como você se adapta a cada ano às mudanças de turmas? Como se sente? // Você acha mais difícil lidar com seus alunos ou com seus filhos? // Já chegou a comparar a maneira que trata seus filhos e que trata seus alunos? // Você acha o trabalho ou a vida doméstica mais difícil?
ALUNO A1	Qual a relevância do projeto para sua vida? // Recentemente, o projeto passou por alguns problemas internos, como o corte de algumas bolsas, o que motiva você a seguir em frente? // O que almeja com essa atitude?
ALUNO B1	Sua família e amigos sempre foram de acordo com sua escolha profissional? // Como cristão, você tenta fazer alguma diferença no seu trabalho? // Dentro do seu ambiente de trabalho, você já sofreu algum tipo de preconceito por causa da sua crença? // Você já enfrentou alguma dificuldade ao exercer sua profissão?
ALUNO C1	Como você vê o mercado de trabalho na área que esta atuando? // O que te deixa mais humana na vida, que te toca mais? // Como você vê essa sua viagem que fez agora? Que etapa na sua vida ela simbolizou? //
ALUNO D1	Da onde surgiu o seu interesse de continuar seus estudos no Brasil? // Quais as principais dificuldades que encontrou quando chegou ao Brasil e o que fez para superá-las? // Quais fatores a levou para escolha do curso de Psicologia? // Como funciona esse projeto de ação social com enfermos psicológicos que você participou em seu país? // O que você mais aprendeu com esse projeto? Gostaria ou faz algo parecido no Brasil? //
ALUNO E1	Como foi a sua infância e adolescência? // Você escolheu ser dona de casa? // Há um pré-conceito na sociedade de que dona de casa não trabalha. Você poderia dizer a sua rotina?// Sente vontade em voltar a exercer a profissão de professora, já que fez Magistério? // O seu marido ainda é militar? // Ele, agora que não mais trabalha nas Forças Armadas, divide o trabalho do lar com você? // E a sua filha? Está com quantos anos? // Você e seu marido tiveram outros filhos? // Já que as motivações para você tornar-se dona de casa foram a filha pequena e a constante mudança de cidade por causa da profissão do marido, agora que ela está maior de idade e ele está aposentado; o que você ainda quer realizar ou continuar realizando?//
ALUNO F1	Qual foi o momento mais feliz da sua vida? // Qual foi o momento mais tenso/triste da sua vida? // O que você gostaria de fazer se você pudesse fazer tudo e qualquer coisa? // Como funciona a sua rotina de estudos/afazeres de casa? // Do que você mais se arrepende? //

ALUNO G1	Houve algum acontecimento que marcou a sua você? O que você poderia dizer que é sua filosofia de vida? // Trabalhar na área militar foi o que você sempre quis? Em relação à sua profissão na aeronáutica, era o que você esperava ou te surpreendeu em algum ponto? // Como foi pra você servir no Haiti? Quais os pontos positivos e negativos? // O que você acha que iria querer fazer para sua vida se não fosse pela necessidade de estabilidade financeira? // Como foi para você começar a cursar psicologia depois de tantos anos? E o que te fez trancar a matéria?
ALUNO H1	Como foi pra você encarar por mudanças de coisas que eram, de certa forma, certezas na sua vida? // Qual o papel da sua família e das pessoas ao seu redor (amigos) quanto à sua tomada de decisões e posteriormente a elas? // Em algum momento você se sentiu mais ou menos realizado? // O que você aprendeu no seminário que leva para a vida? // O que você espera dos anos futuros? //
ALUNO I1	Diga uma data marcante em toda a sua vida // O que pode dizer que conseguiu realizar? Tem ainda planos pro futuro? // Uma alegria // Pode dizer que é completo? Ou sente que falta algo? // Como lida com o envelhecimento?//
ALUNO J1	Cada pessoa que passa pela vida tem uma luta marcante, qual é a sua? // Como você descreveria as dificuldades que enfrenta no dia a dia?// Como você enxerga a sua existência no mundo? // O que você espera passar para as pessoas que acompanham a sua luta? // Quais são os seus anseios e desejos para o futuro?
ALUNO K1	Desde muito cedo você teve contato com a arte na forma da música. Quando exatamente você teve consciência de que gostava disso e que poderia viver da música? // Ainda na sua infância, você estudou no Centro de Educação Musical de Olinda. Como você fazia para conciliar essa atividade com as da escola? E com os seus hobbies? Quais eram elas? // Qual momento você considera o mais feliz da sua vida? // Qual momento você considera o mais triste da sua vida? // Além da música, você também é muito atuante no cinema. Como exatamente ele começou a fazer parte da sua vida e como ou quando você viu que poderia fazer dessa arte sua profissão? // A gente sabe que ser artista é sempre estar em busca de reconhecimento. Conta para gente como é essa jornada para você. // Como artista, você se considera realizado e feliz? O que ainda falta?
ALUNO L1	Você sofreu algum preconceito por ser dono de casa e cuidar das filhas enquanto sua esposa trabalhava fora? // Esse preconceito foi mais por parte da família ou da sociedade? // Por que você acha que à sociedade é preconceituosa com os homens que cuidam da casa e dos filhos enquanto a esposa trabalha fora? // Com quantos anos você fez seu primeiro curso? // Em que momento você trancou o curso e começou outro? //
ALUNO M1	Quais foram as principais dificuldades que você encontrou para chegar ao que você é hoje (professor)? Conte-me mais sobre os motivos que o levaram a pensar em desistir da graduação. // Você se considera um bom pai? Ser pai foi algo planejado ou surpresa? Qual o seu conceito de família? // Se você não fosse o que é hoje, nem fizesse o que faz hoje, o que você se imaginaria fazendo e onde? //

	<p>Em que você acredita? A religião está presente no seu dia a dia? Quem é Deus para você? Alguma vez você precisou de provas para crer nele? Mudou de religião? Conte-me mais das suas crenças? // Como você se vê daqui a 30 anos? Quais as suas perspectivas de futuro pessoais e profissionais?</p>
ALUNO N1	<p>O senhor possuiu quatro mandatos, o maior número que Boa Saúde já teve, se vê como alguém não só influente, mas amado pelo povo? // O senhor acredita que tenha sido um bom político para a cidade? Ou seja, trouxe melhorias para a cidade, cite algumas // Qual seu ponto de vista a respeito dos políticos serem vistos sempre como corruptos e ladrões no Brasil, é possível ser honesto, principalmente em uma cidade pequena?// Se sente uma pessoa realizada? Acha que o Paulo de Souza de 1977, seu primeiro mandato, se orgulharia de quem é hoje e de tudo que conquistou? // O povo reconhece tudo isso?</p>

ANEXO A – NARRATIVAS BIOGRÁFICAS COM A EDIÇÃO FINAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
 CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
 COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
 DISCIPLINA: SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO
 DOCENTE: MARCELO BOLSHAW GOMES
 DOCÊNCIA ASSISTIDA: KASSANDRA MERIELLI LOPES
 DISCENTE: ALUNO B
 NARRATIVAS BIBLIOGRÁFICAS

3ª FASE DA CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS BIBLIOGRÁFICAS

Entrevistada: ENTREVISTADO 2

ENTREVISTADO 2 após passar mais de 17 anos sem ir a sala de aula, retomou os seus estudos ao acompanhar seus filhos, em pouco tempo, a mulher que tinha aprendido a ser adulta tão cedo, com diversas dificuldades, voltou à estudar, fez o ENEM e passou no curso de Tecnologia em Gestão Ambiental pelo IFRN, onde também conseguiu a conclusão do ensino médio através do ENEM. Hoje, Cleide já concluiu o curso e sonha com um emprego em sua área – pela qual é apaixonada – e mais, a jovem mãe guarda em seu olhar desejos sonhos de melhorar de vida e faz tudo que está ao seu alcance para proporcionar uma vida cada vez melhor para os seus filhos.

Destacar uma história como a de ENTREVISTADO 2, é mostrar para todos que é possível recomeçar e que as dificuldades não são pedras no caminho, mas sim, a real confirmação que sonhos são almejados. Com Cleide, aprendemos que dificuldades nos impulsionam para frente. “Basta uma vontade interminável de vencer e uma razão para continuar”. – Revela ENTREVISTADO 2.

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.

“Eu precisava acompanhar meu filho, ele teve um problema de saúde e isso fez com que eu precisasse acompanhar ele a escola, na época, a escola mais perto da minha casa só tinha o nível escolar dele no horário noturno, e aí, após um dia de trabalho, eu o acompanhava. Mas eu ainda queria mais, ao ver aqueles adolescentes indo para a sala de aula, eu também comecei a ter o desejo de participar daquilo, foi aí que eu me matriculei e recomecei meus estudos.” – diz ENTREVISTADO 2.



Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) – Comunicação Social-
Jornalismo 2016.1
Discente: ALUNO C

Etapa 3

Mais conhecida como Kell, ENTREVISTADO 3 é uma jovem de 22 anos. Universitária, acredita que esse espaço do saber significa mais do que assistir aulas. Para ela, é espaço de luta política e organização. Inquieta e observadora, percebeu desde muito cedo as injustiças da vida. “Quando eu tinha 15 anos, um dos meus amigos, que morava em frente a minha casa, foi assassinado pela PM e ele tinha a mesma idade que a minha. Quando o assassinaram, para mim foi um choque ver a diferença de vida que a gente tinha, do que a gente acessava para o que ele não acessava. Tanto que, quando me organizei no Levante, umas das pautas que mais me tocavam era a pauta do extermínio da juventude da periferia”.

Sua convicção sobre política reforça ainda mais o desejo de estar organizada. ENTREVISTADO 3 representa uma juventude disposta a contribuir no que ela chama de reforma política. Acredita que para isso é necessário novos sujeitos fazendo política, em que a juventude seja dona dela mesma, sendo os próprios jovens protagonistas de suas próprias pautas políticas. Sua vida particular e sua vida política parecem uma coisa só. Seu olhar forte complementa as duras palavras de ordem que a todo tempo reafirmam a importância de se organizar e anunciam a não desistência da luta. “Esse processo de impeachment, que a gente considera como golpe, não veio para acabar com as forças da juventude que está em luta, não coloca um sentimento de derrota. Pelo contrário. Eu acho que esse é o momento de estar se colocando em resistência e a gente faz isso balançando as bandeiras que a gente quer ver dentro da universidade.”

Sobre a experiência:

O ponto inicial de qualquer jornalista é ouvir histórias sem sequer desprezá-las. Todo ser humano tem uma história para contar. Seus relatos são singulares e neles podem conter ótimas narrações jornalísticas. Ouvir a ENTREVISTADO 3 reforça ainda mais o papel de escuta do jornalista. Conhecer uma jovem “comum”, universitária é ao mesmo tempo se identificar com sua história e perceber que na simplicidade de qualquer indivíduo há um relato de vida que precisa ser conhecido.

Escutar contos assim é apropriar-se de suas histórias de vida e aplicá-las na profissão de contá-las.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
 CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
 DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
 JORNALISMO
 DISCIPLINA: SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO
 DOCENTE: MARCELO BOLSHAW KASSANDRA MERIELLI
 DISCENTE: ALUNO D

FASE 3: MAPA CONSTRUÇÃO

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.

- O que você acha dessa briga entre a heterossexualidade e a homossexualidade?

Eu acho que é um desperdício de tempo, porque a maioria das pessoas que defendem um hétero... você não vê, por exemplo, um heterossexual ser agredido por estar beijando alguém do sexo oposto, já o homossexual não, mas isso porque? Porque existe um preconceito já difundido devido a sociedade machista e patriarcal, e a gente tem que aprender a respeitar as diferenças. Porque se todo mundo fosse igual ia ser um saco, então viva a diferença, viva a sociedade.

- De qual lado você está?

Como assim? [risos]

- Sexualmente falando.

Eu acho que eu... é porque eu não gosto de rotulações, mas se existe as rotulações, eu poderia dizer que sou bissexual, eu sinto atrações por meninas, mas o percentual é bem mais baixo, comparado aos meninos, então eu sou bissexual.

O QUE ESSA ATIVIDADE (INCLUINDO AS TRÊS FASES) SIGNIFICOU PARA VOCÊ?

Bom, toda atividade que eu tenho a oportunidade de realizar, tem um significado diferente para mim, mas essa particularmente, teve algo a mais que eu não sei explicar. Fazer uma biografia, mesmo que de um modo não convencional, é uma coisa única. Você ter a chance de realmente conhecer uma pessoa tão profundamente, mesmo que essa pessoa seja alguém próximo, mesmo que você já saiba algumas coisas sobre a vida dela, você nunca sabe de tudo,

e isso que é tão surpreendente. Ver o quanto aquela pessoa confia em você a ponto de contar toda a sua vida sem fazer nenhuma objeção, é algo muito surpreendente, singular.

**Atividade da estudante ALUNO F*

Entrevistada: ENTREVISTADO 6

“Quando tinha 17 anos comecei a namorar com Fabio, começamos a ter um relacionamento sério. Tudo aconteceu muito rápido, ele foi meu primeiro amor, primeira relação, primeiro tudo. Logo em seguida engravidei, tive Fabinho, e quando Fabinho tinha um ano e seis meses, Fabio faleceu, pra mim foi dormir menina e acordar mulher, com muitas responsabilidades. Vai fazer 18 anos, mas parece que foi ontem. Eu choro, mas de emoção, porque eu tive um grande amor em minha vida, muitas perguntas me surgiram, perguntava a Deus porque isso tinha acontecido comigo, na época não tive resposta, mas hoje tenho, eu sei que ele tinha que plantar esse amor em mim.”

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
DISCIPLINA: SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO
DOCENTES: MARCELO BOLSHAW GOMES
KASSANDRA LOPES
DISCENTE: ALUNO M

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.

- Como é sua relação com seus familiares?
- Boa, graças a Deus. Temos uma grande amizade e carinho.
- Quem você possui como inspiração? Por quê?
- Meus dois filhos. Porque, apesar de todas as dificuldades, eles estão sempre felizes e isso acaba me contagiando.
- Sente um vazio ao ver que seus filhos estão crescidos?
- Não, pelo contrário. Tenho o prazer de poder ver que os dois cresceram e estão batalhando para vencer na vida, se tornando verdadeiros homens. Isso torna-se uma felicidade para os pais.

Relato da Experiência

Essa atividade me fez perceber um outro lado possível para se produzir uma biografia. Quebrou aquela imagem que eu tinha construída na mente de biografia ser algo linear, que aborda toda a vida do entrevistado, desde a infância até algo futuro. Além disso, me possibilitou conhecer partes da vida de meu pai que talvez, se não fosse por essa atividade, eu não teria a curiosidade de perguntar.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
Departamento de Comunicação Social
Sociologia da Comunicação
2016.2

Docente: Prof. Marcelo Bolshaw.
Docência assistida: Kassandra Lopes.
Discente: ALUNO N

Sonhos de liberdade

A vida poderia ser um simples relato de partidas e chegadas, principalmente se fossem contados a partir da perspectiva de ENTREVISTADO 13, pernambucana de nome longo, mas de atitudes bastante centradas e objetivas.

A vida se fez de exemplos e para ela a sua mãe é o grande ponto de partida, pois nas décadas passadas não era mais fácil criar nove filhos praticamente sozinha.

E se a vida se faz de partidas e chegadas a grande virada na sua vida foi sua ida para São Paulo, outrora a capital econômica do Brasil, era o símbolo para muitos nordestinos de ascensão e liberdade.

E foi justamente por essa liberdade em sua cabeça juvenil que ela partiu em busca de seus sonhos, não tinha nada muito definido como meta, só queria se sentir livre.

A rodoviária de Palmares, sua cidade natal, estava em festa, amigos, vizinhos e parentes festejavam sua viagem, o ônibus da Itapemirim a esperava, ao fundo e não se sabe de onde, a música “*subindo no trem azul*” do Grupo Roupas Nova tocava, mas o azul daquele trem, que representava a liberdade, logo se transformou em ilusão, pois cidade grande, naquela época, não parecia ser um lugar ideal para uma mulher independente a vida e não se pode ser livre se não for pra ser feliz.

Hoje, depois de casada e com um filho, não se arrepende de nada, apenas sente falta daquela proteção que tinha na casa dos pais que é agora apenas uma lembrança de infância.

Hoje, com 54 anos prefere olhar para aquela antiga rodoviária e dizer para aquela jovem sonhadora de 25 anos, que queria plena liberdade, que não se arrependa e faça tudo outra vez.

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Sociologia da Comunicação Turma: 24T12
Docente: Marcelo Bolshaw
Docência assistida: Kassandra Lopes
Discente: ALUNO O

Narrativa biográfica.

Entrevistado: ENTREVISTADO 14

Atividade profissional: Policial Militar.

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.

Às vezes me pego pensando, sobre como estaria hoje se tivesse tomado outro rumo, tipo, ter continuado na educação, não ter ingressado na polícia. Mas tal pensamento não classifico como arrependimento, acredito que nada nesta vida é fruto do acaso, se estou onde estou é porque é aqui que devo estar, isso não me condiciona a aceitar tudo passivamente, mas a saber reconhecer o meu papel enquanto agente primordial na construção do meu caminho. Então, não me arrependo, pois ainda tenho muito que caminhar e que cada passo dado possa me levar aonde devo chegar.

Relato da experiência narrativa biográfica

A possibilidade de estabelecer uma interação sem uma pesquisa prévia com ENTREVISTADO 14, o entrevistado foi algo interessante, isso porque fez com que se não gerasse uma expectativa alta na abordagem de um determinado conteúdo. Além disso, ENTREVISTADO 14 foi bastante empenhado e atencioso em participar do relato, em dispor seu tempo para falar um pouco da sua história de vida. O ato de entrevistar não deve ser visto como mais um recurso para se ter informações, mas é preciso atentar-se para realmente ouvir o que o outro tem a dizer. Todo indivíduo tem algo importante para dizer.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM RADIALISMO
DISCIPLINA: SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO
DOCENTE: MARCELO BOLSHAW
DISCENTE: ALUNO Q

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.

ENTREVISTADO 16, 23.

Artista de múltiplas inspirações, inclusive ela mesma. ENTREVISTADO 16 tem como característica a auto transformação. Caleidoscópica. De espírito livre e autonomia aguçada, não prende-se ao estético, liberta-se no comportamental. Para encontrar-se, criou uma personagem que lhe deu a força e a auto afirmação de poder ser quem sempre quis ser. Quer influenciar aos outros assim como influência a si mesma. ENTREVISTADO 16 quer ser vista, mas não quer ser encontrada. Tem nos olhares alheios um de seus maiores prazeres, no entanto não quer que saibam onde está e o que faz.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO
DOCENTES: MARCELO BOLSHAW E KASSANDRA LOPES
DISCENTE: ALUNO T

Fase 4 do trabalho das narrativas biográficas

Me identifico muito sendo mãe e esposa. Sou aceita de qualquer maneira no meu universo familiar. Tive oportunidades ímpares de visitar lugares essenciais para a formação da minha pessoa. Conheci e fui conhecida por bastante gente. Me relacionei com diferentes formas de pensar e espero ter deixado um pouco da minha forma para que outras pessoas se relacionem e identifiquem.

Sempre imaginei a base da minha vida como ela é, com marido e filhos, mas teria feito mais por mim se pudesse voltar no tempo. Teria terminado meus estudos e teria uma formação mais composta. Assim, faria mais, também, para minha família.

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

COMUNICAÇÃO SOCIAL-JORNALISMO

DISCIPLINA: SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

DOCENTE: MARCELO BOLSHAW

DISCENTE: ALUNO X

NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

FASE FINAL

Natal, 30 de outubro de 2016

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.

ENTREVISTADO 20 não foi uma criança diferente das outras, de famílias simples, vindas do interior do Nordeste. Viveu uma infância pobre, trabalhou desde os sete, e até perdeu a mãe aos dois. Como bom trabalhador, mesmo tendo começado muito cedo já fez quase tudo. Vendeu sacolas de papel, para compras, na feira onde seu pai trabalhava; também fabricou sandálias de couro; trabalhou em um escritório de contabilidade e deu aulas de informática.

A realidade dura e a probabilidade de continuar, impulsionou a certeza de que não terminaria sua vida com a mesma perspectiva do mundo com que a começou, e havia apenas uma forma de inversão da situação, perseguir o necessário: o conhecimento, seja com estudo ou trabalho, não importa, desde que sejam experiências novas e enriquecedoras; foi isso que ele fez.

A vida? Ádua e injusta. Reclamações? Nenhuma. Não foram, algumas poucas turbulências, neste avião desgovernado que é a nossa existência, que o abalou. Em 1987, foi contratado pela Petrobrás, onde está até hoje; na época, ainda apenas com um curso técnico. O sonho de um diploma, que parecia impossível para um jovem pobre do interior, numa realidade de décadas atrás; só pode ser concretizado após vários vestibulares, bem-sucedidos; como também alguns cursos abandonados; mas sim aconteceu. A vida? É fato, ela dá muitas voltas.

Impressões do trabalho biográfico

Produzir uma biografia é simplesmente ouvir, respeitar e se envolver na história de outra pessoa. Não há dúvidas, da experiência enriquecedora que este trabalho pode oferecer, um intercâmbio de costumes e realidades; uma oportunidade, no meu caso, de conhecer a vida do meu pai, que claramente se torna também um relato da minha existência.

Uma possibilidade de escrever com mais profundidade, e que em algum momento, quem escreve poderá se identificar ou emocionar, assim transformar o comum em algo que deve ser contado.

UFRN - CAMPUS NATAL - DECOM
DISCIPLINA: SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO
PROFESSOR: MARCELO BOLSHAW
ALUNA: ALUNO Y

MAPA SOCIOLÓGICO - FASE FINAL
ENTREVISTADA: ENTREVISTADO 21

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.

Exemplo de como ser uma “pessoa comum”. Mãe e professora com 54 anos. Ela havia se formado em outra área quando por necessidade de ajudar a família passou a ensinar a um aluno com deficiência e descobriu que sua vocação era na área da educação. Formou-se de novo, começou a ensinar e não parou mais. Ensina há mais de 30 anos, fazendo sempre questão de saber como anda a vida dos alunos, se pode ajudar de alguma forma e tentando ensiná-los principalmente sobre diversidade e tolerância religiosa. Afirma que o contato direto com estudantes, com a alegria contagiante deles, influenciou positivamente a vida dela, criando a vontade de sempre dar aulas boas, interessantes e divertidas para fazê-los sorrir. Diz ainda que o aprendizado é mútuo e que se sente realizada e feliz quando eles têm sucesso, pois torce muito por eles. Trabalha voluntariamente num projeto ecológico, pois acredita em defender o ambiente, na defesa da vida e em trabalhar a questão da não-poluição. Quando perguntada se acha mais difícil lidar com os filhos ou com os alunos, ela responde rindo que acha mais difícil lidar com os filhos e diz “Santo de casa não faz milagre”.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Comunicação Social
Sociologia da Comunicação
Discente: ALUNO A1

Mapa Sociológico (Combinação entre fala e imagem)

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.

A arte deve invadir as diferentes esferas da comunicação. Temos que debater cultura nas escolas, nas praças, nos centros públicos. À medida em que construímos uma sociedade mais justa, percebemos que a arte é uma ferramenta transformadora. Não podemos nos deter à ignorância, ao descaso intelectual e cultural. Vamos expandir o teatro, a literatura, a dança, a música para as periferias, para as comunidades mais carentes. São nesses espaços que devemos atuar e conter os altos índices de violência e criminalidade. Se o poder público não cumpre com suas obrigações, cabe a nós, às ONG's, aos projetos sociais, às escolas, às instituições religiosas tomarem uma atitude de mudança, contribuindo com o futuro de milhares de crianças e adolescentes, rompendo com a segregação socioespacial, a discriminação e o preconceito.

ENTREVISTADO 22

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE –UFRN

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

DOCENTE: MARCELO BOLSHAW

DISCENTE: ALUNO B1

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.

Biografia

ENTREVISTADO 23, 30 anos, desde muito cedo percebeu que era seduzido por uma atração inevitável, avassaladora e desenfreada: a paixão pela matemática. O fascínio por essa disciplina o acompanhou até a juventude, momento no qual ele teve que fazer a escolha que todo vestibulando precisa. O afeto pelos números já dava a dica; tinha que ser um curso que tivesse o cálculo como matéria prima. Porém, foi recebendo conselhos de amigos que Francieudes decidiu ingressar na Engenharia Civil.

Mas nem só de matemática vive este homem. Sendo um cristão protestante a mais de dez anos, a fé é um pilar condutor na vida de ENTREVISTADO 23. Ele acredita que tudo o que faz tem que ser para a glória de Deus, começando pela maneira como trata sua família e perpassando na sua postura ética no trabalho. Como humano, ele reconhece ter falhas, mas sabe que tem uma meta a ser seguida.

Na opinião dele, a luta para fazer deste mundo um lugar melhor tem que partir de uma visão micro, iniciando-se com a família. ENTREVISTADO 23 se esforça para ser um bom marido e um bom pai, e acredita que precisa primeiro se sustentar para em seguida pensar em ajudar o próximo e ensiná-lo o caminho para o estudo e o avanço social.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO
DOCENTE: MARCELO BOLSHAW GOMES
DISCENTE: ALUNO C1

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.

“O trabalho na área de comunicação social, atualmente aqui no estado, ele é muito ruim. Não tem tantas oportunidades, tem baixa remuneração e não é atrativo pra gente que está se formando há pouco tempo. Por que além de trabalhar muito as pessoas ganham pouco. Além disso, elas não são valorizadas da maneira que deveriam.”

- ENTREVISTADO 24

UFRN – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE CENTRO DE
CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
SOCIAL DISCIPLINA: SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

FASE FINAL - NARRATIVA BIBLIOGRÁFICA

ALUNO D1

Atividade referente a Fase Final do Mapa Sociológico, orientada pelo docente Drº Marcelo Bolshaw Gomes e inspirada no modelo A) Combinação entre Diálogo e Imagem, com base nas edições do projeto “Humans Of New York”.

NATAL OUTUBRO DE 2016

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.

“Quais fatores a levou para escolha do curso de Psicologia?”

“Eu acho que esse é o meu jeito para poder mudar o mundo.”

“O que lhe deixa mais satisfeita e feliz consigo mesma?”

“Cumprir as minhas metas e os meus planos”

“Há quanto tempo está no Brasil e porquê o seu interesse de continuar os estudos aqui?”

“Estou no Brasil faz 3 meses e vim especificamente pela língua, além de achar o Brasil muito interessante, ele é muito diferente dos países da América Latina.”

“Qual a principal dificuldade que encontrou quando chegou ao Brasil?”

“A língua, pois é muito difícil chegar a um lugar onde não entende nada, a comunicação é muito difícil, mas agora eu estou bem melhor, eu estou bem.”

“Você já participou de projetos ou trabalhos na área de psicologia?”

“Sim, no Centro de Atenção Psicológica do México, lá a assistência é gratuita e é algo muito prático, então eu fiz terapias psicológicas com crianças e adultos.”

“O que você mais aprendeu com esse projeto?”

“Eu acabei amando mais a minha ocupação, quando as pessoas agradecem pela ajuda faz tudo valer a pena.”

“Você acha que está seguindo o caminho certo para os seus sonhos?”

“Eu estou. Até agora fiz o que eu tinha planejado.”



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO DISCIPLINA:
SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO
DOCENTE: MARCELO BOLSHAW
DISCENTE: ALUNO II

Narrativa Biográfica

ENTREVISTADO 30, 68.

Um homem que tem como característica a alegria e o seu amor pela família. Traz consigo a conquista de formar os três filhos e o desejo de ver a formatura de seus netos. Seu único plano é ser feliz, está sempre com um sorriso no rosto e amor pra distribuir por onde passa. Não tem medo de envelhecer e quando perguntado sobre isso, diz: “Não tenho problemas com a idade não, é normal ficar velho, ruim é pintar o cabelo, se pintar o cabelo tem que pintar o bigode e a sobrancelha. Melhor deixar os grisalhos, é sinal de experiência”.

A foto foi ocultada nesta dissertação para resguardar entrevistados e entrevistadores.